ÍNDICE

Nota Prévia 1

Ary dos Santos, *Tempo da Lenda das Amendoeiras* (excerto)... 3

Textos de Alunos

Maria Idália Simões, *A Cigarra e a Formiga* 4

Isabel Castro Lopes, *O Veado e o Cão* 5

Preciosa Tomaz Patuleia, *O Fato Novo do Imperador* 6

Maria Albertina Silva, *A Cigarra e a Formiga* 8

Robert Paul de la Cal, *Mestre Finezas* 9

Marina Brandão Lucas, *A Reunião* 10

Isabel Castro Lopes, *Uma História de Família* 13

João M. Gonçalves Pereira, *O Boi Cardil* 14

Elsa Webb Gonçalves Pereira, *O Rei e o Sal* 16

Maria Pereira, *Histórias da Avó* 17

Emília Gomes da Costa, *O Louco* 19

Emília Gomes da Costa, *Terra* 21

Mª Eugénia Malta de la Cal, *Dois contos populares* 23

Fátima Barradas, *O Sacristão* 24

Mª Luísa Couto Lopes, *As Obras de Santa Engrácia* 25

Manuela Muchenga, *Lenda de Santa Iria* 26

Margarida B. Almeida, *A Galinha dos Ovos de Ouro* 27

Maria Vitória Cruz, *O Contrato* 28

Francisco Afonso, *A Cigarra e a Formiga* 30

Maria José Duarte e José Duarte, *Três Lendas* 32

Maria José Duarte, *A Lenda da Costureirinha* 34

Luís Nunes, *Conhecimento e Sabedoria* 35

Maria Albertina Silva, *Niquita* 37

Maria de Lourdes Fortes, *Imbondeiro* 39

Maria de Lourdes Fortes, *A Pomba e a Formiga* 40

Judite Durão, *O Velho, o Rapaz e o Burro* 41

Maria Idália Simões, *Uma Família Transmontana* 42

Maria Idália Simões, *Só um Milagre!* 44

Maria Vitória Cruz, *Vozes do meu Bairro* 45

Maria Idália Simões, *Paixão* 48

Mª de Fátima Salgueiro, *Aconteceu na Antiga China* 49

Maria Idália Simões, *A Eterna Maravilha* 50

Maria Idália Simões, *A Páscoa* 51

Ana Carvalhais, *A Fera e o Cordeiro* 53

Ana Carvalhais, *O Enfermo e os Médicos* 55

Ana Carvalhais, *Promessa Trocada* 59

Marina Brandão Lucas, *Bukhara. Uzbequistão* 66

Marina Brandão Lucas, *Saudades da Minha Rua* 70

Maria Idália Simões, *Carta a uma Professora* 74

Manuela Nunes, *A Lenda da Princesa e do Pastor no Reino das Sete Cidades* 76

Isabel Castro Lopes, *Inocência* 77

Isabel Castro Lopes, *Bolo de Azeite* 78

Maria Idália Simões, *O Livro* 79

Marina Brandão Lucas, *Natal* 80

Marina Brandão Lucas, *Malta* 83

Marina Brandão Lucas, *Portugal visto do Ar* 85

Maria Idália Simões, *História de um Nabo* 87

Maria Idália Simões, *Poema dedicado a um Pão* 89

Maria Idália Simões, *Os Ovos e a Galinha* 90

Textos de Professores

José Lança-Coelho, *O Brasão* 94

José Lança-Coelho, "*A Lança" anti-enciclopédia* 98

Virgílio Gaita, *O Ritual do Speedy* 100

António Costa, *O Bosão de Higgs* 103

Maria José Matos, *Serendipidade* 105

Maria José Matos, *A Herberto Helder* 111

Maria José Matos, *Na Quarta Dimensão* 112

Conceição Marques, *As Marcas da Insularidade* 113

Conceição Marques, *Poema Inédito* 115

Rosário Pinto, *Ele foi sempre o meu grande vício* 116

Vítor Antunes, *Por Terras Marroquinas* 121

Rosangela Generali, *Reformei-me e agora* 133

Pedro A. Sande, *... pedro e cristina* 136

Maria Pereira, *As casas novas e as formigas* 140

Margarida Branco, *A Vida é Movimento* 142

Emília Gomes da Costa, *As Pessoas* 144

Mensagem do Coordenador da USCAL

O Sonho da USCAL – Universidade Sénior de Carnaxide, aprendizagem e lazer, continua como um serviço desta autarquia aos seus Munícipes, com um grupo de concidadãos que com a sua sabedoria, transmitem voluntariamente aos alunos o seu conhecimento. Neste terceiro ano letivo, após a criação da USCAL em Janeiro de 2013, já é o segundo livro de alunos e professores.

O caminho faz caminhando e como disse um dia Fernando Pessoa "Não sou nada. Nunca serei nada. Não posso querer ser nada. À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo…"

Esta obra demonstra a força, a capacidade do ser Humano em criar, por vezes renascer, com a experiência de uma vida construir novos momentos de felicidade, para si próprio e para os outros.

A Professora voluntária Helena Marques e todos os professores voluntários da USCAL estão de parabéns por terem reunido em torno de si o valor da arte das palavras, dos Contos, Lendas, Mitos, Fábulas e outras Histórias, do falado ao escrito, que atravessam gerações e tradições.

Felicito todos os alunos que se envolveram nesta obra, que será mais um marco da USCAL no reconhecimento do conhecimento adquirido e do trabalho desenvolvido neste ano letivo 2014/2015 que agora termina.

Termino citando Fernando Pessoa no Livro do Desassossego:

"Quando outra virtude não haja em mim, há menos a da perpétua novidade da sensação liberta. Mover-se é viver; dizer-se é sobreviver…"

Jorge de Vilhena
Coordenador da USCAL
Presidente da Junta de Freguesia
União das Freguesias de Carnaxide e Queijas

Nota Prévia

Esta ideia de um livrinho de pequenas narrativas surgiu na decorrência das aulas de Literatura Portuguesa, cujo programa incluiu este ano, entre outros temas, a literatura de tradição oral.

Num dado momento, ao preparar as notas de aulas para os alunos, tornou-se-me evidente a certeza de que toda a gente sabe contar histórias, sobretudo as que conhecemos da riquíssima tradição oral e que, em cada reconto, se vão transformando e adaptando a novas linguagens e a novos tempos.

Evidente me pareceu também que toda a gente as sabe perverter, virá-las do avesso, contá-las à sua maneira, enriquecê-las com a sua experiência, trocar-lhes a lição de moral.

Numa das aulas, apresentei a sugestão e os textos foram surgindo, primeiro timidamente, depois com um surpreendente envolvimento, de tal modo que vários alunos quiseram contribuir com mais do que um conto.

Os generosos contributos que fui recebendo têm características muito diversificadas.

Alguns alunos, de uma forma singela, quiseram participar, reproduzindo apenas antigas histórias populares, que bem conhecemos ou de que nos íamos esquecendo. Obtiveram-nas a partir da Internet ou em livros que empenhadamente consultaram.

Outros textos são versões bem criativas e originais de velhos contos.

Há ainda textos que adequam a narrativa tradicional aos nossos tempos, fazendo-o com um saudável sentido de humor.

Para além destes tipos de histórias, surgiram também textos de outra natureza, fora do âmbito dos contos tradicionais, das lendas, mitos e fábulas. Trata-se de narrativas absolutamente originais, em que os autores, alunos da USCAL, depositaram a sua experiência pessoal, o seu temperamento, as suas memórias, o seu estilo, a sua peculiar visão do mundo, a sua inventividade.

Alguns deles revelam uma qualidade inusitada, tanto a nível da concepção da narrativa, como no que respeita ao uso criativo da linguagem. Particularmente nesses casos, espero que

esta despretensiosa compilação venha a constituir um estímulo motivador da escrita.

Na fase final da organização desta colectânea, foi-nos proposto que nela incluíssemos textos de professores da USCAL, contributo que, naturalmente, os alunos de Literatura Portuguesa agradeceram.

Queremos também agradecer ao Exmº Senhor Presidente Jorge de Vilhena a abertura com que aceitou custear a impressão do livro, bem como a disponibilização dos serviços de design da Junta, a cargo de Rita Alves, que se ocupou da coordenação gráfica, da composição da capa e das ilustrações, com um elevado profissionalismo e empenho que não podemos deixar de sublinhar.

O único critério seguido na ordenação dos textos consistiu em seguir a ordem pela qual me foram sendo entregues.

Os textos dos professores aparecem no final da compilação, depois dos que foram feitos pelos alunos.

Maria Helena Marques
Carnaxide, 30 de Abril de 2015

Era uma vez um país
Na ponta do fim do mundo
Onde o mar não tinha eco
Onde o céu não tinha fundo.
Onde longe longe longe
Mais longe que a ventania
Mais longe que a flor de sombra
Ou a flor da maresia
Em sete lagos de pedra
Sete castelos de nuvens
Em sete cristais de gelo
Uma princesa vivia.

Ary dos Santos
Tempo da Lenda das Amendoeiras, 1964 (excerto)

A Cigarra e a Formiga

Era uma vez uma Cigarra que gostava muito de cantar. Sabia que o seu canto distraía a Formiga e todos quantos em redor arduamente trabalhavam.

E, nesse *canto/trabalho*, viram o Verão passar e o Inverno aproximar-se e, com ele, o tempo frio.

Só então a Cigarra se apercebeu de que nada tinha para comer. Nem um grão!... A despensa desoladamente vazia… Nada…

A tremer de fome e de frio, foi bater à porta da Formiga:

- Minha amiga, – dizia a Cigarra chorosa - nada tenho para comer! Não me dei conta de o Verão passar.

- Não se aflija, minha alegre vizinha. Comida não lhe há-de faltar. Eu não me esqueço de que o seu canto me ajudou a vencer o cansaço das fainas estivais. É, pois, meu dever ajudá-la.

E o rigoroso Inverno passou mais rapidamente, com a Formiga a descansar para enfrentar o Verão seguinte e a Cigarra a cantar, tarefa de que, na verdade, não se cansava nunca.

Maria Idália Simões
USCAL, nº 104

O Veado e o Cão

Vaidoso da sua imponente armação, o veado, frequentemente numa fonte de água cristalina se mirava, adorando e ufanando-se do que o puro cristal reflectia.

Em segredo rejubilava da sua adornada cabeça e majestosamente se pavoneava pela selva. Contudo, se do referido enfeite se orgulhava, em contrapartida lamentava as suas longas pernas que, a seu ver, por demais finas, com quatro fusos se pareciam.

Acontece que certo dia avista um enorme cão esfaimado e, querendo salvar a pele, assustado, o veado meteu pernas ao caminho e correu tão ligeiro, que o rafeiro ficou muito distante. Para melhor se esconder, o veado resolveu entrar na densa floresta, o que lhe foi fatal, pois os seus tão belos e enormes chifres esgalhados entre os ramos encalharam, permitindo que o cão que o seguia o conseguisse apanhar, não lhe tendo valido de nada a rápida corrida que as suas esguias pernas lhe haviam permitido.

Neste aperto se desdisse o veado, já meio morto, e amaldiçoou a beleza sedutora da armação que na testa tinha, que agora lhe granjeara a sua perdição.

Tal como o veado, muitas vezes maldizemos e desprezamos o que é útil e engrandecemos apenas o que é vistoso, embora possa ser fútil e quiçá prejudicial.

Texto adaptado a partir da versão de Belchior Manuel Curvo Semedo *Torres de Sequeira (Montemor-o-Novo, 1766 - Lisboa, 1838) foi um poeta português e fidalgo da Casa Real. Rivalizou com Bocage.*

Isabel Castro Lopes
USCAL, Nº 266

O Fato Novo do Imperador

Texto inspirado num conto
de Hans Christian Andersen

Há muito tempo, vivia um imperador muito vaidoso numa cidade muito importante, num país muito longínquo. Todos à volta dele, cortesãos, camareiros e ministros, se curvavam e lhe faziam elogios. Cada vez que vestia uma fatiota nova, era uma festa. Gastava imenso dinheiro para se aperaltar. Para ele, essa era a tarefa mais importante na sua governação.

Um belo dia, sabendo das preferências e fraquezas do imperador, dois aldrabões, fazendo-se passar por tecelões, apareceram no Palácio para tirarem partido da vaidade e da tolice dele. Disseram que possuíam um tecido com propriedades mágicas, invisível aos olhos dos estúpidos ou de quem fizesse mal o seu trabalho. Isto era, de facto, uma grande novidade para o imperador que, pensou ele logo, além de se poder alindar, poderia descobrir quem era incompetente nas tarefas do Estado. Assim, mandou chamar os dois impostores e encomendou um fato para poder desfilar frente ao povo da cidade.

Os tecelões não se fizeram rogados, guardaram o dinheiro, as sedas finas, os fios de ouro e deitaram mãos à obra. Nada faziam, mas isso não importava porque os cortesãos, os camareiros e os ministros todos olhavam para o rei e para a sua nova indumentária e, embora nada vissem, nada diziam, não querendo passar por estúpidos ou incompetentes. Elogiavam, com pomposas frases, os tecidos, os fios, o corte e como assentava bem quando ele o provou!

Chegou finalmente o dia do desfile. Grande multidão aguardava ansiosa para ver o imperador e o seu fato novo. Todos exclamavam, de boca aberta:

- Oh! Ah! Ih! Que belo que o Rei está!

Todos não! Um rapazinho, que não precisava de bajular o imperador e que do lugar onde estava via muito bem, exclamou a certa altura: "Mas ele vai nu!"

A partir desse momento, as pessoas da primeira fila cochicharam com a boca semicerrada: "O rapaz tem razão, ele está nu!" Por sua vez, estes disseram aos da segunda fila e assim sucessivamente até aos que estavam mais longe. Na praça todos repetiam o mesmo. Os cortesãos, os camareiros e os ministros bem ouviam, mas não podiam desdizer o que já haviam afirmado. Afinal, estavam comprometidos com aquela farsa. O próprio imperador, vendo o seu umbigo à mostra, concordou para si próprio: "Realmente, estou mesmo nu, mas não posso voltar atrás. Vamos mas é continuar com este desfile até ao fim e depois entrar no Palácio que já estou a ficar com frio."

E lá seguiram todos de boca bem fechada.

Não sabemos se o episódio serviu de lição a alguém, mas o que por certo aconteceu foi que os dois aldrabões estavam bem longe do reino quando foi descoberta a aldrabice.

Preciosa Tomaz Patuleia
USCAL, nº 267

Na saga de "Quem conta um conto,
acrescenta um ponto",uma outra versão de

A Cigarra e a Formiga

Naquele tempo...

A cigarra vivia na maior das folganças e, sempre pensando que "o futuro a Deus pertence", nunca rezou e muito menos trabalhou. Mas, com o seu violino, tocava e dançava todo o dia.

Eis que vieram tempos difíceis. Faminta, desamparada, nem forças para um dó, ré, mi, no seu Stradivarius!

Entretanto, a formiga e o seu séquito trabalhavam sem parar. Andavam cansadas! Mas no celeiro havia provisões.

A cigarra, então, lembrou-se da formiga, a quem tratou por "minha amiga". E, chorosa, implorou um pouco de pão.

A formiga pensou, pensou, e deu por bem ajudar a cigarra. Mas impôs condições: doravante a cigarra trabalharia para seu sustento e todas as noites, ao serão, animaria todo o formigueiro com algumas das suas mais belas canções.

TRABALHO E LAZER,
PARA BEM VIVER

(Senhor La Fontaine, as minhas desculpas, com o devido respeito!)

Maria Albertina Silva
USCAL, nº 258

Mestre Finezas

Na minha mente, vão desfilando velhas recordações. Uma delas, bem nítida, é a de Mestre Finezas, o barbeiro.

Lembro-me muito bem como tudo se passava na barbearia.

Mestre Finezas puxava um banquinho para o meio da loja e enrolava-me numa enorme toalha. Só me ficava a cabeça de fora. A tesoura tinia e cortava junto das minhas orelhas. Eu não podia mexer-me. Não podia sequer bocejar!

- Está quieto, menino! – dizia Mestre Finezas, segurando-me com os dedos.

Via-lhe no espelho as pernas esguias e o carão severo, magro, o corpo alto, curvado. Tinha os braços compridos e arqueados, como duas garras sobre a minha cabeça. Lembrava-me uma aranha e, por isso, nesse tempo tinha-lhe medo.

Passaram anos. Um dia partira para estudar e quando voltei já era homem. Mestre Finezas era ainda a mesma figura alta e seca.

- Olha bem para mim! – pede-me às vezes. – Olha bem e diz lá se este é o mesmo homem que tu conheceste!

Procuro convencê-lo de que sim, de que continua o mesmo, igualzinho!

- Estou um velho, Carlinhos!...

Mestre Finezas passa necessidades. Vive abandonado pela família, com a mulher entrevada, num casebre próximo da escola primária.

Às vezes, alheia-se de tudo o que o cerca e fica muito tempo parado. Os seus olhos ganham então um brilho metálico. Olham-me fixamente, mas não me vêem. Estão a ver-me através do tempo.

Mestre Finezas já nem sonha, recorda apenas.

Texto adaptado de um conto de Manuel da Fonseca com o mesmo título

Robert Paul de la Cal
USCAL, nº 178

A Reunião

– Alice! Alice! Cheguei. Mas que ideia a tua de entrarmos pelo teu espelho das maravilhas e descermos por um túnel que nunca mais acabava!

– Olá, Capuchinho, quase que nem te conhecia, tão desorientada vens; mas sabes que aqui é o melhor local para falarmos de nós todos, do nosso passado e do nosso futuro.

– Quase que ia perdendo o lanche da minha avó, de tanto correr na floresta. Já cá está muita gente?

– Os primeiros a chegar foram os três macacos sábios, mas eles não incomodam ninguém, pois um não fala, outro não ouve e o outro não quer ver nada. Estão sentados lá bem à frente.

– Quem é que anda a arrumar as pessoas?

– Não vês que é a formiga? Nem ela quer outra coisa senão trabalhar e a cigarra está no palco a cantar.

– É o que ela sabe fazer melhor, deixa lá. Mas os 3 porquinhos estão lá à frente também. Porquê?

– A ver se o lobo não os maça muito...

– Ah, o lobo. Encontrei-o há pouco e fugi dele porque vinha na conversa com o "meu lobo", sabes … aquele que gosta de "comer" criancinhas.

– Essa história sempre me pareceu mal contada...

– Viste a Bela?

– Quem, a adormecida? Ainda não, porque o príncipe anda por aí a pavonear-se e ainda não se lembrou de lhe ir dar um beijo. Quem vem lá do fundo da floresta com um cesto de maçãs na mão é aquela velha bruxa.

– Eu sei quem é. E passou agora por uma grande senhora que, de espelho na mão, só diz: espelho, espelho meu, há alguém mais belo do que eu? Tão vaidosa!…

– Pois o meu coelho maluco já me tinha avisado de que ela estava por cá. Vês aqueles quatro que estão a chegar agora?

– Mas não deviam vir todos pelo espelho encantado?

– Não, a Dorothy resolveu caminhar pela estrada amarela porque assim os sapatos encarnados não se estragavam. Eu acho que vieram cantando por cima do arco-íris onde o céu é azul.

Coitado do homem de lata. Será que continua sem coração? E o homem de palha sem cabeça para pensar? Não sei porque se preocupam tanto, quando há tanta gente assim. E o leão ainda chora muito?

– Olha, Alice, quem acabou agora de se estatelar no chão: a tartaruga (e caiu de costas). Ainda me estou a rir! Onde é que pára a lebre?

– Há-de chegar mais tarde. Julga-se sempre muito esperta, adormece pelo caminho e depois perde a corrida.

Lá vem ela agora, acompanhada por um dos 7 anões, o Molengão. Bem me tinha dito a Branca de Neve que lhe faltava um dos pequenos. Deixa que a formiga já trata deles e os senta todos juntos.

– Ai que lindo que está o Gato das Botas. Aquele chapéu com plumas! E a espada!

– Está a tomar conta do Polegarzinho para que ninguém o pise. O pobre é tão pequenino...

– De quem é aquela carruagem tão bonita?

– É da Cinderela. Perdeu um sapato e não quer vir cá para fora enquanto não lho entregarem. Sabes que eu acho que os príncipes andam muito preguiçosos. E é também por isso que fazemos esta reunião.

– Mas não só os homens. O sapo (aquele que há-de passar a lindo príncipe) ainda está à espera de um beijo de uma menina. Mas como não sou eu que lho vou dar, ele que espere.

– A madrasta da Cinderela e as filhas feias é que andam atrás dos príncipes. Será que vão ter sorte e casar? Nunca se sabe!

– Que grande confusão aquela agora. Reparaste? Tanta gente. E o rei ia nu! Ainda bem que a formiga o mandou vestir-se. Que vergonha!

– Olha a matreira da raposa. Como é que ela conseguiu aquele cacho de uvas? Estavam verdes, não prestavam, não prestavam... alguém a ajudou por certo.

– O corvo não terá sido, porque continua bem empoleirado no ramo da árvore com o queijo no bico. Se falar, deixa cair o queijo e alguém o vai apanhar. O macaco está bem à espreita.

– Alice, sempre vai haver chá depois da reunião?

– Acho que a Rainha de Copas está a tratar disso, ou então vamos comer a casinha de chocolate do João e da Maria. E vai ser uma corrida para ver quem chega primeiro.

– Essa eu gostava!

– Vem aí o relojoeiro e o Coelho Maluco. Vamos...

– Tens que mandar calar a cigarra. A seguir que dance.

Alice vai ao palco, já iluminado por muitos pirilampos.

– Meus amigos e minhas amigas, são horas de começarmos a falar sobre o que nos trouxe aqui hoje.

ERA UMA VEZ …

Marina Brandão Lucas
USCAL, nº 316

Uma Historinha de Família

Trata-se de um episódio verdadeiro, que a minha mãe nos contava quando éramos pequenos, acerca do avô dela.

Em certa noite tempestuosa perdeu-se o meu bisavô, exímio cavaleiro e destemido cavalheiro daqueles tempos (há muito passados), em que, sem grandes perigos, se podia passear sozinho pelas matas e pinhais.

Encharcado, com fome e com sede, apercebeu-se subitamente de uma luz proveniente dum pequeno casebre perdido no nada e, de imediato, para lá dirigiu a montada.

Acolhedora, como só a gente portuguesa, logo lhe franquearam a entrada e indicaram o fogo que ao canto ardia, para que se aquecesse e secasse, enquanto diligentemente lhe ofereciam de comer e de beber.

Porém, o meu bisavô sentia-se incomodado e quiçá até constrangido, pois tudo no interior era bastante desleixado e muito sujo. Chocou-o particularmente o Tónio, um rapazito de 7 a 8 anos que estava bastante ranhoso, limpando constantemente o nariz à manga da camisola encardida e cheia de nódoas.

Assim, e embora reconhecido pelo calor reconfortante e pela generosa hospitalidade demonstrada, pediu apenas um pouco de água para beber. De imediato lha trouxeram numa caneca, que exibia enorme racha mesmo junto à pega.

Como a sede era imensa e a necessidade de água imperiosa, bebeu-a sofregamente, de um trago, não sem ter à cautela posto a boca exactamente por cima da racha, certo de que pelo menos assim podia estar seguro de que ninguém mais bebera por ali. Eis senão quando a mãe do rapaz, apontando-o, solta uma sonora gargalhada, exclamando divertidíssima:

- Pois não é que vossemecê tem o mesmo vício do meu Tónio de beber pela racha.

Isabel Castro Lopes
USCAL, nº 266

O Boi Cardil

Num país distante, havia um Rei que tinha tão grande estimação por um boi que lhe tinham oferecido que dispôs de um dos seus pastos e nomeou um pastor só para tomar conta daquele animal.

Passado tempo, um nobre da sua casa começou a pôr em causa a fidelidade do pastor, dizendo que, mais dia menos dia, o pastor havia de matar o boi para benefício próprio. E tanto teimou que o rei apostou com ele que, se isso acontecesse, o pastor ficava sem cabeça, caso contrário seria o nobre o decapitado.

À noite, o nobre dava voltas à cabeça, muito aflito, e já a pensar no corte que a lâmina do carrasco lhe ia fazer, pois, naquele tempo, aposta de rei não tinha volta a dar. A filha, ao aperceber-se da aflição do pai e sabendo da aposta, oferece-se, se o pai deixar, para fazer o pastor matar o animal.

O nobre, vendo ali a sua salvação, nem pensou duas vezes e deu a sua permissão.

Na tarde do dia seguinte, a rapariga, por sinal já uma moçoila cobiçada por todos os rapazes da aldeia, vestiu o seu melhor vestido e, toda aperaltada, vai até ao pasto ao encontro do rapaz e, ao vê-lo, começa logo a dizer que lhe traz, há muito, uma grande paixão.

O pastor nem quer acreditar no que ouve. Seria possível ele ter tamanha sorte? Ela, ao vê-lo tão entusiasmado, exigiu que ele matasse o boi e depois então seriam para sempre um do outro. E foi assim que terminou aquela tarde com a morte do boi.

O rei, quando soube do acontecido, manda chamar o pastor à corte para que se explicasse.

- Então pastor como vai meu boi Cardil?

- O pastor não perdeu tempo e respondeu:

Pernas alvas
Corpo gentil
Matar me fizeram
O boi Cardil

O rei percebeu logo o que se tinha passado e, virando-se para o fidalgo, disse:

– Não te mando cortar a cabeça como tinha apostado, porque te basta a desonra de tua filha. E a ele não o castigo porque a sua fidelidade é maior do que o meu desgosto.

Texto adaptado a partir de Contos tradicionais do povo português, de Teófilo de Braga

João Manuel Gonçalves Pereira
USCAL, nº 166

O Rei e o Sal

Era uma vez um rei que tinha três filhas e tinha a curiosidade de saber qual era a que gostava mais dele.

Perguntou à primeira que lhe disse que gostava mais dele do que do sol. A segunda disse que gostava mais dele do que dela própria. A terceira que gostava mais dele do que do sal.

Esta última, tendo sido imediatamente expulsa da corte, vagueou pelos campos até outro reino onde se fez cozinheira.

Um dia, o príncipe desse reino descobriu num pastel um anel que, depois de várias provas, veio a descobrir ser da cozinheira. Interpretando aquele acontecimento como um sinal, imediatamente pediu ao pai que o deixasse desposar a cozinheira.

No dia da boda, que tinha sido preparada pela própria cozinheira que assim o tinha exigido, o pai desta, o mais ilustre convidado à mesa, não tocava na comida que todos gabavam. Quando o anfitrião lhe perguntou porque não comia, o ilustre convidado responde que a comida não tinha sal. Chamada a cozinheira, que todos estranhavam não estar à mesa por ser a noiva, é com grande espanto que o seu pai, ao reconhecê-la, se lembra de a ter expulsado porque ela lhe dissera que gostava mais dele do que do sal. O rei chegou assim à conclusão de que também ela gostava muito dele.

Se o arrependimento matasse, o Rei tinha-se finado logo ali, mas, conseguindo sobreviver, abençoou o casamento e houve festa rija durante muitos dias.

Texto adaptado a partir de Contos tradicionais do povo português, de Teófilo de Braga

Elsa Webb Gonçalves Pereira
USCAL, nº 165

Histórias da avó

- Avó, posso dormir consigo?

A avó olhou-me com os seus olhos cinzentos, cheios de amor. Estavam mais escuros! Iguais aos do pai quando estava zangado!

- Foste outra vez à caixa das "galletas" da mãe? Ela fica triste.

Na aldeia raiana em que passei a minha infância, os biscoitos, vindos de Espanha ali ao lado, tinham o estatuto de "galletas".

- Não, avó, não fui. Juro!

- Avó, conte-me a história da gata borralheira.

- Não, hoje vou contar-te outra história. Sua marota…

O Horácio era um pastor, um menino que guardava o rebanho, ali junto à Serra do Marão. Tinha por hábito pregar partidas, para se rir das pessoas. Certo dia, nas suas horas solitárias, deu consigo a congeminar uma forma de se rir à custa dos aldeões.

Se bem o pensou, melhor o fez! Começou a gritar a plenos pulmões: - Acudam que é um lobo! Socorro, acudam- me! E gritava, gritava, a plenos pulmões. Os aldeões, correram serra acima para o socorrerem. Quando ali chegaram esbaforidos, o Horácio ria, rebolava-se pelo chão, perdido de riso. Os aldeões regressaram cabisbaixos, não sem antes lhe pregarem um valente sermão. Ele fez orelhas moucas e pensou apenas quanto se divertiu.

Deixou passar algum tempo e repetiu a proeza. Desta vez, quando os aldeões chegaram, o Horácio disse que o lobo já tinha ido embora! E ria, ria...

Passados alguns dias, outra vez voltaram os aldeões a ouvir:

- Socorro! Um lobo! Aqui d'el- rei! Quem me acode?

Alguns aldeões ignoraram. Outros, receosos, ainda se apressaram a socorrê-lo. Quando ali chegaram, depararam novamente com o Horário rindo, rindo...

Saíram zangados, comentando entre eles que nunca voltariam a cair em tal engodo.

Num dia alegre de primavera, enquanto Horário dormitava recostado ao abrigo de um barranco, num final de tarde quente, ouviu um restolhar estranho. Abriu um olho, estremunhado, e viu que um lobo sorrateiro se aproximava das suas ovelhas. Começou a gritar a plenos pulmões! Mas nada, não serviu de nada. Nem um aldeão apareceu!

E sabes, não riu... lutou sozinho! Conseguiu livrar-se do lobo, a muito custo. Escapou muito esfarrapado e ferido e jurou a si mesmo que nunca mais, nem de brincadeira, pregaria mais partidas tolas!

Sabes minha querida:

- Coitado do mentiroso, mente uma vez, mente sempre, por mais que diga a verdade, todos lhe dizem que mente.

- Pronto, avó! Eu comi as "galletas"! Amanhã digo à mãe.

Agora, por favor, conte-me a história da gata borralheira...

Maria Pereira
USCAL, nº 136

O Louco

Era eu já muito velhinha e a minha mãe uma jovem namoradeira e sonhadora...

Entre as muitas memórias que tão bem guardava, contou-me a história de um Louco que havia na aldeia onde morávamos e havíamos nascido, lá para os lados da Serra da Gardunha, no meio de toda a espécie de animais, bravios, domésticos e até os domesticados (a raça humana!)...

Chamavam-lhe Louco, mas eu sempre achei que loucos eram, isso sim, os que o apelidavam como tal.

E isto..., porque ele tinha um sonho, que partilhava com toda a aldeia..., ser um violino!

- Um violino?!

- Sim..., que tem isso? Um violino para fazer e tocar música..., música..., música que encante todos.

- Ah! Percebo... é fácil.

- Tens uma ideia?

- Sim, vamos para Bremen.

E, lá foram, calcorreando estradas e caminhos de pó, durante dias e noites, por Verões e Invernos, até que chegaram à banda municipal.

Entraram, pé ante pé. O som dos instrumentos enchia o espaço... e o Louco/Violino ficou inquieto.

- Sabes..., estou a ficar arrepiado de medo, é muita melodia para uma cabeça de louco, mas é lindo o som!

- Então, não me digas que já não queres ser violino?!

- Voltamos para casa, que achas?

E regressaram, não sem que antes galgassem países, terras diferentes, conhecessem gentes de todas as raças, velejassem por mares e rios distantes, por anos e anos de procura... até chegarem à aldeia.

- Foi tanto..., o sonho!

Agora, cabisbaixo e murcho, desistente e desanimado, conformado com a sua condição e com a evidência de que, afinal, o sonho nem sempre comanda a vida, resignou-se à sua vidinha pobre e sem graça, mais nua e austera.

- Violino... Violino... que bela a música que ouvimos! Violino! Violino!

- E foi assim... que o Sonho, criado pelo Louco da aldeia, encheu a face da Terra e a música ocupou o seu lugar... - disse minha mãe.

Era eu já muito velhinha e a minha mãe uma jovem namoradeira e sonhadora, quando me contou ...

E... fez-se, assim, o Sonho na minha vida!
Obrigada, Mãe!

Emília Gomes da Costa
USCAL, nº 214

Terra

Sou mulher e fiz-me terra.

Com a terra amassei pão e amor, fiz caminhos de poeira e rosmaninho, cavalguei por valados e pauis, engoli o orvalho das manhãs, pari úteros prenhes de ilusões, esventrei mágoas e dores de muita gente, acordei de pesadelos feitos breu, soletrei sinais e sílabas despidas e achei-me acordada, assim... sem jeito e sem razão para tanto caminhar, para tanto acabar e começar.

E disse à terra donde vim e que me faz que é grande o seu poder sobre estes seres que vagueiam e se atropelam...

- Que queres, mulher?
- A terra das estrelas... lá de longe.
- Eu não posso dar-te o que não tenho.
- Pensei que terias um presente para me dares pelas manhãs claras...
- Ah!
- O trigo a amarelecer pelas searas...
- Ah!
- A enxada para revolver sementes...
- ?
- A erva renovada para dar a comer...
- ?!
- Os animais a dar as mãos e a acreditar...
- ?
- Uma flor bravia para pôr na lapela de quem passa...
- Ah!
- A fonte de água milagreira...
- ?
- O céu dos sonhos dos homens...
- Pois...
- E... então?
- Já não tenho, mulher, já não tenho...
- Não tens?
- E agora...
-Vou à procura.

Parti, fiz-me de novo à terra, andei por ela fora, dei-lhe colo, saboreei-a, reguei a sua sede, dei de comer à sua fome, pintei-a em cores.

Palmilhei esta terra que me fez e que me faz em cada dia, carreguei-a aos meus ombros, bem pesada.

Tornei-me mais de mim e mais da gente...

- Ah!

E assim a terra pariu terra e pariu gente e fez oceanos, continentes e fez-me a mim num dia de Maio sem que ninguém me tivesse encomendado. Nasci de um nenúfar, de um girassol, de papoilas a cantar para o Dia da Espiga.

Era uma azáfama no lugar que depois foi a minha terra.

A minha terra é uma terra de um rio de lavadeiras de roupa branca, de canaviais e agriões em restos de água, de mulheres corcovadas pelo carrego dos fenos e dos baldes de batatas aos centos, terra de memórias, de avós centenárias de coração aberto, da minha menina-avó que corre no meu peito como a mãe de todas as mães, feiticeira e loba protectora que me pariu em amor, ela.

Sou feita desta terra que ninguém baptizou, terra-torrão seca e esventrada pelo trabalho dos bois e das mulheres, suas aliadas num batuque de sons e movimentos de corpos ao sol-pôr.

O sol da minha terra esboroada pelas minhas mãos tenras no tempo em que o sonho era um milagre e eu não sabia... nada sabia da secura da terra!

Emília Gomes da Costa
USCAL, nº 214

Dois contos muito, muito populares

A Raposa e as uvas

Era uma vez uma raposa que andava pelos campos num dia de muito calor. Tinha sede e, verdade se diga, fome também.

Passando debaixo de uma latada, viu belos cachos de uvas. Bagos roxos, bem grandes, sumarentos… Ainda deu dois ou três pulos, mas as uvas estavam muito altas. Pensando bem, para que queria ela as uvas? Estão verdes! Enquanto se afasta, despeitada, vai repetindo para com os seus botões:

- Estão verdes, mesmo muito verdes! Não prestam, só cães as podem tragar!

Pois é: *É fácil desprezar aquilo que não se pode ter*.

O Lobo com pele de ovelha

Uma vez um lobo decidiu disfarçar-se para ter comida fácil. Vestiu uma pele de ovelha e acompanhou o rebanho para o pasto.

O pastor deixou-se enganar pelo disfarce e o lobo, durante todo o dia, só pensava na rica ceia que teria quando recolhessem ao curral e ficasse sozinho com o rebanho.

Pela noitinha, o pastor juntou as ovelhas e fechou-as com o lobo. O rebanho estava bem guardado: os muros eram altos e o curral tinha uma única entrada. Mas nessa noite o pastor quis uma ovelha para a ceia. Pegou na faca e o lobo, coitado, foi o escolhido!

Pois é: *Quem não quer ser ovelha, não lhe veste a pele*.

Maria Eugénia Malta de la Cal
USCAL, Nº 11

O Sacristão

Esta história, tida como verdadeira, passou-se, em tempos já idos, numa aldeia do concelho de Tabuaço, no distrito de Viseu.

O sacristão morava em frente à igreja, mesmo no centro da aldeia. Ora, não sendo muito dado ao trabalho, arranjou forma de facilitar a vida. Assim, ligou com um fio de metal o sino da igreja à sua janela, podendo então tocar o sino todas as ave-marias sem sair de casa e sem muito incómodo.

Certo dia, durante uma trovoada, um raio caiu precisamente no fio junto à janela e provocou um incêndio na casa do sacristão.

Foi tal o susto que o pobre homem passou a ir à igreja todos os dias e a toda a hora tocar o sino a preceito, não ousando voltar a cair na ira dos céus.

O povo da aldeia ficou ainda com mais respeito às trovoadas e, à cautela, passou a venerar Santa Bárbara, usando uma oração para espantar as trovoadas:

Santa Bárbara se levantou
E sua sagrada mão lavou
E o Senhor lhe perguntou:
- Onde vais, Bárbara?
- Vou espalhar a trovoada.
- Espalha-a bem espalhadinha
Que não faça mal nem ao pão
Nem ao vinho, nem ao bafo do Menino.
Santa Bárbara, São Jerónimo.

Ainda hoje, em Setembro, naquelas paragens, se faz uma procissão em honra da Santa, entre a aldeia e a capela entretanto construída junto aos pinhais que rodeiam a pequena localidade.

Fátima Barradas
USCAL, nº 54

As Obras de Santa Engrácia

Lenda

O amor da jovem Violante por um cristão-novo, Simão Pires, não era aceite pelo pai da donzela, um importante fidalgo, que a obrigou a ser noviça no convento de Santa Clara, em Lisboa.

Porém, o amor recíproco de Simão e Violante manteve-se e o jovem cavalgava todos os dias para o convento para ver, às escondidas, a sua amada, esperando a oportunidade de poder fugir com ela.

Certo dia, desapareceram as relíquias da igreja de Santa Engrácia, que ficavam perto do convento. Como, nessa noite, Simão rondava por essas paragens, foi acusado do roubo e preso pelos guardas do rei.

Para não prejudicar Violante, Simão não revelou a razão por que tinha sido visto no local. Apesar de ter invocado a sua inocência, foi preso e condenado à morte na fogueira, execução que se realizaria junto da nova igreja de Santa Engrácia, cujas obras já tinham começado.

Quando as labaredas envolveram o corpo de Simão, este gritou que "Era tão certo morrer inocente, como as obras nunca mais acabarem!".

Só anos mais tarde foi descoberto o verdadeiro culpado, quando a freira Violante foi chamada a assistir aos últimos momentos de um homem que tinha pedido a sua presença para lhe revelar que tinha sido ele o ladrão das relíquias e, sabendo da relação secreta dos jovens, incriminara o Simão. Pediu perdão a Violante, que lho concedeu.

O certo é que um facto singular acontecia: as obras da igreja, iniciadas à época da execução de Simão, pareciam nunca mais ter fim, de tal forma que o povo se habituou a comparar às obras de Santa Engrácia "tudo aquilo que se começa e nunca mais se acaba".

Adaptado por *Maria Luísa Couceiro Couto Lopes*
USCAL, nº 179

Lenda de Santa Iria

Em terras de Nabância, nasceu um dia uma linda menina, filha de gente abastada, a quem deram o nome de Iria. À medida que ia crescendo, tornava-se cada vez mais bela.

Quando chegou a idade, entrou para um convento onde se tornou freira. Nessa mesma localidade, havia um príncipe chamado Britaldo que tocava e cantava junto ao convento.

Um certo dia, Iria e as outras freiras saíram para um passeio e o Príncipe, quando viu a extrema beleza de Iria, ficou logo apaixonado.

Como aquele amor era impossível, Britaldo adoeceu gravemente, tendo sempre temperaturas muito altas. Confessou então ao pai que a sua doença se devia à paixão que sentia por Iria e pediu-lhe que lha trouxessem.

Depois de muito instada, ela foi visitar o príncipe que, ao vê-la, se curou. Pediu-a em casamento, mas Iria respondeu que o seu amor pertencia a Outro e a Ele para sempre se tinha consagrado.

Um dia, Britaldo ouviu dizer que a monja costumava passear junto ao rio Nabão onde se encontrava com um homem. Desvairado de ciúme, dirigiu-se para lá onde a matou e atirou o seu corpo ao rio.

O corpo viria a ser encontrado diante da cidade de Scalabis. O milagre, entretanto, tinha ocorrido: o corpo de Iria estava encerrado num sepulcro de mármore, tão belo que olhos humanos nunca tinham visto outro igual.

E, diante de tal prodígio, o povo ajoelhou, maravilhado e rendido. Desde então, a cidade de Scalabis passou a chamar-se a cidade de Santa Iria, nome que, com o tempo, se transformou em Santarém. Para que tal milagre ficasse perpetuado para sempre, foi colocado um padrão com a sua imagem na Ribeira de Santarém, freguesia daquela cidade. Ainda hoje lá se encontra, à espera de quem queira ir visitá-lo.

Manuela Muchenga
USCAL, nº 191

A Galinha dos Ovos de Ouro

Versão inspirada no texto de Esopo

Esta é a história de uma galinha extraordinária que punha ovos de ouro, imaginem!

O seu dono, um camponês muito avarento, nem queria acreditar no que lhe estava a acontecer: todos os dias a galinha punha um ovo de ouro, que ele logo ia vender na feira da aldeia onde morava. O dinheirinho ia direitinho para um saquinho, que ele guardava muito bem escondidinho.

Ora, à medida que o seu pé-de-meia aumentava, o camponês ia ficando impaciente. Queria enriquecer depressa, o que não era possível com apenas um ovo de ouro por dia. Por este andar, levaria muito tempo a acumular a riqueza que ele tanto desejava…

Tantas voltas deu ao assunto, que concluiu de si para si:

- Se eu sacar todos os ovos de ouro de uma só vez, fico rico de um dia para o outro!

E se assim pensou, melhor o fez: matou a galinha e logo se dispôs a retirar todos os ovos de ouro que se encontrassem dentro dela.

Mas eis que, para sua surpresa e desespero, e por mais que procurasse, não encontrou um único ovo de ouro! Então não é que a bendita galinha tinha as entranhas iguais a todas as outras e não havia um único ovo de ouro para amostra?!

- Oh malvada, deste cabo da minha vida! Agora já não podes pôr mais ovos de ouro! Acabou-se o dinheirinho da feira… nunca mais vou ser rico! Só serves mesmo para uma canja, sua maldita traidora! – Choramingava o homem, agarrado à cabeça.

E foi desta triste forma que o camponês, em resultado da sua ganância e avidez, se deu conta do seu irremediável erro e da veracidade do ditado popular que garante que QUEM TUDO QUER, TUDO PERDE.

Margarida Bragança Almeida
USCAL, nº 302

O Contrato

Nas povoações da beira-mar havia, entre outras figuras típicas, o vendedor de peixe e os seus pregões.

O Ti Jôquim era um daqueles vendedores de peixe que, apesar da idade e das canseiras, ainda calcorreava as ruas, apregoando o que levava nas canastras.

Quando os barcos chegavam de madrugada, a gente que se dedicava a este modo de vida ia para a lota comprar o peixe, que depois transportariam em duas canastras enfiadas nos braços; e lá iam pelas ruas, apregoando o carapau, a sardinha e o charro do alto….

Porém, chegados à lota, os homens deparavam-se com um problema: o melhor peixe, o das traineiras, ainda não tinha chegado e não se sabia se chegaria; o que tinha chegado era o peixe das sacadas, inferior, por ser pescado com engodo.

Ora, foi exactamente o que sucedeu numa madrugada, e o nosso Ti Jôquim não sabia o que fazer. Entre a casa e a lota havia duas ou três tabernas, e "cainda era cede pra ir prá lota", o Ti Jôquim lá foi emborcando uns quantos cálices de aguardente.

Já com a cabeça toldada, resolveu-se por aquilo que, mais de uma vez, estivera tentado a fazer: ir à Igreja e expor o seu problema a um santo.

Tinha ouvido falar de um que tinha sido pescador, mas não sabia quem. Todavia, estava seguro de que, uma vez na Igreja, bastar-lhe-ia olhar em redor e não teria dúvida. Não estava ele habituado a reconhecer e a lidar com gente do mar? Ora essa!... E lá se foi. Mas, chegado à Igreja, a questão não foi tão fácil. Vestido como a gente do mar, de botas de borracha e com camisa aos quadrados, como ele tão bem conhecia, não viu santo nenhum.

Foi quando viu um santo grande. Calculando, na sua lógica, que a possibilidade de ser atendido estaria na razão directa do tamanho do santo, optou por esse, e explicou-lhe o seu caso:

Tinha trezentos mil réis na algibeira, para comprar peixe. O peixe que estava lá em baixo na lota era peixe da sacada. Se comprasse o peixe da sacada e depois as traineiras trouxessem peixe, o dele ficaria desvalorizado. Se não comprasse o peixe da

sacada e as traineiras não apanhassem nada, não ganharia nada, e ainda teria "umas valentes porras" com a mulher…

De modo que tinha pensado vir falar com o santo e pedir-lhe o favor de fazer com que não viesse peixe das traineiras, porque iria comprar o peixe das sacadas. Esperava que o seu pedido fosse atendido….

Dito isto, o Ti Jôquim saiu da Igreja e, apressadamente, encaminhou-se para a lota. Entretanto, o sacristão que ouvira este monólogo, e sendo ele próprio pessoa experimentada nos vapores do álcool, achou melhor tirar do altar o santo grande e colocou, em seu lugar, uma imagem mais pequena, do mesmo santo.

Uma vez na lota, o nosso Ti Jôquim comprou peixe das sacadas, tal como combinara com o santo. Passados minutos, ouviu um colega seu a apregoar peixe das traineiras. Nem queria acreditar, estava perdido!

Em passo apressado foi rua acima e, para ganhar coragem, entrou na taberna e bebeu mais um copo. Deixou as canastras debaixo de uma pipa, muniu-se de uma rasoira que estava por perto, e ala para a Igreja.

Com a rasoira atrás das costas, dirigiu-se para o mesmo altar e, nas pernas mal seguras, os olhos a teimarem ver, mas a verem tudo turvo, procurava o santo.

"Olá…" – não conseguia compreender. Com as mesmas feições e a mesma roupa, e também com uma criança ao colo, estava agora um santo mais pequeno…E então, disse:

- "Mê menine, e o tê pai? Nam ôveze? E o tê pai? Nam respondeze? Olha: ê a ti nam te bate, caianda eze uma criença…mai sê cá encontre o marafade do tê pai na rua…Olha – e mostrava-lhe a rasoira – olha, parte-lhe os corneze com este pázinhe."

Maria Vitória Cruz
USCAL, nº 234

A Cigarra e a Formiga

La Fontaine Revisitado

Era uma vez uma formiga e uma cigarra, que eram muito amigas...

Durante a primavera, verão e outono a formiga trabalhou sem parar, armazenando comida para o inverno. Não aproveitou o sol, a brisa suave do fim da tarde, nem uma conversa com as amigas depois do dia de trabalho.

Enquanto isso, a cigarra cantava com os amigos nos bares da cidade, não desperdiçava nem um minuto sequer, cantava durante todo o tempo, aproveitava o sol, desfrutava muito, sem se preocupar com o mau tempo que estava para vir.

Passados uns dias começou o frio e a formiguita, exausta de tanto trabalhar, meteu-se na sua pobre guarida cheia de comida até ao tecto.

Mas alguém a chamou da rua. Quando abriu a porta teve uma grande surpresa ao ver a sua amiga cigarra a pedir-lhe ajuda.

A formiga perguntou: o que fizeste durante todo este tempo?

Eu cantei o tempo todo e diverti-me...

Ah sim!!!, replicou a formiga. Então dança agora!!! Olha e porque não emigras?

A cigarra, não perdendo a calma, pensou, pensou e resolveu aproveitar o conselho que a sua amiga lhe dera.

Emigrou para um país de que ouvira falar, com muitas ilhas, com muito turismo e muito sol e aí se estabeleceu, desenvolvendo o que melhor sabia fazer: cantar e dançar.

Algum tempo depois, com um ar próspero, resolveu ir passar umas férias à terra natal e aproveitou para visitar a sua amiga formiga. Ao vê-la, a formiga, com ar de espanto, perguntou-lhe:

Olá, amiga cigarra!!! Mas... o que aconteceu?

Olha, respondeu a cigarra: segui o teu conselho, lembras-te? Emigrei e dediquei-me ao que melhor sei fazer: cantar e

dançar... tive sorte e aqui estou eu para te agradecer o conselho que me deste.

Mas, olhando melhor para a formiga, viu-a mais velha, cansada, desanimada...

Vejo que não estás nada bem, querida amiga formiga!!! O que aconteceu?

Olha, respondeu a formiga, quase não podendo falar, de cansada: continuei a trabalhar cada vez mais, com os impostos a aumentar, pouco sobejava para me alimentar. Acabei por me reformar, mas logo a seguir cortaram-me parte da pensão e agora estou nesta situação.

Olha, querida amiga, agora sou eu que te dou um conselho: emigra, pois não tens nada a perder. E que tal ires até Paris?

Irei amiga, disse a formiga, mas se encontrar o La Fontaine, irei dizer-lhe o que penso das suas fábulas.

Moral:

Aproveita a vida, trabalha e diverte-te em proporção, porque trabalhar demasiado só traz benefícios nas fábulas de La Fontaine.

Francisco Afonso
Nº 152 – USCAL

Lenda de Odemira

D. Afonso Henriques, a caminho das conquistas do Sul, passou por Odemira e quis conquistá-la. Nesse tempo, habitava o Castelo um alcaide mouro chamado Ode que tinha uma linda mulher, como acontece com todas as mouras das lendas. Quando o exército de D. Afonso Henriques chegou, a alcaidessa estava à janela do castelo. Aflita, a senhora chamou de imediato o marido e gritou:

- Ode, mira!

É de notar que a linda moura conhecia muito bem o verbo *mirar*... de origem castelhana.

Lenda de Santiago do Cacém

Uma princesa bizantina chamada Bataça Lascaris fugiu do Mediterrâneo oriental ao comando de uma esquadra por ela armada. Desembarcou em Sines e atacou uma povoação islâmica governada por um senhor de nome Kassem. Combateu-o, derrotou-o e matou-o. Tomou o castelo no dia de Santiago, 25 de Julho. Por essa razão colocou à vila o nome de Santiago do Kassem.

Lenda das três Gémeas

No tempo em que Silves pertencia aos Mouros, o rei Mohamed passeava a cavalo quando encontrou, entre reféns cristãos, uma linda jovem, filha de um nobre cristão, e a sua aia.
Ordenou que fossem levadas para o seu castelo. Aí pediu à jovem para se converter à fé de Maomé e para se tornar sua mulher. A jovem gostava de Mohamed mas não queria converter-se. Então, a sua aia propôs-lhe uma solução: ambas renegariam a fé cristã apenas exteriormente para agradar ao rei mouro e possibilitar o casamento. Da união nasceram três gémeas. Os astrólogos auspiciaram beleza, bondade, ternura e inteligência. Contudo, avisaram o rei de que deveria vigiá-las quando chegassem à idade de casar. Não as deveria confiar a ninguém.

Mais tarde, a sultana morreu e a aia ficou a tomar conta das jovens. Por ordem do rei, foram viver para um castelo distante. As princesas tornaram-se mulheres. Embora gémeas, tinham personalidades muito diferentes. A mais velha era intrépida, curiosa, de olhar insinuante e profundo. A do meio era a mais bela e apreciava jóias, flores e perfumes caros. A mais nova era a mais sensível, tímida e doce. Um dia, aportou perto do castelo uma galera com reféns cristãos. Entre eles, salientavam-se três jovens belos, altivos e bem vestidos.

Curiosas, as princesas perguntaram à aia quem eram aqueles homens de aspecto tão diferente dos mouros. A aia respondeu-lhes que eram cristãos portugueses e contou às princesas tudo sobre o seu passado. As princesas ficaram demasiado interessadas nos jovens cristãos. Então, a aia pediu ao rei que levasse as filhas para junto de si, mas sem lhe explicar a razão. O rei e as princesas iam a caminho de Silves quando se cruzaram com os três cativos.

Para os verem, as princesas levantaram os véus. Os cristãos não respeitaram a ordem de baixarem o olhar.

Furioso, o rei mandou-os castigar. Tristes, as princesas conseguiram convencer a aia a arranjar um encontro com os jovens. Entretanto, os três cristãos foram resgatados pelo rei português. As princesas dispuseram-se a segui-los e a converterem-se à fé cristã. A aia ficou contente por elas se converterem à fé que secretamente professava. A princesa mais
nova recusou-se a partir e a abandonar o pai. Conta a lenda que morreu de tristeza pouco tempo depois. A sua alma ainda hoje se lamenta e chora na torre do castelo, nas noites sem luar.

Os três textos - In *Livro Guia do Alentejo*

Do casal *Maria José Duarte* e *José Duarte*
USCAL, nºs 24 e 22

A Lenda de Costureirinha

Quem, na minha geração, não terá ouvido os nossos pais ou avós contarem histórias que passavam a fazer parte do nosso imaginário? Uma lenda que se contava muito no Alentejo era a da Costureirinha.

Contavam que se ouvia o som de uma máquina de costura a trabalhar, som esse que podia vir de qualquer parte da casa.

- A costureirinha está ali a trabalhar. – dizia-se.

Mas quem era ela?

Segundo a tradição, era uma costureira que trabalhava ao domingo, não respeitando a tradição do dia sagrado.

Então, por não cumprir com os seus deveres religiosos, fora condenada, após a morte, a errar pelo mundo dos vivos durante algum tempo, para se redimir. No fundo, era uma alma penada.

Passaram tantos anos!... Não sei se há ainda alguém que a ouça, mas sei que morria de medo perante a expectativa de a ouvir.

Maria José Duarte
USCAL, nº 24

Este não é um conto tradicional popular do ocidente nem muito menos fabuloso, só fantástico. Remonta ao séc. XIII e à antiga Pérsia, na rica tradição Sufi no que respeita a uma visão interior da vida e do ser que nasce no coração do homem que procura a unidade com o Absoluto.

Conhecimento e Sabedoria

Há muitos anos atrás, viveu um ancião árabe muito sábio. As pessoas estimavam-no pela sabedoria que transmitia. Um dia, decidiu fazer uma viagem de barco e nesse barco entrou também um jovem estudante com ares de superioridade e muito arrogante. Quando encontrou o ancião a bordo, logo quis saber se tinha viajado muito e se conhecia a cidade de Damasco. O sábio, calmamente, respondeu-lhe que já a tinha visitado muitas vezes e falou-lhe das estrelas que dela se viam, das suas gentes, dos cheiros das suas ruas e dos barulhos dos seus mercados.

O estudante, não se importando nada com estas descrições, interrompeu-o, querendo apenas saber se o ancião tinha estudado na escola de astronomia da cidade. Ele respondeu-lhe que não, ao que o estudante lhe retorquiu que assim o ancião perdera meia vida. O estudante, insistindo, perguntou-lhe então se conhecia Alexandria e se tinha frequentado a sua importante Biblioteca. Mais uma vez, o sábio respondeu-lhe que conhecia bem a cidade por tê-la visitado muitas vezes, mas não conhecia a Biblioteca. O estudante respondeu-lhe que era uma falta grave e que o conhecimento que perdera por não a ter frequentado equivalia a perder meia vida. Nesse instante, o ancião percebeu que o barco na outra extremidade tinha começado a meter água e, voltando-se para o jovem, perguntou-lhe então se, entre tantas escolas e lugares de saberes que tinha frequentado, alguma vez e em alguma delas aprendera tão simplesmente a nadar. O estudante, lembrando-se de todas as matérias que tinha estudado, respondeu-lhe que, na verdade, não tinha aprendido a nadar. O sábio, nesse momento, pondo-se de pé, saltou borda fora, não sem antes lhe ter respondido que então ele iria perder toda a vida por não saber nadar.

Este conto pretende mostrar que o acumular de conhecimentos por si só pode não ser sinónimo de sabedoria. Aprender as pequenas coisas da vida em vez de só procurar a eloquência é a melhor maneira de conhecer o mundo e a nós próprios. Não devemos procurar o conhecimento intelectual só para nos elevarmos perante os outros, mas sim para esse conhecimento nos ajudar a percorrer o caminho que deve ser só nosso. Cada passo deve ser vivido em pleno pelo próprio. Uma pessoa pode ter acumulado muitos conhecimentos, mas a sabedoria, a verdade, não se pode mostrar com palavras. É preciso vivê-la, a partir de si mesmo, sem guias exteriores.

Conto adaptado de um livro de pensamentos de Hermann Hesse (1877 – 1962).

Apaixonado pelo Oriente, escritor iniciático, poeta, romancista e ensaísta alemão, Hermann Hesse é uma referência espiritual para todas as gerações.

Recebeu o prémio Goethe e, em 1946, o prémio Nobel da Literatura.

Luís Nunes
USCAL, Nº 192

Niquita

"Estória, estória, virtude d'Céu, amen"

Assim começavam as histórias que a Niquita nos contava.

Para além de outras, havia a do Zerangão, que trepava pelas paredes até desaparecer. Mas a preferida e escutada vezes sem conta era a da "Maria princesa, rabo de peixe", que vivia no fundo do mar, no palácio do rei, seu pai.

Sereia mais linda não havia!

Gaudino, pescador forte e destemido, afirmava tê-la visto e até escutado o seu canto.

- Niquita, todos nós podemos ir ao mar vê-la? É aqui tão pertinho...

- Não! Só aos homens, pescadores, sem medo, é que ela aparece, nas noites de lua cheia, ou quando o mar está muito enfurecido.

Gaudino, valente, prometeu a todos que, na noite em que a sereia o chamasse, segui-la-ia até ao palácio do fundo do mar e voltaria para contar todas as maravilhas.

E aconteceu que, numa noite de mar bravio, em que as ondas batiam furiosamente contra os rochedos, Gaudino, corajoso como sempre, saiu para a pesca e fez-se ao mar.

Não havia peixes. O seu frágil barquinho baloiçava e metia-se entre as altas ondas, até que, em dado momento, ele ouviu e viu a princesa sereia que insistentemente chamava por ele. Encantado, e como tinha prometido, mal o seu pequeno barco se revirou, entrou no meio das ondas e seguiu a sereia até ao fundo do mar.

- E depois, ele contou o que viu?

- Não!

- Oh! Porquê?

- Porque ele quis ficar com a princesa. Mas Gaudino enviou o seu pequeno barco que, uns dias depois, apareceu sobre os rochedos, para que todos ficassem a saber que ele agora morava no palácio do fundo do mar.

* " Más grand te bá cercá, más pecnin te bá panhá."(1)

Assim terminavam todas as nossas histórias.

Ah! Velha e querida Niquita! Foi assim que povoaste as nossas mentes de crianças, com tantas e tão lindas fantasias. Enquanto isso, éramos felizes.

Obrigada, Niquita!

---

(1) Expressão em crioulo: "O mais velho prepara, o mais novo colhe".

Maria Albertina Silva
USCAL, nº 258

Imbondeiro

Ninguém liga ao imbondeiro. Não se lhe conhece utilidade. É árvore feia! – dizem uns. Arranquem os imbondeiros! – dizem outros. Pobre imbondeiro! Abandonado por todos, lá vive em África, sem os cuidados e sem os carinhos que os lavradores dispensam a outras árvores.

É verdade. Ninguém liga ao imbondeiro; no entanto, não se pode dizer que tudo é inútil, pois até o imbondeiro, por todos abandonado, teve uma vez, que eu saiba, grande utilidade para um pequeno fazendeiro em Angola.

Distante da sua casa, foi o dito fazendeiro surpreendido por violenta trovoada. Sem ter onde se abrigar, deu ordem aos seus serventes negros para abrirem no seu tronco, de enorme diâmetro, um buraco suficientemente amplo para que todos, nesse dia e nos seguintes, se protegessem da chuva. E assim, tão pobre árvore sentiu a alegria de se saber necessária e desejada.

Nunca se deve desdenhar de coisas ou pessoas que aparentemente nos parecem inúteis, já que no mundo todos nós precisamos de tudo e de todos.

Maria de Lourdes Fortes
USCAL, nº 61

A Pomba e a Formiga

Uma Formiga sedenta veio à margem do rio para beber água. Para a alcançar, deveria descer por uma folha de erva rasteira. Quando assim fazia, escorregou e foi cair no meio da correnteza.

Uma Pomba, pousada numa árvore próxima, viu a Formiga em perigo. Rapidamente, arrancou uma folha da árvore e deixou-a cair no rio, perto da Formiga, para que esta pudesse subir nela e flutuar até à margem.

Logo que alcançou terra, a Formiga viu um caçador que se escondia atrás de uma árvore, com uma rede nas mãos.

Vendo que a Pomba corria perigo, correu até ao caçador e mordeu-lhe o calcanhar. A dor fez o caçador largar a rede e a Pomba fugiu para um ramo mais alto.

De lá, a Pomba arrulhou para a Formiga:

- Obrigada, querida amiga!

Maria de Lourdes Fortes
USCAL, nº 61

O Velho, o Rapaz e o Burro

Vivia no monte um homem muito velho que tinha na sua companhia um neto. Certo dia, o velho resolveu descer ao povoado com o seu burro, fazendo-se acompanhar do neto. Seguiam a pé, o velho à frente seguido do burro e atrás o neto.

Ao passarem por uma povoação, logo foram criticados pelos que observavam a sua passagem:

- Olhem aqueles patetas, com um burro e vão a pé.

O velho disse ao neto que se montasse no burro e este assim fez.

Um pouco mais adiante passaram junto de outras pessoas que logo opinaram:

- O garoto, que é forte, montado no burro e o velho, coitado, é que vai a pé .

Então o velho mandou descer o neto e montou ele no burro.

Andaram um pouco mais até que encontraram novo grupo de pessoas e, mais uma vez, foram censurados:

- Olhem para isto. A pobre criança a pé e ele repimpado no burro.

Ordenou então o velho ao neto:

- Sobe rapaz, seguimos os dois montados no burro.

O rapaz obedeceu de imediato e continuaram a viagem, mas, um pouco mais adiante, um grupo de pessoas enfrentou-os com indignação:

- Desçam, homens cruéis, querem matar o burrinho?

Descendo do burro, disse o velho ao rapaz:

- Desce, continuamos a viagem como começámos. Está visto que não podemos calar a boca ao mundo.

Versão da tradição oral portuguesa a partir de um conto de La Fontaine

Judite Durão
USCAL, nº 122

Uma Família Transmontana

Era uma família trasmontana. O pai era calmo e doce, a mãe era o oposto, muito ligada ao campo e muito pouco à casa e ao seu rancho de filhos que constituíam uma equipa de futebol com suplentes e tudo. O pai, todos os anos, mais mês menos mês, ia a França comprar um bebé. Nessa altura, a França devia ficar ali ao virar da esquina. Eu ia passar umas horas em casa da vizinha e, quando regressava, a mãe estava mais magra e a comer canja de galinha. No berço, um bebé mais a roubar-me toda a atenção dos pais e o tempo para brincar.

Quado eu tinha oito anos, meia dúzia de kilos e uns curtos centímetros de altura, nasceu uma lourinha bonita e muito chorona. Certa noite, acordei com o seu estridente choro, acendi a candeia (sim, nesse tempo ainda não havia essas modernices das eletricidades!) e fui ao quarto dos pais ver o que se passava. Vi então o pai com o braço de fora da cama a embalar o berço vazio e a pobrezinha debaixo da cama deles. Uma outra noite, a mãe dizia:

- Daqui a nada, atiro a rapariga pela janela! Muito assustada, fui buscar a menina e nunca mais a larguei. Considerei os pais incompetentes.

Abdiquei então da condição de criança e dediquei-me exclusivamente àquela boneca e fazia-o com tanto esmero que abismava toda a população da minha aldeia (só cá para nós, de vez em quando, beliscava-a, ela chorava, a mãe pegava nela e eu podia brincar um pouco).

Era um sossego!.. tirando alguns pormenores, coisa pouca, como gritar, falar, cantar, ralhar, todos ao mesmo tempo, onde estão as minhas meias? as minhas calças? o pente? quem mexeu no meu rosário? rai's parta a canalha ... andam sempre a mexer onde não devem! - dizia a mãe, que nunca sabia de nada.

- Despachem-se! Vamos chegar atrasados à missa.

E lá íamos nós, uns pelo próprio pé, outros ao colo.

Todos muito penteadinhos, fatiota domingueira e o pai muito orgulhoso com os seus doze descendentes, principalmente quando o senhor abade dizia:

- Que bonitos! Tão educadinhos e vêm todos à santa missinha!

Todas as noites, como uma família de respeito que éramos, tinha de se rezar o tercinho. O pai começava:

- Primeiro Mistério, pelos meus filhinhos! Que o Senhor... CALA-TE, RAPAZ! (tanta doçura provocava um riso nervoso em alguns) … os abençoe, SE NÃO TE CALAS, PARTO-TE O FOCINHO! … Santa Maria, Mãe de Deus... RAI'S PARTA A RAPARIGA! AGORA É QUE TE APETECEU MIJAR? O riso era mais forte, o pai com os olhos fechados, concentrado na oração, levantava a mão que ia pousar na cara do que estivesse mais perto, porque lá em casa, regíamo-nos pelo princípio de um por todos e bofetão para o que estivesse mais à mão.

No fim do santo rosário, já os mais pequenos dormiam. O pai pegava neles um a um e ia deitá-los. Com o olhar a transbordar de ternura, ia dizendo:

- São tão lindos! Estes filhos da… dum rai' que os parta! …

Maria Idália Simões
USCAL, nº 104

Só um milagre!

Numa manhã, quando a Rainha Santa Isabel atravessava os portões do seu castelo, para levar pão aos pobres, encontra-se com o seu augusto esposo, o mui trabalhador e culto rei dom Diniz, que regressava ao castelo depois de dar uma lição de anatomia a uma moçoila do povo.

- De onde vindes vós, meu rei e senhor, a tão áureas horas?!

- De plantar pinheiros, senhora minha.

- Pinheiros, senhor?!

- E vós, senhora minha, que levais em vosso regaço?

- São rosas senhor, são rosas!

- Rosas? Rosas, para os pobres? Cá para mim só devem ser úteis lá para o início do século vinte e um, quando pegar a moda da *nouvelle cuisine* e das flores comestíveis. Mas ide virtuosa senhora, ide. E fazei os vossos milagres, que eu tenho a premonição de que, nesse século, lá para o futuro, vai haver tantos piratas a roubar que também vai ser preciso muito milagre para transformar em pão a caruma do meu pinhal! Isso, se eles não roubarem a caruma!

Maria Idália Simões
USCAL, nº 104

Vozes do meu Bairro

O apontamento que se segue mais não pretende ser que uma singela homenagem a tanta gente anónima, nossa referência social e pessoal.

A janela é a mesma, sempre foi a minha janela.

Debruço-me. O parapeito em madeira ainda é o mesmo, de boa qualidade por certo, para resistir ao passar dos anos e das intempéries.

O contacto intimista com este parapeito recorda-me outros tempos, os tempos da minha meninice em que passava longas horas à janela.

Agora, volvidas décadas, desfilam os rostos, oiço-lhes as vozes, lembro-lhes as vidas. Vidas angustiadas, as de muitos.

Homens e mulheres eram, na maior parte, analfabetos ou pouco mais que isso.

Para algumas mulheres, filhas do infortúnio, os parcos escudos ganhos a esfregar escadas eram o recurso de sobrevivência mais comum, já que "arranjos" de costura requeriam arte e aprendizagem, e era profissão só ao alcance daquelas cuja família se tinha preocupado em orientá-las para um futuro menos duro.

Outras havia, com maior arte e ousadia, que trabalhavam como costureiras para as grandes lojas de pronto-a-vestir na Baixa.

Para estas e suas famílias, a fome e demais carências nem sempre se sentavam à mesa.

Os homens, na maioria trabalhadores na carga e descarga de mercadorias dos navios que acostavam ao porto de Lisboa, traziam impressa no rosto a angústia da incerteza do trabalho.

Quantas vezes os observei ao subirem a Calçada, cabisbaixos, transportando o fardo da exclusão!

A taberna era o refúgio, onde emborcavam, num trago, um copo de tinto com sabor a amargura, impotência e humilhação.

Mas, no dia seguinte, lá iam eles novamente tentar a sua sorte, já que em casa havia bocas à espera…

Nesta vida de incertezas, neste barco sem rumo, alguns homens e mulheres viviam em iminência de explosão, violentando-se mutuamente num dia-a-dia de agressão e de alarido que todos testemunhávamos.

Agora está uma churrascaria onde, outrora, existiu uma taberna e uma carvoaria.

Ainda oiço o papagaio, desenrolando uma verborreia peculiar, para gáudio de uns e afronta dos mais recatados.

Sentada à porta, uma figura de mulher franzina envolta num xaile, era senhora do segredo do polvo assado, dos caranguejos cozidos e dos canivetes abertos no fogareiro a carvão. O cheiro fazia as delícias dos que não tinham o privilégio de os saborear.

O som das sirenes anunciava o fim do dia de trabalho: era a hora da saída do pessoal do Depósito de Fardamento e Calçado e da vizinha Fábrica de Torrefacção de Café.

À esquina da rua, está presentemente instalado um *atelier de design* num espaço que, em tempos, foi a mercearia. Sacos de feijão e de grão à porta e canecas de loiça penduradas eram uma provocação para as traquinices da miudagem e consequente irritação do proprietário.

À sequência de cada estação do ano, com a luz, a cor e os cheiros que a definem, estão associadas outras vozes, também elas pitorescas, e que agora recordo com toda a nitidez.

Manhã cedo, havia lá melhor despertar para a rapaziada do que aguardar ansiosamente a "mulher da fava-rica" e correr escada abaixo com a malga à medida da concha daquela sopa que fazia as nossas delícias!

A meio da manhã, passava a peixeira que, de canastra à cabeça e bamboleando-se, apregoava: "É vivo da costa! Há chicharro e sardinha linda!"

E à tarde, em pleno estio, a carroça da fruta subia vagarosamente a Calçada e o saloio apregoava: "Quem quer figos, quem quer merendar? Olha o cabaz com morangos! É de Sintra!"

E se tínhamos umas moedas, por prémio merecido, apertávamo-las bem nas mãozitas e aguardávamos à esquina a voz

e prenda mais ansiadas: "Olhó rajá fresquinho, há fruta ou chocolate!"

Lá pelo fim da tarde, passava o ardina: "Olhó Século! Olhó Popular!"

Com os primeiros aguaceiros, chegava o Outono, as suas cores, os seus cheiros e o regresso às aulas.

À saída da escola, no meio da neblina, descortinava-se uma silhueta que nos era familiar. E, se acaso houvesse qualquer dúvida, aquele aroma inconfundível desvanecê-la-ia: escusado será dizer que eram "quentes e boas!"

A chuva era muitas vezes precedida pelo som de uma gaita-de-beiços. Lá vinha ele, boina preta ao lado: era o amolador! Era o tempo de consertar o guarda-chuva, afiar facas e navalhas e pôr gatos nos alguidares.

Enquanto as vozes do passado ecoam na nossa memória, não estamos tão sós.

Maria Vitória Cruz
USCAL, nº 234

Paixão

Era uma menina. Tinha paixão por livros que não podia ter. Mas tinha um sonho: um dia ir para a universidade.

Ainda muito criança, o trabalho sequestrou-a e encarcerou-a numa gaiola, que não era dourada! E foi aí que a menina corroeu oito anos da sua vida. Maltratam-lhe a infância, e a adolescência, mas o sonho não!

A menina persistia em sonhar. Alcança asas e foge da gaiola, que não era dourada!

Usufrui da noite para adubar o sonho. Tendo como companhia as estrelas, sonhava e estudava porque à luz do sol trabalhava.

Depois, num outro tempo, surgiu outra gaiola, mas esta era a consumação de um outro sonho que longamente acalentara, um sonho de altar e de família.

Os livros ficaram numa zona de penumbra, esperando, porque este novo sonho ocupa agora os seus sentidos.

Os anos passam. A velha paixão por livros vai sendo adiada. No seu lugar, instalam-se contendas, decepções, mágoas, bons momentos, outros maus, deslembranças.

A idade maior chega.

É então que surge a USCAL. O sonho acorda. E a menina, que já o não é, deslumbra-se pelo saber. E em passos pequeninos, mas com força de menina, vai aprendendo: o mundo virtual, o autoconhecimento, a leitura de corações, o amor das artes, o respeito pela herança cultural, a exaltação dos nossos escritores, o cuidado com o corpo e com o espírito e tantos outros saberes.

Maria Idália Simões
USCAL, nº 104

Aconteceu na Antiga China

Um Mestre em Artes Marciais meditava junto a um rio, numa cálida tarde de primavera.

Fixando o olhar na linha de água, reparou que um escorpião se debatia, estando prestes a afogar-se. Estendendo a mão, tentou salvá-lo; o escorpião, porém, picou-o. Reagindo à dor, o Mestre largou o animal, que voltou a debater-se. Cheio de compaixão, o velho Mestre voltou a salvá-lo das águas. E o escorpião voltou a picá-lo…

Entre os juncos, na outra margem, um jovem pescador que, havia já algum tempo, os observava, gritou para o Mestre:

- Hei! Não vê que, sempre que tente tirá-lo da água, ele irá picar-lhe?

- Não posso mudar a sua natureza, que é picar. No entanto, também não mudarei a minha, que é ajudar. – respondeu o Mestre.

Dizendo isto, pegou numa folha caída e, fazendo com ela uma concha, apanhou o escorpião, salvando-o de morta certa.

Maria de Fátima Salgueiro
USCAL, nº 34

A Eterna Maravilha

Foi numa madrugada do mês de agosto.

As andorinhas, que todas as manhãs marcam encontro no telhado da minha casa, acordaram-me. Queriam que eu assistisse a um milagre da natureza.

A montanha ia dar à luz!.. E eu tinha que assistir.

Foi assim que, num parto calado e sereno, vi o sol menino nascer. Fraco e sonolento, mas deslumbrantemente belo!..

A montanha ficou feliz, iluminou-se de alegria.

À medida que o seu sol ia crescendo, a montanha sorria orgulhosa do seu Filho Redentor. Ela sabia que ele iria dar-lhe força, renovar-lhe as células, vesti-la de joias que a ornamentariam.

A montanha chorava de felicidade. As suas lágrimas iriam alimentar nascentes, rios e fontes.

Quando, por fim, o sol se fosse embora (como todos os filhos acabam por fazer), a montanha ficaria triste, perderia brilho e cobrir-se-ia de negro. Mas não seria por muito tempo. As suas inseparáveis amigas Estrelas viriam para lhe trazer um pouco de luz, dizer-lhe que o seu filho nasceria de novo para dar luz ao mundo.

Maria Idália Simões
USCAL, nº 104

A Páscoa

Homenagem a Álvaro de Campos,
poeta que me foi apresentado há pouco
tempo e com quem gosto de conversar

(...) Que meu amor, como uma pessoa, esse tempo!
(...) Raiva de não ter trazido o passado roubado na algibeira!...
Álvaro de Campos, in *Aniversário*

Época de mistério
Festa maior dos habitantes da minha aldeia
Tempo de confessar pecados
Período de remissão e concórdia
Aldeia perfumada de flores
Aroma de folar, o pão cozido
com ovos e carnes fumadas
que se mistura com o cheiro da lenha
que abrasara o forno

Domingo de Páscoa
O acordar cedo
Os sapatos novos
O vestidinho bonito
As meias de croché
que a mãe tecia à luz da candeia
O laçarote azul no cabelo
O badalar dos sinos
A missa dominical
A homilia que eu não conseguia entender

e os cânticos que ainda recordo
O mata-bicho de folar e chocolate quente
O almoço melhorado
O vinho feito da nossa lavra
A aletria doce

A visita pascal
A bênção da casa
O Senhor ressuscitou
Aleluia! Aleluia!
O Senhor abençoe esta casa,
esta família!
O beijar da cruz
Os salpicos da água benta
Aleluia! Aleluia!

Semana santa
Semana de Páscoa

Maria Idália Simões
USCAL, nº 104

A Fera e o Cordeiro

Na manhã de um dia de Verão,
Um lobo feroz, e um jovem cordeiro
Dessedentam-se, à mesma hora
Na água fresca de um ribeiro.

A fera chamara a si a primazia
Postara-se, no cimo da nascente;
O cordeiro precavido, desconfiado,
Bebe afastado, no fim da corrente.

Astuto o lobo, viu de soslaio a presa,
Um anho gorducho, uma bela refeição,
Decide devorá-lo ali mesmo. Nessa hora
Inventa, a pretexto, uma justificação!

Sem dar tempo a que o cordeiro
Perceba porque surge tal desavença
Diz-lhe: - Turvas a água que bebo!
Vens aqui beber sem me pedir licença?

Como posso eu turvar água corrente?
- Respondeu, trémulo, o jovem cordeiro.
Estou aqui, muito distante de vós,
Bebo os restos, você bebe primeiro!

Ouvindo a resposta do jovem atrevido,
O lobo inventa, depressa, nova questão:
Ah, lembrei-me agora! Há seis meses
Disseste mal de mim, sem razão!

Nervoso, quedou-se o cordeiro
Cheio de medo, repeso de ter bebido,
Respondeu: Deve ser engano, Sr. Lobo,
Nessa data, ainda eu não era nascido…

Não quero saber nada disso,
Retorque o lobo, com fera sanha.
Borrego medroso, inventas desculpas.
Eu, bicho sabido, conheço a manha!

Com respeito vos falo a verdade.
Podeis, querendo, perguntar a meu pai!
Ora ainda bem que nele falas
Recordo melhor o dia, não digas mais!

Nessa altura, não andava neste mundo
Não me havia parido minha mãe…
Insiste o cordeiro: Não fui eu Sr. Lobo.
Por que me dais as culpas, também!?

Não foste tu, foi teu pai, tanto dá,
Porque as faltas dele, eu te atribuo.
És seu filho, pagas tu o desagravo.
Uma dívida saldada é mais seguro!

Não fui eu senhor lobo… que culpas, tenho?

O lobo sem ouvir mais nada, atira-se,
Dilacera o pescoço do pobre cordeiro,
Enche a pança, corre dali a sete patas,
Todo lambuzado e prazenteiro.

… Não consta que tenha lavado o focinho,
Na água fresca daquele ribeiro.

Ana Carvalhais
USCAL, nº 84

O Enfermo e os Médicos

João Condenado, um homem muito doente, maldizia a sua sorte. Talvez o seu nome fosse prenúncio daquela vida de sofrimento. Tantas dores sentia que mais lhe valera morrer! - lamuriava sem cessar, cansado daquele mal estar abdominal, a consequente profusão intestinal que o obrigara a usar fraldas noite e dia, como se voltasse a ser menino.

O médico assistente, Dr. Tanto-Pior, não atinava com a cura. Depois de inúmeras prescrições, sem ver resultados na habitual canja de galinha, recomendara outro tipo de caldo, também de galinha, desde que fosse pedrês e tivesse pescoço pelado; porém, nem a mudança de cor, nem o pescoço desnudo do galináceo produziram qualquer alívio na malfadada doença.

O Dr. Tanto-Pior, há muitos anos colocado naquela aldeia recôndita, habituado a curar caprichosas diarreias, lembrando-se de receitas antigas, com o seu quê de esotéricas e de resultados provados, prescreveu ao seu doente chá de madressilva silvestre colhida em dia de nevoeiro, uma vez por dia, em jejum, sempre ao raiar da Estrela d'Alva, nem mais um minuto sequer, juntamente com abstinência de todos os apetites carnais em noite de lua cheia. Por seu lado, a família do doente, em desespero de causa, obrigou-se cumprir uma promessa a Santo Eustáquio, padroeiro dos industriais de rolhas lá do sítio, mas tudo falhara redondamente.

O clínico, amigo pessoal do enfermo, usada toda a farmacopeia conhecida na sua longa prática sem que vislumbrasse resultado encorajador, nem qualquer expectativa de poder valer a João Condenado, avisou a família de que nada havia a fazer. O melhor seria prepararem as despedidas daquele morto adiado, arranjar-lhe mortalha de jeito, reservar a igreja e, desde logo um padre, para presidir às exéquias e preparar uma prédica que lhe honrasse a memória.

Inconformada, a família não aceitou a desistência do médico. Decidindo não se submeter de imediato a tal veredicto, quiseram que João Condenado fosse consultado por outro médico: quatro olhos vêem mais que dois, cada cabeça cada sentença, podia ser que de outro lado surgisse o milagre da cura.

Lembraram-se de Tanto-Melhor, clínico famoso pelas suas curas milagrosas. Tendo consultório na cidade onde afluía refinada clientela, seria difícil fazê-lo deslocar-se àquela povoação perdida para lá da serra, mas pediram a Tanto-Pior que intercedesse junto do conceituado colega, (entre "pares" as conversas fluem melhor), para em conjunto discutirem o estranho mal, aquela doença de que padecia João Condenado.

Como previsto, o Dr. Tanto-Melhor, assoberbado com os afazeres próprios da sua distinção profissional, não ficou feliz com o pedido de ajuda do colega que nem conhecia e considerou que aquilo era uma maçada. Tanto trabalho para resolver uma simples disenteria! Desactualizado, pouco esclarecido lhe parecia aquele João Semana, além-fronteiras. Ensaiou uma recusa, alegando dificuldades de tempo, o dinheiro que iria perder, tendo de desmarcar consultas com meses de espera, para atender uma pessoa que nem era seu cliente; além disso, sendo um favor a um colega, pareceria mal cobrar qualquer importância. Em suma, foi aduzindo desculpas variadas para, com diplomacia, se recusar a ajudar.

O Dr. Tanto-Pior, percebendo as causas da escusa de Tanto-Melhor, insistiu nas razões do seu pedido de colaboração, recordou-lhe o juramento de Hipócrates. Contrariado e sem poder recusar perante os argumentos invocados, o Dr. Tanto-Melhor propôs, como derradeiro recurso, discutirem o caso de João Condenado por vídeo conferência, devendo o colega fazer uso da tecnologia informática. Certamente disporia de webcam adequado para se conectar com Tanto-Melhor, enviar-lhe-ia a anamnese, os respectivos exames e análises do paciente e depois, separados por centenas de quilómetros, discutiriam o caso através de Skype, evitando assim, a deslocação. Médico de
família dedicado, desde há muitos anos isolado naquela terra a léguas do mundo computorizado, sem equipamento moderno, Tanto-Pior só podia sorrir com amargura, em face da proposta feita pelo colega.

Os meios sofisticados de que o Dr. Tanto-Melhor falava, estavam de acordo com o palco onde actuava, uma clínica famosa, um imenso e higiénico consultório iluminado por potentes holofotes, incontáveis meios de diagnóstico e terapêutica, enquanto

ele, Dr. Tanto Pior, trabalhava em condições precárias e não dispunha das ferramentas avançadas que o colega ostensivamente alardeava. Como poderia o Dr. Tanto-Melhor fazer um diagnóstico, sem observar directamente João Condenado, sem lhe auscultar o coração e os pulmões, sequer palpar o abdómen dorido e mirrado do doente em causa? - perguntava-se, angustiado, o Dr. Tanto-Pior.

Convicto das suas razões, respondeu, sem qualquer hesitação, a Tanto-Melhor: Queria que ele observasse João Condenado, ao vivo e a cores, antes de pronunciar o seu douto veredicto; caso contrário, considerava desnecessário o incómodo e desde logo dispensava a colaboração que solicitara.

Contrariado, o Dr. Tanto-Melhor dignou-se observar João Condenado, indo até ao povoado para atender o doente em sua casa, como fazia questão o teimoso e obstinado colega. Após apresentação do caso, feita a observação clínica do doente como manda a sabatina, em longas horas de discussão os dois médicos concordaram no diagnóstico: todo o mal provinha dos "intestinos constipados" de João Condenado, muito embora cada qual de per si resolvesse prescrever para a mesma maleita terapêutica diferente.

O Dr. Tanto-Pior considerou ser de aplicar ao doente, clisteres salinos de duas em duas horas, como forma de arrefecer e desinflamar as vísceras; o Dr. Tanto-Melhor prescreveu obstipantes, já que, em seu entender, era preciso deixar em repouso absoluto os intestinos convulsivos e febris do debilitado paciente.

Convencidos do seu saber, irredutíveis em seus pareceres, Tanto-Melhor e Tanto-Pior, desconfiguraram em absoluto todo o aparelho digestivo de João Condenado, plantaram maior confusão na cabeça pouco esclarecida da família, a qual, por si própria, decidiu cumprir a prescrição de ambos os médicos; uma receita era complemento de outra, cumpririam a medicação em dias alternados, um dia o doente tomava um obstipante e com isso nem uma tripa bulia no seu ventre, coisa de menor importância, o máximo que poderia acontecer seria a oclusão intestinal, um risco remoto, considerou o Dr. Tanto-Melhor prescritor da terapêutica; no dia seguinte o debilitado paciente submetia-se a um irritante clister salino, o que lhe provocava maiores dores de barriga, ao mesmo tempo que todo ele se desfazia em água. Uns dias, João

dormia como um anjo, não comia nem bebia, outro dia, o desgraçado torcia-se no leito com dores.

João Condenado definhava aos olhos de todos; porém, Tanto-Melhor e Tanto-Pior porfiavam na infalibilidade dos seus saberes, continuando a insistir nos fármacos em que acreditavam e esperando que, a seu tempo, a medicação resultasse a favor das suas opiniões; enquanto isso, exaurido, João Condenado despediu-se deste mundo sem um pio, sequinho, como um figo passado! Acabara por cumprir-se a sentença que, em primeira instância, fora avançada por Tanto-Pior.

Quanto ao facto em si, a morte de João Condenado, os médicos nem pestanejaram: o desfecho era previsível, pois ficara provado à evidência que quem não melhora, piora, tão simples quanto isso…

Depois do enterro, Dr. Tanto-Pior e Dr. Tanto-Melhor reuniram-se. Em alargado concílio, reviram as posições defendidas na abordagem do estranho mal que vitimara João Condenado: cada qual apostado em defender a importância do seu saber, atribuindo-se mutuamente as culpas, nenhum admitiu ter errado.

Por seu lado, Dr. Tanto-Melhor maldizia a hora em que acedera vir ajudar o seu colega a tratar este caso, à partida sem solução. Com isso pusera em causa a sua reputação e, em sua defesa, argumentava:

- Tenho a certeza de que João Condenado morreu por não ter seguido à risca a minha prescrição …

- Disparate, caro colega, retorquiu Tanto-Pior, foi a sua receita que o matou!

Dr. Tanto-Pior, fiel aos seus doentes e à terra onde era considerado um homem de bem, decidiu continuar junto da sua família alargada, fazer o melhor que podia com o seu saber, a sua experiência e os parcos recursos de que dispunha, enquanto médico. Consta que jamais pediu ajuda: quando outros casos como estes lhe chegaram às mãos, uns foram resolvidos com sucesso, outros nem tanto…

Ana Carvalhais
USCAL, nº 84

Promessa Trocada

Eram marido e mulher, mourejavam do nascer ao pôr-do-sol na pequena lavoira que possuíam, magras courelas, uma belga de pinhal e um bocado de chão mais mimoso onde cuidavam de plantar a fruta e os legumes temporãos, que depois vendiam numa tabanca no largo da aldeia, uns magros tostões arrecadados para gastar nas idas às romarias das terriolas próximas.

Casados pela santa madre Igreja, concebiam a vida tal qual lhes havia sido doutrinada - Deus, Pátria, Família. À luz destes mandamentos, regiam os seus dias de labuta neste Mundo.

Tinham um filho que nascera muito débil, um susto para a comadre e parteira que assistira ao parir da enfezada criatura. Quinzinho de seu nome, cresceu raquítico e friorento. Verão ou Inverno, era vê-lo encostado ao calor libertado pela panela de ferro onde cozinhavam as refeições do reco, hóspede da "loja" por baixo do quarto dos pais. O rapaz tinha a face amarela e chupada e, para o protegerem, penduravam-lhe ao pescoço um rosário de dentes de alho que a mãe lhe fizera, juntamente com o escapulário benzido pelo Sr. Padre, apiedado com o sofrimento de Quinzinho.

A preocupação dos pais com o futuro do jovem era constante, seria quase impossível que o moço fosse às sortes como outros rapazes nascidos no mesmo ano, se entretanto não melhorasse. Também não poderiam contar com ele para continuar os trabalhos das terras que possuíam.

- De que vale tanta labuta, mulher! Quem vai continuar a lavoira, depois? O nosso rapaz nunca há-de fazer nada destas coisas...

- Não descorçoes, homem! Nosso Senhor há-de se amercear dele! Olha, sou muito achegada a Santo Antão, já m'alembrei de lhe fazer uma promessa: se o nosso Quinzinho arribar, ganhar talento para pôr as correias às costas, ir à inspecção, queria dar qualquer coisa para agradar ao santo, o que é que lhe havemos de prometer, homem?

- Prometemos... prometemos… tamem não sei o quê mulher! Diz lá tu, tu é que sabes dessas coisas... alembra-te o que há-de ser!

- Olha marido, prometemos-lhe a cera para o alumiar, toda aquela que póssamos comprar com o dinheiro da venda da vaca mais bonita que tivermos, no ano que ele for à inspecção!

- Que grande promessa mulher! Com essa cera toda o Santo vai andar alumiado à tripa forra, dez anos seguidos... ou mais!

- Será, será, mas, se pensares bem, o favor também é grande, pode ser qu' ele assim, lá no céu, mexa bem os pauzinhos, arresolva o problema a nosso contento!

Teria razão a mulher, uma promessa de esmola tamanha não deixaria que Santo Antão se esquecesse de deferir o pedido, em devido tempo, acreditava o pai do rapaz.

Quando Joaquim fez dezanove anos, graças a Santo Antão ou a outro santo qualquer, era finalmente um homem rijo e saudável, transpirava forte e feio como qualquer cavador, rachava lenha e malhava o centeio dias inteiros, no calor do Estio a par dos homens mais costumeiros nessas lides, sem que demonstrasse qualquer sinal de cansaço.

Chegado o dia de ir à inspecção, depois da missinha, alinhado no adro da igreja com os outros mancebos, o rapaz resplandecia de vida, livre de todos os males!

Santo Antão satisfizera o pedido, faltava os pais cumprirem a promessa, a dívida que tinham em aberto para com o santo, que não demoraria muito a reclamar os créditos de que era merecedor. Teriam de sacrificar a Amarela, a melhor vaca que tinham, para lhe pagar.

- Agora arrota, mulher, disse o marido à companheira postada a seu lado!

- Arroto o quê homem, perguntou ela, absorta na contemplação do herdeiro ali perfilado.

- Arrotas a promessa que fizemos a Santo Antão para que este dia chegasse, já não t'alembras!?

Até se lembrava da promessa mas, por instantes, assaltou-a a vontade de deixar passar mais algum tempo sem pagar, podia ser que o santo se tivesse esquecido; depressa arrepiou caminho, temendo o castigo divino que, por certo, chegaria lá do alto.

Sacudiu aquela perversa ideia da cabeça, armadilha do mafarrico, de certeza. Se ela não pagasse, o rapaz ficaria de novo enfermo...

- Ainda bem que m'alembras, homem! No sábado que vem vamos com a Amarela à feira de Lamas. O dinheiro que fizermos por ela, vamos logo comprar as velas mais grossas que lá virmos, que sejam da altura do nosso rapaz. Depois, dizemos-lhe para entregar a mêda de cera ao sr. Padre de Peva, para ele alumiar Santo Antão que nos fez este milagre.

Decididos a satisfazer o compromisso naquela data, só faltava contar ao filho a promessa de ter de vender o animal; sabiam que seria doloroso para o rapaz desapegar-se da vaca, mas tinha de ser, já não podiam adiar mais.

Joaquim, insatisfeito ao inteirar-se da promessa dos pais, reconheceu que fora para seu benefício. O que mais lhe custava era pensar que, além perder a sua vaca preferida, teria de a ver reduzida a um monte de morrão e cinzas, nem queria acreditar que tal coisa podia acontecer, cogitava para consigo mesmo: se a minha mãe quisesse fazer uma troca com o santo, dávamos-lhe um, até mesmo dois galos, mas, se tiver mesmo de vender a Amarela, tenho de fazer com que sobre dinheiro para comprar, logo lá na feira, uma bezerra para ficar no lugar dela...

- Minha mãe, a sua promessa bem poderia ser paga com uma dúzia de Padres Nossos e outras tantas Ave Marias, fariam o mesmo efeito aos olhos de Deus e dos Santos, a senhora assinou algum contrato em papel selado, por acaso?

- Meu filho, somos criaturas de fé e de palavra, foi o dinheiro da vaca que prometemos, para nós o prometido é devido, acordos com santos não é coisa que se possa roer a corda, retorquiu a mãe desgostosa pela forma como o filho lidava com o assunto. Afinal, de que valera a educação religiosa que, desde cedo, lhe dera!?

- Se é assim que quer, assim se faz, vamos p'rá feira minha mãe! Desde já aviso, foi por mim que fizeram tal despesa é a mim que me compete fazer o negócio!

- Está bem, meu filho, disse o pai agradado com o rasgo do rapaz e murmurando baixinho: Temos homem!

- Traga também um galo, o mais gordo que lá tiver, senhora minha mãe, disse Joaquim.

- Mas, meu filho, nós não prometemos galo nenhum ao santo!

- Minha mãe, faça o que lhe digo! Para que precisa de dois galos no mesmo poleiro?

Sem mais discussão, foram a caminho da feira, a mãe com o frango num cesto debaixo do braço e o xaile preto pelas costas, o Quim, com ar calado e grave, levava na rédea a vaca Amarela. O pêlo lustroso e o farto amojo do animal davam nas vistas, enchiam o olho de qualquer marchante. Já no terreiro da feira, o pai quedara-se em lugar estratégico para defender um quadrado de terra, espécie de montra onde o animal ficaria exposto. Enquanto cumprimentava à esquerda e à direita, rodava nas mãos o chapéu de maneira a não ter de olhar para a vaca que ali viera negociar. Naquele dia deixava ao filho o negócio, até para ver se realmente ele estava à altura de um dia lhe suceder naquelas andanças.

Depressa começaram a chegar os negociantes interessados na compra:

- Quando custa a jarmela?

- Cinquenta mil réis, apressou-se a responder Joaquim.

O pai estranhou a barateza da venda; no entanto, calou-se, decidido que estava a não interferir; notou, porém, o ar de espanto de todos os que por ali apreciavam o animal. Desconfiados de tão baixo preço, comentavam:

- Alguma coisa errada se passa com a vaca, deve ter uma malina qualquer, algum achaque de monta, os donos querem ver-se livres dela...

- Não esteja a mangar com a gente, diga lá quanto pede pela bicha?

- Palavra de rei, cinquenta mil réis, reforçou perentório o Joaquim!

Apesar da dúvida quanto à saúde do animal, um feirante mais interessado naquela compra do que no risco, licitou alto e bom som de modo a afastar outros interessados:

- Comprada! A vaca é minha, está castigado!

Começou por tirar o dinheiro do bolso da samarra, quando a voz de Joaquim se fez ouvir de novo:

- Alto aí, amigo, ainda não disse as condições em que vendo a minha vaca, por tão baixo preço!

- Então, diz logo tudo d'uma vez, rapaz! - exclamou o homem já impaciente.

- Quem quiser ficar com esta bela vaca tem de comprar também um galo que tenho ali para vender, faz parte do mesmo lote. Minha mãe, traga lá o bicho!

Aproximou-se a mulher, trazendo o galaroiço acomodado no cabaz. Quando se viu fora de apertos, o bicho sacudiu os gorguilhões descorados e soltou uma bela cantata:

- Cóóócooróóócóócóó! Cóóócooróóócócóó...

Os pretensos interessados riram com prazer pelo inesperado da situação.

- Tudo bem, até gosto da ave. - continuou o primeiro interessado. – E quanto vale o galaroz?

- Duzentos mil réis. - respondeu o vendedor, agora mais afoito por ver todos descontraídos depois da chegada do galináceo.

Jamais alguém iria dar um montão de notas, duzentos mil réis, por um galo, nem que fosse de oiro, depois aquela vaca tão barata, também não agourava nada de bom, disseram alguns, em alta voz, para que o vendedor ouvisse. Contudo, o primeiro interessado, enfeitiçado por aquele negócio estranho, avançou com uma contraproposta:

- Só por gostar da cantoria do galaroiço, vou fazer-lhe a última oferta. Pense bem, que não faço nem mais uma, quando muito ainda daria cento e noventa mil réis por a vaca e o galo!

Joaquim manteve-se firme na estratégia que delineara, mantendo o preço inicial. Irredutíveis, o vendedor e o potencial comprador assim ficaram até que, como sempre acontece nas feiras, sem mais, um homem apareceu, intrometeu-se no negócio e tentou intermediar o acordo e promover a venda a contento de ambos:

- Rache lá essa coisa homem, se não, há-de vir a feira de S. Simão e vocês inda aí estão! - gritou para o vendedor.

A seguir, esta mesma figura aproximou-se do negociante, ainda interessado, e falou-lhe:

- Se trocares as peças, vais ver que o rapazote até está enganado nos preços: a vaca, bem vistas as coisas, vale os duzentos mil réis, o galo é que não vale mais que vinte e cinco mil réis, vem tudo a dar na mesma! O rapaz tem a mania que é esperto, deve ter um "barafuso" a menos ou é p'ra criar barafunda na cabeça da gente porque, somando o dinheiro que ele pede, tens de lhe dar duzentos e cinquenta mil réis por duas peças na mesma. Deixa estar, eu arranjo de maneira a que o rapaz te faça um desconto...

Foi ter com Joaquim e disse-lhe ao ouvido:

- Ouve o meu conselho rapaz, já ando nisto há muito tempo! É melhor fazeres o negócio: aceitas cento e noventa e cinco mil réis pelo galo, vinte e cinco mil réis pela vaca, tudo junto valerá duzentos e vinte mil réis, não perdes muito. Já é quase noite, é melhor que voltares com os bichos p´ra casa outra vez!

O rapaz olhou para o pai o qual, cansado de tanta espera, fez-lhe um sinal de aceitação, e o Joaquim com ajuda do figurão, aceitou: a+b, negócio fechado!

Feliz com o resultado da venda, o Joaquim entregou, de imediato, o dinheiro respeitante ao valor da vaca nas mãos da mãe, dizendo:

- Minha mãe, aqui tem o dinheiro que a vaca rendeu, já pode pagar a sua promessa, compre uma vela bem grande ao Santo e peça-lhe que, para a próxima, lhe ilumine o entendimento!

- Mas filho, - respondeu a mãe incrédula com o preço de venda da sua vaca preferida - este dinheiro não dá para pagar a mêda de velas que lhe tenho prometida, não alumia o santo nem sequer uma semana, quanto mais...

- A senhora prometeu a Santo Antão, todo o dinheiro que rendesse a nossa vaca mais valiosa, não foi? Dei-lhe vinte e cinco mil réis. Foi por esse dinheiro que ela foi vendida! O resto do dinheiro foi o preço do galo e já o dei ao pai. A mãe estava comigo na feira, viu o trabalhão que deu vender a nossa Amarela, apesar do preço! Tem aí todo o dinheiro que ela rendeu, compre com ele a cera que puder, fica paga a promessa, o santo lá do alto bem viu

que nenhum de nós fez trafulhice! Além do mais, com "cera sobeja, arriscava-se a deitar fogo à Igreja".

- A sua bênção, minha mãe!

(Aquilino Ribeiro, *Geografia Sentimental* – recriação)

Ana Carvalhais
USCAL, nº 84

Bukhara. Uzbequistão

> *"Se em todo o mundo a luz vem do alto, em Bukhara ela nasce da terra para iluminar o Céu."*

Bonecos falantes há sempre.
Mesmo que sejam a nossa memória.
E este Samir Uzbeque calhou assim.

Bom dia, boa tarde ou boa noite, senhoras e senhores. Vou apresentar-me a V. Exas., meu estimado público desta viagem no tempo.

Chamo-me Samir, sou uma marioneta, e nasci aqui mesmo na oficina de trabalho de Iskandar Khakimov, homem muito simpático, nesta bela cidade de Bukhara, que em tempos foi um oásis. Sou, portanto, de nascimento, do grupo uzbeque, do Uzbequistão, país da Ásia Central. Khakimov é um artista que há mais de 20 anos faz exposições pelo mundo fora com as suas marionetas. Ainda não participei em nenhuma, apenas aqui na loja me mostro ao mundo, mas os amigos que vão - e os que voltam - contam que os países são todos muito diferentes e que as pessoas que assistem às exposições dizem sempre o mesmo: Maravilhosas marionetas! Às vezes há "amigos" que não regressam porque ficam a "morar" noutras casas ou mesmo em museus que se encantaram com esta arte. E sei que alguns estão em Inglaterra, na Rússia, no Canadá, no Japão, na Austrália … tão longe!

Tenho uma namorada muito bela, uns meses mais nova. É a Noor, a minha luz, e só desejo que, quando algum turista me levar como recordação, ela vá junto, porque o seu olhar é doce e atrevido, está muito bem vestida à moda tradicional, tal como eu e, na verdade, fazemos um belo casal.

Pelo que fui percebendo do que por aqui se fala, Iskandar aprendeu esta arte com o pai, que tinha aprendido com
o avô, o bisavô e uns tios … Sabem como é. Vê-se como se faz depois ajuda-se - até porque antes os miúdos começavam muito cedo a frequentar as oficinas para saberem outras coisas - depois inventa-se, quer dizer, cria-se. É isto também a arte. Somos, nós as

marionetas, vestidas à moda tradicional ou à moda das muitas tradições, em fatos de seda (e já vos conto porquê), representando personagens da nossa riquíssima literatura, do folclore, cientistas, comerciantes do mundo, governantes e bravos guerreiros que por aqui andaram. Até já vi por aí uma mulher velha e feia, que dizem ter poderes mágicos, mas tenho um pouco de medo e nem quero que a Noor se aproxime dela. Antes os artistas levavam-nos pelas aldeias para fazer espectáculos, que também tinham circo, e assim as pessoas podiam aprender e divertir-se com as histórias.

Como disse, o meu país chama-se Uzbequistão e nem sempre foi do tamanho que é agora, mas sempre fomos acrescentando a nossa cultura com tanto ir e vir. Mas vou explicar melhor...

O nome Bukhara poderá ter vindo da língua sogdiana e terá querido dizer "Lugar da boa sorte, ou fortuna"; mas poderá ser um derivado de uma outra língua antiga, o sânscrito, e então significaria Mosteiros Budistas. Vejam bem como já vem de longe. Então, Bukhara teria sido, há muitos anos, um centro da religião budista. Fomos também vassalos da dinastia Tan, da China, vivendo bem resguardados na antiga cidadela, a Ark, paredes poderosas, com sete portas, mais tarde onze, que nem sempre conseguiram parar a fúria dos novos invasores. Ora, aqueles caminhos que vinham da Ásia, da China, e se ligavam ao mundo mediterrânico, foram chamados Estrada da Seda. O comércio da seda fez surgir muitas cidades importantes mas acreditem que não estava sozinho; trazia diferentes ideias, ciências, artes e religiões. E impérios se fizeram e desfizeram durante séculos, mas a seda ficou com o seu encanto. E nem imaginam que lindo que é o vestido da minha namorada Noor.

Mas vamos então passear por Bukhara, que o céu hoje está azul; os azulejos brilham, muitos deles recuperados porque o tempo também destrói a arte mais antiga (não são só os homens!); a cor turquesa das cúpulas está vibrante; as mesquitas, muitas, é certo, estão abertas para os vossos olhos e as escolas corânicas, que agora já não são usadas para o ensino, deixam-nos sentir ainda o muito que por lá se terá falado e aprendido. Os mausoléus de chefes religiosos de outras épocas contarão histórias emocionantes, lendas

talvez sobre poços de água fresca que libertavam as pessoas dos seus grandes sofrimentos. Não esqueçam que o deserto estava aqui mesmo à porta deste oásis.

E quando entrarem nos monumentos vão sentir como os artífices sabiam decorar os espaços, como as colunas trabalhadas, de madeira ou pedra, ainda se erguem firmes, sustentando uma leveza (ia dizer do ser mas já alguém o disse); como as entradas de luz são surpreendentes e nos tocam; como os arcos, quantos de volta perfeita, se apoiam em paredes de pedra clara ou de tijolos, ornamentados com cerâmicas verdes, brancas ou turquesa, rendilhadas de linhas geométricas e letras que muitos não saberão ler. Mas não se preocupem, porque são mensagens de paz que o islamismo, uma das religiões que por aqui passaram e ficaram, ensinou a escrever. Tal como o budismo o havia feito e outras religiões mais antigas. Do zoroastrismo, alguns templos foram destruídos, mas o do Sol e o da Lua estão aí transformados para outros fins que não aqueles para que foram pensados. Também poderão entrar na antiga Sinagoga, porque os judeus sempre pertenceram a este espaço tão diverso. Sigam por ruas estreitas de casas antigas e vivam a cidade menos voltada para o turista, porque vale bem a pena perceber a vida das pessoas.

Pela tarde, quando o sol subir e se tornar mais forte, vão gostar do fresco no interior dos edifícios históricos e escolher a sombra dos minaretes tão incrivelmente altos; e, ao percorrer os museus, saber que a história é um tempo longo. Não devem falhar o museu dos tapetes, agora instalado numa antiga mesquita, mas deverão também visitar o lugar mágico onde a arte de fazer nós nos fios de seda colorida, sempre com produtos naturais, está nas mãos de mulheres artesãs, há muitos anos.

Depois, passear no bazar e ver os artistas trabalhando e vendendo objectos tão diversos, mas sempre ligados à nossa cultura. Há um caravansarai antigo que recorda o poeta Omar Khayam; hoje é um centro de artes onde um amigo do meu mestre cria miniaturas de uma delicadeza que vos vai surpreender. Porque ele pinta o deserto com caravanas de camelos, e flores sonhadas, e poços de água desejados e tendas de gente nómada, mulheres e homens envoltos em grandes panos negros porque o vento dos

desertos é forte e por vezes traiçoeiro, e as areias volteiam em turbilhões.

É necessário não esquecer duas outras cidades de grande esplendor que são vizinhas de Bukhara. Samarcanda e Khiwa. São património da humanidade pela beleza dos monumentos, pela antiguidade e história, e por esse fio de ligação que era a Rota da Seda. Mas sabem como é, a nossa cidade tem um outro encanto. E houve alguém que disse e escreveu há muitos e muitos anos, porque o sentiu: "Se em todo o mundo a luz vem do alto, em Bukhara ela nasce da terra para iluminar o céu".

Marina Brandão Lucas
USCAL, nº 316

Saudades da Minha Rua

A saudade é terrível. Deixa-nos num estado de desalento, de angústia. Às vezes choro, outras vezes, mesmo sabendo que vou sofrer, quero voltar aos locais onde fui feliz. Dizem que não se deve. Mas, como dizem os cabo-verdianos, "ca ta bado, ca ta birado": se não se vai não se volta. E como reconhecer esse momento de voltar, se se tem medo de ir?

Voltar aos lugares de infância, para mim, é o que custa mais. Onde está a mão do meu pai agarrando-me para eu não cair dos patins, num já desaparecido ringue de patinagem no Campo Grande? Onde está o triciclo da minha irmã onde eu podia (às vezes) também andar nas manhãs de domingo?

Onde está a minha mãe a dar-me 5 tostões para comprar um gelado ao homem que passava com o seu carrinho, tinindo a campainha nos dias que começavam a aquecer, mesmo antes do verão?

A "minha rua" agora está sempre cheia de automóveis, trânsito infernal. Por lá já não passam, há muitos anos, os saltimbancos das cambalhotas e piruetas que estendiam um pano vermelho no chão – o seu palco – rufando um tambor para chamar a atenção das pessoas e depois esperavam a moeda que era atirada da janela; nem se ouve o cego que tocava e cantava canções de cordel; e mesmo a procissão da Senhora, de quem me esqueci o nome, deixou de passar na minha rua a caminho da Igreja. E a minha mãe, com uma fé que ela ia buscar não sei onde, prometendo não sei o quê, se eu e a minha irmã passássemos de ano!

Também na "minha rua" já não seguem os desfiles/desafios dos empregados de café com bandeja na mão para ver quem era aquele que conseguia não deixar cair nada no chão, acompanhados das muitas palmas das pessoas que se juntavam nos passeios. Nem se acredita que a "minha rua" tivesse tido tanto movimento de pessoas e festas. Acho que ninguém acredita, mesmo que eu jure que era verdade.

Onde está a mão do meu tio, o Sr. Inspector da zona, a ajudar-nos a atravessar as ruas e a levar-nos a uma horta – a horta

do tio Zé – onde podíamos ver os coelhinhos e os pintainhos acabados de nascer.

E o tempo que eu ficava de janela, observando os homens da limpeza, os "almeidas" lavando as ruas e o lixo a juntar-se e o chão a ficar limpo e brilhante. E a minha mãe a chamar-me e eu "já vou", mais um bocadinho …

Também já não vejo chegar à "minha rua" o grande camião que trazia o cesto da fruta do Algarve. As uvas, as amêndoas, os figos … Já faz tanto tempo! Tanto que o "tostãozinho para o Santo António" já não tem sentido.

- Mãe, vamos brincar para o quintal.

- Não vão para longe.

Pois sim. Porque o que era bom era ir aos outros quintais espreitar outras vidas. E as horas a correr e o ralhete lá nos esperava em casa.

Pela falta de tudo isto, já não gosto de passar na "minha rua". Ela também já não é minha – digo eu, com uma tentativa de indiferença – nem também das minhas amigas. Todas nós nos mudámos.

Mas porque fui buscar hoje estes momentos de saudade?

Porque resolvi ir ao Jardim Zoológico num dia de Novembro? Daqueles que dizem pertencer ao verão de São Martinho. Céu azul e a excelente luz de Lisboa. Lembranças eu tinha, dos antigos passeios ao Zoo com os meus pais e a minha irmã, para, como se brincava então com as palavras, "ver a família".

Só que desta vez eu ia carregada com uma máquina fotográfica com duas boas objectivas. O meu desejo era fazer fotografias dos animais do jardim. Nunca as tinha feito, por isso o alvoroço que me acompanhava não era da saudade mas sim o da novidade.

Claro que gostaria de ter visto o velho elefante que tocava o sino em troca de uma moeda. Mas ele já lá não está. E levava, é certo, o coração aos pulos para ver a aldeia dos macacos. Quando a vi, senti que não me "tocou" tanto …apesar da casa do Mono e da loja do Simão serem as mesmas. E queria ver se os gorilas ainda me metiam tanto medo como quando era menina. Sim. Ainda

metem medo, e o olhar deles, tão de frente, como o nosso, continua a deixar-me inquieta.

Neste Jardim Zoológico de Lisboa eu quis ver os animais e talvez compará-los com os que fui encontrando nas diferentes viagens que tive a sorte de fazer, ao longo destes últimos 25 anos, acompanhando o Carlos e a câmara de filmar.

E ficam as questões. Perguntas simples que não me incomodam, porque também não lhes vou dar resposta. Apenas olho, procuro um melhor ângulo, fujo do contra-luz, vou atrás, faço grande plano, esqueço as vedações, a rede preocupa-me, que sorte agora… que pena, ficou de costas …não tem problema, mais um click … olha Carlos, como ficou bem!

Será que a zebra do Cabo da Boa Esperança tem as mesmas riscas que estas daqui? Será que os elefantes são mais pequenos do que aqueles que na Índia desfilavam em grande cerimonial e até nos templos entravam? E os pinguins da África do Sul não estariam mais felizes saltando para o oceano já tão frio, correndo de nós, do que este pequeno grupo da cidade? E o urso pardo de Kitimat no Canadá era maior ou mais pequeno? Não vi os dromedários que me passearam em Marrocos, Tunísia, Argélia e Egipto. Mas senti que as araras, no Pantanal, vivendo sempre aos pares, eram mais azuis. A vermelha, da Amazónia, olhou-me como se me conhecesse, mas o leão que eu vi no norte da Índia, em Gir, estava mais sossegado que o daqui de Lisboa –
sabemos que este ano os "leões" andam zangados. Por isso não procurei as águias. Vinganças desportivas (poucas).

Os flamingos são mais pequenos do que os que se deixaram espreitar no deserto de Atacama, no Chile, ou na Terra Nova, quando na outra margem chocava um pequeno iceberg. Os hipopótamos, mesmo bebés, eram maiores do que aqueles que se esconderam dos meus olhos nas águas do rio Incomati em Moçambique. Grandes e fingindo-se a dormir eram os crocodilos, já que os do Pantanal são bem mais pequenos e creio que lhes chamam caimões, parados, de boca aberta à espera de se refrescarem; jacarés eram os que nos olhavam num lago no norte da Índia, e nós, inconscientes na margem, esperando poder filmá-los. Até os do Senegal eram enormes, olhos fixos, corpos

parecendo troncos de madeira. Lembrei-me da sucuri que se atravessou numa estrada do Mato Grosso do Sul, e senti um arrepio ao ver tantas cobras, mesmo estando elas dentro dos seus "habitats" protegidos por grandes vidros. Como me tinha acontecido em Port Elizabeth, tão no sul de África. Mas nada como a cobra preta, perigosa mesmo, de S. Tomé e Príncipe na Fazenda Bombaim.

A preguiça é igual à do Rio Negro e as suricatas continuam vigiando algum horizonte. Talvez, quem sabe, para sentir a presença da pacaça negra angolana e a girafa que se deixou fotografar, sorrindo. O rinoceronte do Senegal, quase domesticado, era maior do que este, de raça branca e com a cria atrás dele.

As tardes acabam depressa em Novembro e o som da passarada, já com a luz a cair, lembrou-me os bandos das aves recolhendo ao ninhal nesse Pantanal que não esqueço. Só que no Brasil o céu fica vermelho, azul, laranja. Aqui fica azul muito escuro, azul tinta.

Marina Brandão Lucas
USCAL, nº 318

Carta a uma Professora

Minha senhora, não lhe chamo professora porque seria ofender todos aqueles que exercem com nobreza tão delicada profissão.

Perguntará quem sou. E eu respondo:

- Sou aquela rapariguinha de oito anos, de cabelinho quase branco, com poucos centímetros de altura e aspeto muito frágil e tímido.

Aquela professora que, a uma pergunta do meu pai, respondeu:

- É muito educadinha e inteligente.

Pouco habituada a elogios, fez crescer a minha admiração por si e, por isso, a sua atitude posterior doeu-me tanto que ainda hoje, e já passou mais de meio século, sinto a dor. Será que por algum instante conseguiu prever o desgosto da garota que nessa manhã se lavou muito bem e se sentiu linda, no seu vestidinho de chita e nos sapatinhos novos que o padrinho lhe ofereceu, para o seu primeiro exame?

Era a primeira vez que a menina saía da aldeia que a viu nascer. Ia fazer exame na aldeia vizinha. Era uma aventura!

Em cima do burrito que a conduzia, sentia-se orgulhosa, com o seu laçarote azul nos cabelos. Até lhe parecia que o jerico ia contente por transportar a menininha que gaguejava, mas que, nesse dia, se sentia tão feliz!

E as contas saíram certas, a redação fez sorrir a examinadora que tinha ar de avó, a leitura saiu cristalina, a professora, que também tinha ar de avó, sorria com ternura.

E a menina, que era eu, nunca se tinha sentido tão feliz.

Mas foi felicidade de pouca dura. A professora, que eu considerava uma fada madrinha, era afinal uma bruxa má que vingava na criança que eu era o desentendimento que teve com os meus pais.

E quando eu saltava feliz e contente. A senhora como emissário, um pequeno vampiro, que me anunciou, com um sorriso maléfico, que o meu exame tinha sido anulado por não ter sido

registada, e a culpa era só minha, pois não tinha levado a cédula pessoal.

Desse dia nada mais me lembra, a não ser a tareia que apanhei por não ter levado a bendita cédula, que ninguém me pediu.

Por sua culpa, fui separada dos irmãos, mandada para a cidade grande, para pessoas que nunca tinha visto. E (como se dizia na minha aldeia) comi o pão que o diabo amassou.

Passei a ter dificuldade em aprender, a não gostar de professoras, a entrar num choro compulsivo, sempre que tinha que fazer testes (como hoje se diz).

Só aos dezoito anos é que decidi vingar-me. Não seria uma mulher má que faria de mim uma analfabeta. E, estudando em casa, pelos livros dos meus irmãos mais novos, fiz o então chamado ciclo preparatório, sem ajuda de ninguém.

Começou assim a vingança. Terminei o curso noturno sem saber o que é uma negativa.

E sabe que mais, minha senhora, esteja onde estiver, seja feliz. Afinal, eu consegui o meu sonho: entrei numa universidade.

Fez-me muito mal! Mas não conseguiu roubar-me as ilusões.

Maria Idália Simões
USCAL, nº 104

A Lenda da Princesa e do Pastor no Reino das Sete Cidades

Lenda de tradição oral da ilha de São Miguel

Os reis desta terra encantada tinham uma linda filha que não gostava de se sentir presa entre as muralhas do castelo e saía todos os dias para os campos. Adorava o verde e as flores, o canto dos pássaros, o mar no horizonte. A linda princesa passeava-se todos os dias pelas aldeias, pelos montes e vales.

Durante um dos seus passeios pelos campos, conheceu um pastor, filho de gente simples do campo, que vinha do trabalho com os seus rebanhos. Conversaram quase toda a tarde das coisas da vida e viram que gostavam de muitas coisas em comum. Dessa conversa demorada veio a nascer o amor. A partir desse dia, passaram a encontrar-se, jurando amores eternos.

No entanto, a princesa, já com o destino traçado pelos seus pais, tinha o casamento marcado com um príncipe de um reino vizinho. Quando seu pai soube desses encontros com o pastor, tratou de os proibir, concedendo-lhe, porém, um encontro derradeiro.

Quando os dois apaixonados se encontraram pela última vez, choraram tanto que, a seus pés, aos poucos, foram crescendo duas lagoas. Uma das lagoas, com águas de cor azul, nasceria das lágrimas derramadas pelos olhos azuis da princesa; a outra, de cor verde, nasceu das lágrimas derramadas dos verdes olhos do pastor.

Reza assim a lenda que, se os dois apaixonados não puderam viver juntos, então as lagoas nascidas das suas lágrimas ficariam juntas para sempre.

FURTADO-BRUM, Ângela, Açores, Lendas e Outras Histórias (2a. ed).. Ponta Delgada (Texto adaptado)

Manuela Nunes
USCAL, nº 86

Inocência

Certo dia, o João, petiz vivo e irrequieto de quase quatro anos, estava teimosamente sem querer comer, sentado à mesa em frente do seu pratinho de arroz de polvo.

Dizia-lhe a mãe pacientemente:

- Come, João, o arrozinho está tão bom, tem feijão como tu gostas e polvo tenrinho...

E pouco depois acrescenta:

- Vá, se não quiseres o arroz, ao menos come o polvo!

Então a criança questiona:

- Mãe, o polvo tem cabeça?

- Tem filho, mas não está aí, aí só estão as perninhas tenrinhas.

- Então o polvo é um animal? - pergunta o João.

- É sim, o polvo é um animal marinho - responde a mãe.

E o petiz retorna:

- E a vaca também é um animal, não é?

- Sim, também é! - responde a mãe.

- E o porco, o frango, o perú e o coelho também são animais, não são? - insiste a criança.

- São! - afirma a mãe.

Entretanto, o João, entre surpreso e chocado, ia baixinho repetindo para si mesmo:

- Eles são todos animais... eles são todos animais... e eu como-os a todos!!!

Depois, em voz alta, diz para a mãe: - Eu posso comer só o arroz e o feijão? Eu prometo que como tudo! Mas eu não quero comer os animais!!!

E antes que a mãe tivesse tempo de responder, exclama, ao ver duas lágrimas emocionadas que escorrem pelo rosto da mãe:

- Mãe, por que estás a chorar? Eu fiz alguma coisa boa?

Então, abraçando-o, a mãe responde:

- Fizeste meu filho, fizeste!

Isabel Castro Lopes
USCAL, nº 266

Bolo de Azeite (Fálgaro)

No tempo da minha sogra, em Sernancelhe, bonita vila nortenha do distrito de Viseu, berço de Aquilino Ribeiro, a Páscoa era (e penso que ainda é) uma tradição cumprida a rigor, onde obrigatoriamente havia o bolo de azeite (ou bolo da Páscoa).

Este bolo provém de uma receita conventual, dispendiosa (leva muitos ovos, leite e azeite), para além de muito trabalhosa e delicada, de que resulta um grande e saboroso bolo, que tradicionalmente se come com queijo ou manteiga.

Certo dia, em vésperas de domingo pascal, a minha sogra, após ter amassado, levedado e tendido os seus bolos, leva-os (como todos os anos) a uma espécie de grande forno comunitário na casa da Dª Aninhas, para que possam ser convenientemente cozidos e fiquem fofos e douradinhos.

Eis que, ao chegar ao seu destino, se depara com a referida D. Aninhas, com um ar alvoroçado e sorrindo de contentamento, que, enquanto a recebe, lhe vai contando o que acabara de lhe suceder.

- Imagine, vizinha, que mesmo agora, nem há cinco minutos, após ter pronta a massa para os bolos de azeite que me encomendaram, e antes de a cozer, coloquei-a num alguidar ali ao solinho para que acabasse de levedar, e não é que o "manganão" do meu galo se empoleirou na borda e o virou... "Jesus! Que aflição! Toda aquela massa que tanto trabalho me deu, esparramada pelo chão!!! O que valeu foi a sachola que estava mesmo ali ao lado. Consegui apanhar a massa quase toda!!!

Isabel Castro Lopes
USCAL, nº 266

O Livro

Dia Mundial do Livro 2015

Livro, meu amigo, tens sido meu companheiro desde que comecei a juntar as letras.

Como me lembro de ti!.. Meu livro, o primeiro! Ainda sinto o teu cheiro, a tua capa, que toquei quase a medo, tão linda, tão suave. Guardei-te numa malinha castanha de cartão, juntamente com uma ardósia, que era uma coisa fria, e um ponteiro.

Transportei-te até à escola, orgulhosa! Como quem transporta um tesouro.

Quando te abri, apaixonei-me de imediato por aquelas letras grandes e coloridas que me disseram chamarem-se vogais.

Achei o nome feio para algo tão bonito.

Foste o meu único amigo, na clausura da minha adolescência. E, mesmo assim, os nossos encontros eram às escondidas porque havia sempre quem pensasse que a ti, eu não tinha direito. Mas eu amava-te e ter-te nas minhas mãos, entre os doze e os dezoito anos, foi a minha única felicidade.

As tuas personagens foram os meus grandes amigos. Aqueles a quem contei segredos em noites de solidão. Foi com essas personagens que chorei, quando o coração pesava, foram elas que conheceram os meus sonhos de menina, que escutaram as minhas gargalhadas, que tu, meu amigo, muitas vezes estimulavas.

Foi através de ti que conheci outros mundos, outras culturas, outras gentes, outras formas de dizer.

Foste tu, meu amigo livro, que contribuíste para a minha formação como ser humano e para a forma singela como encaro a vida.

Maria Idália Simões
USCAL, nº 104

Natal

Quando nós éramos pequeninas, o Natal tinha um cheiro especial, sei-o agora.

Tinha um ritual próprio também cheio de um sentimento que hoje já não me consegue tocar e que eu não me quero explicar.

E também lá estava sempre o bolo-rei que o Tio Zé comprava, embrulhado e amarrado como agora já se não faz: o fio bem atado à volta do papel da Confeitaria Nova Lisboa, com a perícia do empregado, que deixava uma argola no fio para o poder transportar enfiado no dedo. A fita-cola para o pacote já pronto ainda não tinha sido "inventada".

A prenda do bolo era para quem? A fava a quem calhava?

Entretanto, o Pai e nós as duas já tínhamos feito a árvore de Natal: sempre pinheiro verdadeiro – a defesa do ambiente era algo ainda deixado de parte – e nós a desejarmos sempre a maior, a que chegasse ao tecto da sala; árvores compradas no Largo de Alvalade por onde ainda passavam bandos de perus e carneiros, arregimentados por um qualquer "guardador de rebanhos" – daqueles perus que morriam bêbados de véspera – e não como os de hoje que parece que já nasceram congelados nos expositores dos supermercados.

E a árvore era colocada com todo o cuidado num canto da sala.

Nesse tempo as bolas eram de vidro: qual plástico qual quê! E havia um pai natal que se pendurava, e que ainda hoje guardo - já sem pernas, coitado! E as fitas iam ficando sem brilho, compradas na Havaneza de Alvalade, mas eram essas que nós lá colocávamos juntamente com pedaços de algodão para fingir que era neve. A ilusão temporal e espacial.

Também às vezes fazíamos um presépio. De figuras de cartão recortado, com todo o cuidado, colado e enfeitado com o musgo que íamos buscar ao quintal da casa. O presépio era para nós um elemento "mais profano" que o Pai Natal. Coisas das religiões !

A nossa Casa dos Cinco desfez-se depressa demais. Mas voltámos a fazer Natais, ainda com a nossa Mãe, fazendo ao

mesmo tempo de conta que tudo era o mesmo. Não era. Até em Angola passaste um Natal e pouco tempo depois voavas na estrada para Carmona onde nasceu a Catarina, a minha primeira sobrinha.

Aumentámos a nossa família, as nossas famílias, com sogros e cunhados, e mudávamos de casas para comer o bacalhau e o peru, e os doces …

E tornámos a fazer a árvore (a maior que houvesse) para os nossos filhos; as empanadilhas e os bolinholos (menos) lá se iam amassando, fritando e enchendo o ar com o cheiro do açúcar com canela. Mas também os sonhos, os bolos e mousses de chocolate e as lampreias de ovos se foram chegando em mesas mais "ricas". O bolo-rei ainda trazia prenda e fava, mas já não era tão apreciado, e ia ficando duro até chegar o dia de reis, já em Janeiro. E esperávamos pela meia-noite do dia 24 de Dezembro para abrir tanta prenda, tu a chamares pelos nomes dos meninos e meninas que se "afogavam" em papéis e fitas e laços e … tanto, tanto brinquedo.

E as meninas a crescer, os dias a correr, quem será mais bonita … Lenga-lenga antiga que ficou no ouvido e na memória!

Guardo com todo o carinho um presépio de duas figuras de cristal que me ofereceste e também um presépio com quatro reis magos – vá-se lá saber porquê - que trouxe de Moçambique, feito por um anónimo artista de rua da nova Maputo.

Claro que os nossos netos hão-de continuar a mergulhar em muitas prendas, muitas, muitas … E vão co-existindo com um Pai Natal que anda numa roda-viva durante todo o mês de Dezembro, da festa de um infantário para outra escola, da casa da mãe para a casa do pai, da casa da avó que já não tem avô para a casa do avô que tem outra avó …

Mas já não comem bolinholos nem empanadilhas porque a receita se perdeu quando a nossa Mãe deixou de estar à nossa mesa ... e os sonhos também são outros. E o que é feito das fatias paridas, das filhoses, velhoses ou bilharacos? Até o bolo-rei já não tem prenda nem fava. Foi proibido por quem não conhece a nossa tradição. Lembras-te do "é proibido proibir"?

Na ténue ou dura aparência, é como o antigamente? Não é.

Nada se repete, tudo muda; nada se perde, tudo se ganha.
Fica a recordação, a saudade? Claro que sim.

Marina Brandão Lucas
USCAL, nº 316

Malta

Que os Gregos chamaram do mel e os fenícios de paraíso.

Malta é um museu ao ar livre. Templos pré-históricos, neolíticos, com figuras de senhoras muito gordas, símbolos da fertilidade, e pedras levantadas ao céu que, dizem ainda, só gigantes as levantariam. Dos romanos, mosaicos e estátuas de elegantes com vestes drapeadas, quantos sem cabeça…

As Catacumbas de S. Paulo: diz a lenda e os Actos dos Apóstolos que o santo por lá aportou, devido a um temporal que quase o fez naufragar, pois que o mar Mediterrâneo nem sempre é aquela serenidade que julgamos ver.

A Medina silenciosa, ruas estreitas, muros muito altos que assim guardam todos os segredos nas casas do seu interior.

- Amanhã vamos ter que dividir o grupo em quatro. Quem quer ir primeiro? – perguntou a nossa guia. Para visitar o Hipogeu só podem ir 10 pessoas de cada vez. Eu e o Carlos olhámos um para o outro e ficámos quietos. Lá se levantaram muito rapidamente umas mãos, eu, eu … ficámos para o terceiro grupo.

O dia acordou, azul brilhante, com aqueles farrapos de nuvens que preenchem o céu. Chegados a La Valleta, os primeiros seguiram para a visita do Hipogeu e nós para a visita à cidade. Sorte que tivemos com a luz para fazer muitas, muitas fotografias.

A cidade é um espanto, com a Fortaleza dos Cavaleiros da Ordem de S. João. Muralhas, entradas de mar, o grande porto, rampas e escadas, a porta da alfândega, os pequenos barcos de recreio que enchem a marina, mais um ângulo, um terraço que se abre para a cidade do outro lado, o navio que vai a passar, agora, agora, espera que daqui é melhor … A fotografia é um vício e um gosto. Com as máquinas digitais é só disparar. Ainda não me rendi à nova tecnologia e o som da minha máquina analógica é estranho, quase *démodé*. Olham-me de esguelha, alguns, quando me vêem mudar as objectivas. Mas são elas que me dão o que o meu olhar não alcança, mas pressente. Com a grande objectiva, pareço ter

olhos de mosca, e com a *zoom* vou poder guardar pormenores que me encantam. Eu sei!

Ali em baixo, tão longe, o arco por onde passou a carruagem com a Rainha Vitória. Mais uma foto que já vai poder contar uma história. Os ingleses e a Rainha Vitória estão bem presentes em La Valleta. Até o actual Príncipe de Edimburgo fez em Malta o serviço militar. Frente à Biblioteca, na rua de todos os turistas, rodeada por cadeiras, chapéus-de-sol e mesas de café, uma bela estátua da rainha antiga, sentada, num plinto muito alto. Mesmo em pedra, a sua majestade mostra-se e distancia-nos a nós.

Vamos adiante, que nesta altura da Páscoa a cidade tem mais e outros encantos. Os muitos pendões, pintados com figuras sagradas, tanto nas igrejas como nas Sociedades Musicais, abertas ao público, convidando a entrar, a ver, a sentir as histórias e os ambientes mais populares.

Catedrais. Tanto trabalho na pedra! Quem o fez bem se cansou; quem mandou fazer muito poder tinha. Em Malta, recorda-se o português António Manoel de Vilhena, grão-mestre da Ordem dos Cavaleiros Hospitalários. E o Teatro Manoel tem o seu nome. A não perder a visita. E não perdemos.

P.S.

Passados alguns poucos anos depois desta visita, já tenho a máquina fotográfica digital. Mas mantive o click click que me não deixa ficar incógnita, assim como as objectivas.

Quanto ao Mediterrâneo que conseguiu salvar S. Paulo, é agora um imenso cemitério de outras almas, gentes de outros credos que procuram encontrar novas vidas em "terras de mel" ou outros "paraísos".

Escrevia o nosso grande poeta "malhas que o Império tece". Ou impérios, dizemos agora.

Marina Brandão Lucas
USCAL, nº 316

Portugal visto do ar, ou, como vista à distância, toda a imagem é bela

Subimos ao primeiro andar de um estúdio de imagem. O azul céu das paredes envolve-nos de imediato. As escadas brancas não nos fazem perder o caminho. Seguimos o som fantástico que nos transporta a uma luz ténue de uma sala cujos monitores mostram montanha e mar, nuvens e planícies, verde e castanho terra... e um bando rosado de flamingos que partem, talvez assustados com a nossa chegada.

Sentados dentro do nosso silêncio... vemos, ouvimos e sentimos que a palavra não é tudo. Que a imagem não é tudo. Que a música não é tudo. Mas que juntas poderão elevar-nos a um outro estado. De alma? Pois que seja! Serena. Talvez! Curiosa. Sem dúvida! Perplexa. Porque não?

E num segundo estou só eu. E o pensamento já vai construindo os contos, juntando pedaços de memórias vividas, fazendo teias frágeis de palavras, murmúrios, frases lidas por outros que parecem estar ali, bem junto de mim. Como é que Cesário Verde conseguiu sentir a sua Lisboa? Pois se sobrevoo uma augusta rua, passo um arco triunfal e vejo um cais de colunas de muitas partidas e... "é sempre a primeira vez". E como Alves Redol viu tudo se não viu os filmes do ar? Mas ele era um realista (neo, dizem)? E sentiu o Tejo e os homens que nele viviam e sofriam. E como o Padre António Vieira conseguiu, como o estatuário (o seu Deus), arrancar da pedra dura aquele Homem que vive, ali bem em baixo, e que acena, numa "fingida" constante felicidade. Talvez porque a distância nem sempre faz sofrer e é necessário o gesto de amigo.

Então já estou por cima da asa esquerda do meu avião e "pergunto ao vento que passa, notícias do meu país". Fico maravilhada com a beleza do que vou descobrindo. O vento tudo me diz. Sinais de um país que, por ter andado em descobertas, ainda está por descobrir? Oh Infante, meu senhor, que foste nascer no Porto, naquela cidade dos clérigos e do rio de ouro, de gente que vem e atravessa as pontes que ligam, junto à serra ou lá para a foz.

É boa, a vista. Não faz sentido as pontes separarem, penso e guardo.

É o ar romântico que me transporta ainda. Bate depressa o coração naquela Arrábida, e o convento e Sebastião da Gama... que dizia que ficou tudo como estava antes. Vejo um farol que sei que há-de acender e apagar as suas luzes, tantas e tantas vezes, as necessárias para que o navio e os homens não se percam nos escuros mostrengos. Ah natureza mãe! Olha como as lagoas e os granitos da tua Estrela se moldam à luz, às sombras. Como deixas que as águas que vêm do interior das montanhas deslizem em cascatas e se resguardem em pequenas bacias transparentes. Bem que nos fazes recordar os deuses antigos que nasceram dos mares, que vieram dos vulcões, que se refugiaram em bocas de inferno ou que se riem ainda numa Ria que tem memória fenícia. Sabes que a Dama de Pé-de-Cabra ainda está na lenda do seu castelo? E o velho Herculano será que a viu e ouviu o toc-toc do seu pé forcado, batendo na pedra dura? A Senhora do Cabo, não esqueças a procissão, olha para a arriba que é fóssil, em Espichel, e esconde as grandes marcas dos dinossáurios. E porque a família era grande, olha como eles, como num álbum de recordações, se mostram na Lourinhã. E num instante o António Nobre me diz: "Vem a Coimbra. Hás-de gostar, sim, meu amigo". E vou. E voo outra vez. Nas asas de condor da Florbela Espanca?

Aterrei. Estou aqui outra vez na sala. A imagem parou nos monitores. Ponho os pés no chão. Mas vou voltar em breve. Vou, não. Vamos!

Afinal tudo foi sonho. Esta era uma possível proposta para um possível documentário de um país possível sem possibilidades.

Marina Brandão Lucas
USCAL, nº 316

A História de um Nabo

Texto escrito para ser oferecido a uma pessoa que me deu um nabo gigante, com mais de três quilos.

Deram-me um bom nabo
Que alguém cultivou
Comi-lhe um bocado
E o triste chorou.

Eu, mais naba que ele,
Pu-lo num cestinho.
Uns dias depois
Já tinha grelinho,
Um e outro e outro,
Lá fiz arrozinho
Que me consolou!
Que dê Deus saúde
A quem o plantou!

Comidos os grelos,
Pu-lo à janela.
Ficou tão contente
Que se enfeitou todo
De flor amarela!…
Terna, eu o regava,
Terno, ele me sorria…
Estava tão bonito!..
Toda me enlevava,
Me embevecia.

Mas saí uns dias ...
Deixei-o sozinho.
Com saudades minhas,
Ficou mirradinho,
Sem grelo, sem flor.
Que fazer agora?

Foi com muita dor
Que o deitei fora.

Maria Idália Simões
USCAL, nº 104

Poema dedicado a um Pão

Eu comi um pão que me consolou!
Que Deus dê saúde a quem o amassou.
Saboreei-o e ele me saciou.
Quis então saber quem o preparou.
E alguém me disse: - Foi a Adelina,
Uma amiga minha desde pequenina.
Perguntei então o que ele continha.
Ingrediente principal: farinha,
Mais água pura, fermento e algum sal,
Que tem de ser pouco p'ra não fazer mal.
Olhei-o na côdea, vi bem o miolo,
Cheirei-o de perto. Meu Deus!... Que consolo!
Que lhe dava então aquele sabor?
Pensei... repensei... e lá encontrei:
Secreta a receita: ternura e amor!...

Maria Idália Simões
USCAL, nº 104

Os Ovos e a Galinha

A Dona Rosa era uma cliente minha que andava na casa dos oitenta.

Um dia, entrou no meu estabelecimento para comprar umas flores artificiais, confessando não ter muito jeito para fazer arranjos florais.

Eu, mais para lhe ser simpática, do que pela habilidade, lá armei as flores o melhor que pude. Pareceu-me que a senhora gostou muito. Com um ar agradecido, foi-se embora.

No sábado seguinte, a Dona Rosa entra novamente na loja, acompanhada pelo motorista que era, afinal, o paciente marido, dizendo que as flores tinham ficado muito bonitas!

Até a invejosa da vizinha tinha gostado!

Diga-se de passagem que a Dona Rosa, em quem a idade começava a fazer os seus estragos, atribuía à "invejosa" vizinha todos os males que atormentavam a sua existência.

Como agradecimento pelo arranjo das flores, trazia-me um saco plástico com ovos das suas galinhas.

Agradeci com um beijo e um sorriso, coisa a que a senhora não estava habituada, segundo me pareceu pela sua comovida reação.

No sábado que se seguiu, exatamente à mesma hora, lá estava a Dona Rosa com mais ovos. Recusei, para grande desgosto da senhora que ia dizendo: são frescos! e caseirinhos!

Nunca mais tive coragem de dizer não.

E, sábado após sábado, semana após semana, mês após mês, lá ia a dona Rosa, mais o seu motorista, religiosamente à mesma hora, levar mais uma dúzia de ovos que agora pousava discretamente com receio do meu não.

Eu, sempre que podia, fazia um bolo para oferecer à Dona Rosa, que tinha muito jeito para criar galinhas, mas nunca tinha feito um bolo! E até, confessava, acabava por dar metade à "invejosa" da vizinha... que, coitadita!, pensando bem, era uma infeliz, tinha o marido senil, a gastar toda a reforma no café, e, ainda por cima, a tratá-la mal… coitada! desgraçadinha! se posse o

meu Antero (o motorista), quem lhe partia os … a cabeça era eu! – acrescentava, olhando para o marido com ar ameaçador.

Um belo sábado, perto do Natal, num dia em que o estabelecimento estava com muita gente, a Dona Rosa entrou, pousou o saco, aproximou-se de mim para receber o costumado beijo e disse:

- É para fazer uma canjinha.

E saiu rapidamente. Qual o meu espanto, quando olhei e vi dentro de um saco de rede uma galinha a espernear.

E eu que adoro galinhas! E eu que nem moscas gosto de matar!

Sem saber o que fazer com a ave, ia perguntando se alguém a queria. Mas ninguém a aceitou.

Estava com tanta pena da pobrezinha que me lembrei de abrir o saco e de lhe fazer uma festinha, enquanto dava voltas à imaginação para saber o que havia de fazer com ela. Foi quando a mal-agradecida da galinha deu um salto e esvoaçou pela loja fora, destruindo tudo o que estava ao seu alcance. E, desnorteada, sai porta fora, correndo e esvoaçando, perante o espanto e o riso dos transeuntes que a viram desaparecer sem deixar rasto.

Ainda hoje me pergunto se alguém teria feito a tal canjinha.

A Dona Rosa nunca mais entrou no meu estabelecimento.

Alguns sábados mais tarde foi lá o Senhor Antero (o marido). Veio dizer-me, com os olhos rasos de lágrimas, que a mulher estava doente há muito tempo e que, finalmente, tinha sido internada numa casa de repouso, bem longe! E ele também para lá ia dentro de dias.

Só então, na longa conversa que tivemos, o Senhor Antero me disse que, desde há uns anos, a mulher começara a confundir a realidade com a imaginação da sua cabeça doente. Para não a contrariar, foi-lhe fazendo todas as vontades. Por exemplo, todos os sábados ia ao supermercado comprar uma dúzia de ovos que a Dona Rosa me oferecia, convencida de que eram da sua lavra, caseiros! fresquinhos!

Realmente, eles tinham galinhas, mas nem sempre punham ovos, pelo menos não punham tantos quantos a Dona Rosa gostava de oferecer.

Visitei-os uns tempos mais tarde.

Para saber se a Dona Rosa ainda se lembrava de mim, perguntei-lhe:

- Então, quando me vai levar os ovos?

Prontamente, respondeu:

- Já não posso, aquela malvada roubou-me a galinha!

Maria Idália Simões
USCAL, nº 104

O Brasão

O barbeiro da aldeia se se queria safar e ganhar algum, para dar de comer à prole que criara com a sua Maria, tinha de levar o mínimo por cada barba que escanhoasse e cabelo que cortasse, alguns com piolhos e tudo.

Eram cinco filhos, três raparigas e dois rapazes, todos separados por um ano de diferença. Primeiro a Joaquina – a Quina – e a Gertrudes – a Trudes -, as duas mais velhas, depois o António, que herdara o nome do pai, que andava com uma vara de porcos pretos do Ti Xico, seguia-se a Bia e, finalmente, o Manelinho, que toda a família trazia nas palminhas e a quem, por isso mesmo, tratavam pelo «menino».

Era uma miséria pegada. As duas mais velhas, enquanto não casassem, não desamparavam a loja, e como não eram obrigadas a ir à escola, a mãe, manhã cedo, punha-as fora da cama e mandava-as ir roubar o que pudessem, lenha, fruta, alguma galinha, desde que a trouxessem morta, para a vizinhança não ouvir o cacarejar.

As duas raparigas, apesar de descalças, andavam quilómetros, batiam tudo o que era monte e, em breve, começaram a seguir, apenas, os seus impulsos mais primários e animalescos, só lhes faltando matar o seu semelhante, para obedecer às ordens da sua progenitora.

Com a entrada na adolescência, o corpo sempre a mudar e limões a romper no peito, as duas manas começaram a ser desejadas pelos homens que lhes saíam aos caminhos, no seu peregrinar e, em breve, passaram a vender o apetecível corpo, em troca dos cobres que lhes permitiam usar sapatos e adquirir invejáveis vestidos que viam nos corpos articulados dos manequins exibidos nas montras dos pronto-a-vestir da cidade mais próxima que distava quase meia centena de quilómetros.

Enquanto isso, António andava com a vara de porcos pretos pelo solitário montado, apanhando cogumelos selvagens, espargos, orégãos, ao mesmo tempo que os suínos se atascavam de bolota. Quando, na volta do pastoreio, descia à aldeia, ouvia comentários aos passeios das duas manas mais velhas, mas não

ligava às muitas invejas que sabia existirem no mundo, e sobretudo, quando só tinha de prestar contas ao Ti Xico da vara que apascentava.

Os dois mais novos – a Bia e o Manelinho - já foram obrigados pelo Poder a frequentar a escola, mas, em breve, o Manelinho apanhou e ultrapassou, a irmã, que era um ano mais velha. Este último, acabou a 4ª classe, coisa que a Bia nunca conseguiu, por mais que lá andasse, o que permitiu ao rapaz, entretanto, Nelo, desandar da aldeia que o vira nascer rumo à capital, para marçano de uma mercearia.

Manhã cedo, lá ia o Nelo cidade fora, bater à porta das clientes, perguntando o que queriam encomendar. Depois do fugaz almoço, carregando uma pesada cesta de vime às costas, lá ia, de novo, o rapaz levar tudo o que as clientes tinham encomendado de manhã. Porém, o Nelo fazia tudo com uma grande alegria, ao mesmo tempo que entoava os fados e as músicas transmitidas ao serão pela rádio, com uma voz tão cristalina que, lá no bairro, já lhe chamavam o «Rouxinol».

Certo dia, quando na costumada digressão espantava os males, como diz o sobejamente conhecido adágio popular – "Quem canta, seus males espanta" – o «Rouxinol» foi ouvido por um maestro que, na Emissora Nacional, realizava os programas nocturnos de música para os trabalhadores. Espantado com a voz do Nelo, logo o convidou para uma audição, percebendo que estava ali um talento que só precisava de ser trabalhado.

O rapaz não podia ficar mais contente e foi mostrar os seus dotes. Sem saber uma nota de música, apenas guiado por uma forte intuição e uma inexplicável força da natureza, passou com a maior das facilidades na audição, sendo, de imediato, convidado para ficar na Emissora Nacional como cantor. A partir desse dia trocou o cabaz de verga pelo microfone, e o diamante em bruto que havia no seu interior começou a ser lapidado.

Um mês depois, estreou-se no serão de sábado à noite para os trabalhadores, interpretando uma canção que, na época, não havia nenhuma dona de casa que não a trauteasse. Depois, interpretou um fado da diva Amália Rodrigues, também com sucesso e, em breve, gravou um disco que vendeu milhares de

cópias. Entretanto, foi convidado para cantar todas as noites numa casa de fados, o que ainda mais o catapultou para a efémera fama.

Em breve, começou a ser apontado como o «Rei da Rádio», título que ganhou após renhida luta com um colega de cantorias, e que ficou a dever aos votos de um público que, não podendo exercer esse mesmo direito no sector político, devido à teimosia de um velho ditador, comprava revistas a eito para escrever o nome do cantor num rectângulo de papel equivalente a um voto.

Nelo Beja – escolhera este nome artístico, por a sua desconhecida aldeia ficar perto da capital do Baixo Alentejo – aparecia agora em tudo o que era revista e jornal, sempre muito bem vestido, envergando fatos, gravatas, sapatos e sobretudos de primeira qualidade, fazendo esquecer o filho do barbeiro, que andou muitos anos descalço e roto. Porém, o que mais intrigava os conterrâneos da aldeia que o vira nascer era um pesado «cachucho» que ostentava no anelar da mão direita e que fazia questão de expor, ostensivamente, em todas as fotos que lhe tiravam.

Cinco anos depois, o filho pródigo regressou, mas só ia a casa ver os pais quando a noite já caíra, para que não o vissem entrar no tugúrio onde habitara toda a sua miserável infância, mostrando como se envergonhava da sua origem. Aliás, quando vinha ao Alentejo, ficava no melhor hotel de Beja, onde encontrava sempre alguém que o bajulasse. Tal facto fez com que o cantor pensasse que o mundo girava à sua volta, e de tal modo que, certa noite, irrompeu por uma festa da burguesia bejense, onde se comemoravam as bodas de ouro de um feliz e longo matrimónio, plenamente convencido que a dita função era em sua homenagem.

Foi por isso que o chamaram à razão, da pior maneira, amesquinhando-o. Assim, um grupo de conhecidos, apontando-lhe o «cachucho» já referido, perguntou-lhe o que aquele significava, tendo o emproado respondido que, na capital, consultara um genealogista que lhe descobrira a sua origem nobre, e lhe traçara um brasão que trazia gravado no dito anel, com lanças e escudetes.

Foi neste momento que o mais espevitado do grupo, provocando o sonoro e franco riso de todos, lhe atirou peremptoriamente:

- Ó Nelo, o genealogista enganou-te, pá. O teu brasão é uma cadeira de barbeiro, com uma prostituta de cada lado!

In *Contos do Monte*, José Lança-Coelho

José Lança-Coelho
USCAL, Prof. Voluntário de Cultura Portuguesa do Séc. XX

"A Lança" anti-enciclopédia

O ditador Napoleão Bonaparte emerge na História, depois da mais célebre Revolução de todos os tempos, a Francesa, em 1789, que tem como lema, três das maiores aspirações da raça humana – "Liberdade, Igualdade, Fraternidade" -, inspiradas nos sistemas de filósofos das Luzes, do primado da Razão, como Voltaire, Rousseau, Diderot, D'Alembert, e outros.

A Revolução Francesa, que pretende acabar com a Monarquia e substitui-la por uma Democracia de extremo cariz popular, onde sobressaem políticos como Marat, Danton e Robespierre, acaba por se diluir num «Cesarismo» que é protagonizado por Napoleão e se inicia em Novembro de 1798, isto é, nove anos após a conjugação de esforços populares para erradicar a Monarquia de Luís XVI e Maria Antonieta, que são ambos guilhotinados.

O consulado napoleónico dura cerca de dezasseis anos, terminando em Abril de 1814, data em que o ditador é desterrado na ilha de Elba. Porém, entre Março e Junho do ano seguinte, Bonaparte, depois de se evadir do seu exílio, governará durante uma centena de dias.

Registemos, de seguida, como é apodado Napoleão, na sua triunfante marcha sobre Paris, onde o seu exército vai engrossando com o ingresso de diversos soldados no seu batalhão, que o vão combater, mas se rendem às palavras demagógicas do general corso. Quem nos esclarece acerca do tratamento para com Napoleão, é o «Le Moniteur», jornal a quem o ditador, numa primeira fase, obriga os outros "media" a referirem-se-lhe em matéria política, mas que neste momento histórico se tornara realista.

Notemos, então, como em apenas dez dias, «Le Moniteur» altera radicalmente a linguagem com que o "pasquim" se refere ao ditador, mostrando a hipocrisia humana:

1º dia – "O antropófago saiu da sua toca".

2º dia – "O ogre de Córsega acaba de desembarcar no Golfo Juan".

3º dia – "O tigre chegou a Gap".

4º dia – "O monstro dormiu em Grenoble".

(Faço aqui um breve interregno para chamar a atenção do leitor que, a partir do 5º dia, Napoleão já não é apodado tão veementemente, passando de um sujeito com características degradantes e animalescas, a outro de índole humana.)

5º dia – "O tirano atravessou Lyon".

6º dia – "O usurpador foi visto a 60 léguas da capital".

(Ao 7º dia, o ditador passa a ser designado pelo seu nome civil.)

7º dia – "Bonaparte avança a grandes passos, mas não entrará nunca em Paris".

8º dia – "Napoleão estará amanhã à beira das nossas muralhas".

(A partir do 9º dia, começa a ser designado pelos cargos políticos que já anteriormente exercera.)

9º dia – "O Imperador chegou a Fontainebleau".

10º dia – "Sua Majestade imperial deu entrada no castelo das Tulherias [já em Paris] no meio dos seus fiéis sujeitos".

Esta curta alusão à biografia de um ditador, evidencia extraordinariamente bem, as contradições a que se encontra sujeito um indivíduo, sobretudo um jornalista, que tem de jogar com a particularidade de um soberano.

José Lança-Coelho
USCAL, Prof. Voluntário de Cultura Portuguesa do Séc. XX

O Ritual do Speedy

Speedy é um rei no seu pequeno feudo. Enroscado, como sempre, na sua almofada cinzenta, onde brilham suavemente pequenas pintas amarelas, nem se dá por ele. Não fora pelas orelhas, agitadas ocasionalmente por algum toque muscular involuntário, pensaríamos tratar-se de um qualquer acessório decorativo, tal a sua imobilidade. Porquê o agitar de orelhas? Talvez um sonho belicista ou erótico, quem sabe?

Ah! Que prazer! É sem dúvida o seu pensamento (se é que pensa) tão aconchegado e quentinho na sua almofada preferida. Mexeu-se! Primeiro a cabeça, olhando em redor, como se não reconhecesse o local onde se encontra. *Uf! Estou em casa!* Pensa ele, languidamente, soerguendo-se. Arqueia as costas, retesando os músculos. Estica as patas e, simultaneamente, todo o corpo, num espreguiçar voluptuoso. *Que bom!* Até os dentes batem como castanholas num prazer inusitado.

Bem, sigamos a sua rotina. Salta, leve e silencioso, parecendo flutuar brevemente. Os movimentos, suaves e dolentes, transmitem harmonioso encanto. Inigualável! Como se todo o local fosse insonoro e sem gravidade.

Os movimentos felinos conduzem-no, sorrateiro, aos seus outros prazeres. Estes de origem mais orgânica e funcional, sem nunca deixarem de ser prazeres. Seguindo a ordem pré-estabelecida dos rituais, segue-se o alívio vital da bexiga. *Ah! Sabe tão bem!*

Os intestinos ficam para mais tarde. Cada coisa a seu tempo. É importante que as visitas sejam regulares e ao longo do dia prolongando o prazer. Fazer tudo de uma vez, à pressa, num desfasamento funcional inadequado, fica para os humanos que, nervosamente, despacham todas as funções ao mesmo tempo, sem prazer nem método. Só precisam de garantir que o intenso frenesi da vida não vai ter paragens desnecessárias.

Que contraste avassalador! Num lado a calma pacífica e metódica do Speedy, feita de ordem, sem pressas. (Só se sente incomodado se lhe alteram o rumo e ordem dos rituais). Do outro lado a agitação frenética e insensata dos humanos.

Não quero maus cheiros por aqui! Pensa Speedy, tapando cuidadosamente o resultado líquido da sua necessidade última. Cheira cuidadosamente para verificar se o odor é satisfatório. Não! Ainda não está de acordo com os seus altos padrões de qualidade. Volta, por isso, a tapar tudo mais eficazmente. Faz novo teste odorífico e, satisfeito, desliza suavemente até à "sua cozinha". Aguarda-o o alimento que tanto aprecia e que quase o deixa em êxtase. Um pouco de água primeiro para preparar o estômago. Aproxima-se do recipiente contendo o líquido apetecido e a sua língua funciona duas, três ou mais vezes, até obter o resultado desejado, ou seja, transportar a água até à boca. Basta de líquido e vamos aos sólidos. Este é um dos rituais que é observado por necessidade de sobrevivência mas que, ao mesmo tempo, proporciona um prazer acrescido. *Humm... mnham, mnham! Que cheirinho agradável!* Pedacinhos de carne com molho delicioso. Começa por lamber o molho com volúpia. Pára, ocasionalmente, passando a língua para aproveitar uma pequena gota que ficou presa no exterior da boca. Depois ataca de novo com renovado vigor. Um pedacito de carne aqui, um pouco de molho acolá... mas cuidado! Nada de exageros na comida! O resto fica para depois. Não se estraga. Comer demasiado de uma vez engorda e torna-se premente manter a linha para continuar leve e ágil. *Quem vai gostar de mim gordo?* Esse excesso fica para os humanos. Eles sim, gostam de se empanturrar, ingerindo alimentos sem controlo. Não o Speedy. Terminada a secção dos sólidos, vamos de novo aos líquidos. A água faz bem ao corpo, regula a funcionalidade do sistema, liberta o organismo e mantém o equilíbrio interno. Boa, saborosa! *Ah! Mais um pouco não faz mal nenhum.*

E agora, que fazer? *A almofadinha às pintinhas amarelas espera por mim ansiosa!* Inicia o regresso mas, de súbito, pára de olhos arregalados. *O meu brinquedo preferido!* Foi tal a alegria manifestada que parecia não o ver há um século. Que saudades! Brincara com ele, pela última vez, no dia anterior e já lhe parecia uma eternidade. Foi com enorme regozijo que encarou de novo o seu ratinho de peluche. Uma sapatada leve e o ratinho salta, como que fugindo horrorizado com a presença de Speedy. Este salta em

alegre perseguição e, ainda no ar, dá nova palmada que origina uma corrida magistral do ratinho. Dois rápidos saltos levam Speedy até à sua presa que volta a deslizar, veloz, catapultado por novo impulso da sua pata. Salta de novo deixando-se escorregar no chão polido até bater de cabeça no ratinho branco que, como habitualmente, não reage. A cena repete-se com Speedy a correr, saltar, cabriolar sempre na peugada do seu amigo e companheiro de brincadeiras.

Algum tempo depois, satisfeito com o exercício, dá por finda a perseguição. Abocanha suavemente o ratinho e transporta-o até à sua almofada preferida. Pousa-o com delicadeza numa das pontas e deita-se semi-erguido. Inicia, então, o último dos rituais antes de se lançar, de novo, nas delícias do sono. Começa a limpeza corporal, tão importante como tudo o resto. Primeiro as costas. A língua trabalha sistematicamente limpando a pele de pelos soltos e outras impurezas, deixando-o limpo e brilhante. Por fim a cabeça e sua envolvência. Quando sente que todo o corpo está em plenas condições, levanta-se, dá uma volta sobre si próprio e pára olhando para a almofada. Dá outra volta, desta vez no sentido inverso, e pára de novo. Por vezes dá uma terceira ou mesmo quarta volta para, finalmente, se enroscar com um profundo suspiro e entrar num sono prazeiroso.

Speedy era um belo gato preto, de pelo liso, macio e sedoso. Imaculadamente preto. Só uns brilhantes olhos dourados, quebravam a negrura geral. Deixou muita saudade.

Virgílio Gaita
USCAL, Prof. Voluntário de Teatro

O Bosão de Higgs

O conhecimento atual do universo prevê a existência de um conjunto de forças e partículas fundamentais, quer dizer, que não podem ser divididas, a que se chamou *Modelo Padrão*.

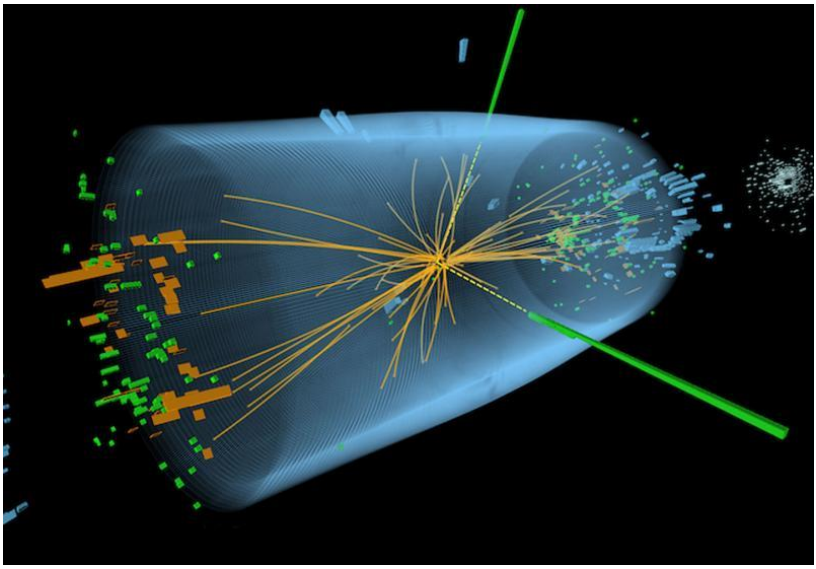
Todas as partículas, quando surgem, não têm massa, nenhuma delas. Porém, a maioria delas possui massa. Como é que a obtêm? Este assunto interessou o Sr. Peter Higgs e outros dois colegas que fizeram, na década de 1970, a seguinte proposta:

O Universo está imbuído de um campo invisível a que se convencionou posteriormente chamar *campo de Higgs*. Aquando do *big bang*, este campo tinha valor zero. Porém, com o arrefecimento do universo, o seu valor aumentou e as partículas que interagem com ele adquirem massa (peso). Quanto maior for a interacção, maior é a massa da partícula. Foi o que aconteceu ao protão, neutrão, electrão, etc.. Mas partículas como o fotão, que não interage com o *campo de Higgs*, permanecem sem massa.

Todos os campos fundamentais da física têm uma partícula associada e o *campo de Higgs* não é exceção. À partícula associada ao *campo de Higgs* foi dado o nome de *bosão de Higgs*. O *bosão de Higgs* é a manifestação visível do *campo de Higgs*, um pouco como uma onda na superfície do mar.

À direita está Peter Higgs, no CERN, no dia 4 de julho de 2012 por ocasião do anúncio da descoberta do bosão de Higgs. Ele e o colega da esquerda foram galardoados com o prémio Nobel.

Todos sabemos que o universo tem massa senão não havia coisas, nem nós existíamos. Mas como saber que esta teoria era correta? Para isso era preciso encontrar o *bosão de Higgs*. Com essa finalidade, foram produzidos e incluídos no CERN dois detetores. Da análise dos dados coligidos por cerca de 4000 triliões de colisões protão-protão no Large Hadron Collider (LHC) do CERN em 2011 e 2012, a partícula foi encontrada e anunciada em Julho de 2012.



No centro da imagem a colisão de dois protões. Os riscos verdes, primeiro a tracejado e depois a cheio, são a manifestação do bosão de Higgs (que decai em dois fotões). Imagem do CERN

Siglas:

CERN: Organisation européenne pour la recherche nucléaire
LHC: Large Hadron Collider

Carnaxide, 8 de Abril de 2015.

António Costa
USCAL, Prof. Voluntário de Astrofísica

Serendipidade
O Acaso em Ciência… e não só!

No campo da observação,
o acaso só favorece a mente preparada
(Louis Pasteur)

Enquanto a excelência de processos exige precisão, consistência e repetição,
a inovação exige variação, fracasso e serendipidade
(Brian Hindo)

Serendipidade é uma palavra algo estranha e pouco conhecida! No entanto, é usada em investigação científica (e não só) para referir as situações em que, por acaso, se descobre algo que não se procura ou se encontra uma coisa que é diferente e melhor do que aquela que se procurava.

São exemplos de acaso, ou serendipidade, as seguintes descobertas: raios X (1895), penicilina (1928), plástico (PET, 1941), borracha vulcanizada (1839), teflon (1938), coca-cola (1886), flocos de cereais (1894), fósforos (1826), dinamite (1867), anestesia (1846), fissão nuclear (1939), forno de micro-ondas (1945), velcro (1948), post-it (1974), entre inúmeras outras.

Recordemos alguns acasos felizes, de entre os mais relevantes e/ou populares:

Raios-X (1895)
O físico alemão W. C. Roentgen (1845 -1923) estudava a condução da electricidade (pretendia fazer passar electrões através do ar) usando um tubo de Crookes – gerador de raios catódicos, ou seja, electrões - quando observou, sobre uma tela emulsionada com platinocianeto de bário (material que emite uma fosforescência

verde quando sobre ele incide uma radiação ultra-violeta, violeta ou azul), que estava próxima do tubo, uma luminosidade que resultava da fluorescência do material. Quando, casualmente, a sua mão ficou à frente do tubo emissor, viu os seus ossos projectados na tela e apercebeu-se de que estava perante *um novo tipo de radiação* que, por ser desconhecida, foi designada por Raios X.

Penicilina (1928)

O biólogo escocês Sir Alexander Fleming (1881-1955) estudava culturas da bactéria *Staphylococcus*, responsável por muitas infecções, quando interrompeu os trabalhos por uns dias. No regresso, notou que uma das culturas que, por acidente, tinha sido exposta ao ar, apresentava um tipo de bolor (fungo Penicillium) e que este, ao crescer, fizera regredir a bactéria. Fleming, que tinha sido médico hospitalar em Inglaterra, durante a Guerra de 1914-18, e conhecia bem o drama das infecções e a necessidade de as conter, deu-se conta da importância daquela observação. Surgiu, assim, o primeiro antibiótico e um dos mais usados até aos dias de hoje – a Penicilina.

Fósforos (1827).

O químico inglês John Walker (1781-1859) estava a misturar produtos químicos quando notou que na ponta do palito que usava para fazer a mistura se formara uma bolinha sólida. Para a retirar, esfregou-a numa superfície áspera e viu, com surpresa,
a bolinha começar a arder. Terá sido este o primeiro palito de fósforo que se conhece. Havia, no entanto, o problema de estes "fósforos" se incendiarem espontaneamente, pelo que foram sendo melhorados até que, em meados do século XIX, o sueco J. Lundstrom patenteou os fósforos seguros que actualmente usamos.

Anestesia (1844/46)

O dentista americano Horace Wells (1815-1848), ao participar numa demonstração sobre o óxido nitroso, também conhecido por "gás hilariante", observou que uma pessoa que tinha cheirado este gás e depois se tinha magoado, não mostrava sentir dor. Esta observação casual, aliada à já conhecida euforia provocada pelo cheiro do éter, levou à experimentação destes produtos, como anestésicos, em cirurgias. Depois dos necessários aperfeiçoamentos, os procedimentos foram usados com sucesso em 1847 e amplamente aceites a partir de 1853.

Coca-Cola (1886)

O farmacêutico norte-americano John Pemberton (1831-1888), ao pesquisar um produto para curar a dor de cabeça, misturou um conjunto de ingredientes - ainda hoje, supostamente, desconhecidos – de que resultou uma bebida que teve grande êxito. Esta bebida, depois de ser vendida na farmácia durante alguns anos, passou a ser comercializada, embora com uma receita diferente (já sem cocaína), como bebida popular.

Post-it (1974)

O químico norte-americano Spencer Silver (1941), investigador da 3M, estudava o desenvolvimento de uma cola forte, mas obteve uma cola fraca e não pegajosa, que resolveu pôr de lado,
por não corresponder ao que procurava. Mais tarde, um seu colega, o cientista Art Fry (1931), para não deixar cair os marcadores dos livros, lembrou-se de os pincelar com a cola de Silver a qual, não só os fixava mas também permitia retirá-los sem deixar marca. Tinha inventado o post-it!

Estes e muitos outros exemplos de *coincidências felizes* mostram que para "encontrar o que não se procura" não basta estar no lugar

certo à hora certa. Também é preciso estar preparado - saber observar, saber reflectir, saber criar.

Na verdade, Roentgen não foi o primeiro a ver a radiação que era produzida pela desaceleração dos electrões. Mas foi o primeiro que lhe prestou a devida atenção e a estudou, transformando um acaso numa descoberta extraordinária.

Também Fleming poderia ter deitado fora o resultado da experiência aparentemente falhada, mas a sua natureza curiosa, aliada à sua preparação científica, levaram-no a reparar que o fungo fazia retroceder a bactéria. Pôde, assim, evoluir no conhecimento e contribuir decisivamente para salvar milhões de vidas em todo o mundo.

Estes homens, por serem especialistas dos seus assuntos, espíritos curiosos e mentes criativas, souberam reconhecer, em situações inesperadas, as possibilidades de sucesso. Ou seja, foram verdadeiros inovadores!

O conceito de serendipidade, no entanto, não se restringe ao acaso de se encontrar o que não se procura - abrange, também, a atitude que conduz a esse encontro.
De acordo com a sua origem, a palavra é um neologismo que resultou da tradução de *serendipity*, vocábulo criado pelo escritor inglês Horace Walpole (1717-1797) para designar a capacidade de fazer descobertas valiosas e inesperadas de *Os Três Príncipes de Serendipe* - lenda persa que se reporta aos anos 400 e à ilha de Serendipe, actual Sri Lanka.

Os príncipes "viviam a fazer descobertas valiosas e inesperadas…". E nós, como vivemos? Segundo algumas correntes de opinião, um dos problemas do mundo contemporâneo é a ausência de estímulos para correr riscos. Parece que estamos a trocar o risco pela

segurança e a "perder a chamada para a liberdade e desprogramação da nossa vida". No entanto, serendipidade e risco (com os possíveis e prováveis insucessos) estão ligados e constituem alicerces da inovação. Como salientou B. Hindo (citação no início do texto).

Por isso, se cultivarmos a atenção ao que nos rodeia, apercebemo-nos dos acontecimentos casuais que representam verdadeiras oportunidades. Aceitar, com sensatez, o que se desconhece, alarga os nossos horizontes e leva-nos a percorrer trilhos novos e a desfrutar novas paisagens.

Referências Bibliográficas

1 - Jorge Calado, *Limites da Ciência*, Fundação Francisco Manuel Santos, Lisboa, 2014

2 - O Espírito de Serendipe (http://www.hottopos.com.br/vidlib2/o_esp%C3%ADrito_de_serend%C3%ADpite.htm)

3 - A descoberta dos raios X (http://www.if.ufrgs.br/tex/fis142/fismod/mod06/m_s01.html)

4 - A descoberta da penicilina (http://www.sitedecuriosidades.com/a-descoberta-da- penicilina.html)

5 - História da Anestesia (http://www.infoescola.com/medicina/historia-da-anestesia/)

6 - A invenção da Coca-Cola (http://ramospharma.com.br/?p=1004)

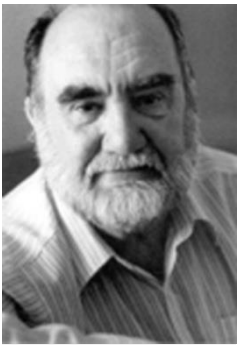
7 - A origem dos palitos de fósforo (http://www.sitedecuriosidades.com/curiosidade/a-origem-dos-palitos-de-fosforos.html)

8 - A invenção do post- it (http://www.sitedecuriosidades.com/curiosidade/a-invencao-do-post-i it.html)

9 - José de Assis, artigo sobre Inovação e Serendipidade, 2014 (http://www.ideiademarketing.com.br/2014/10/13/voce-sabe-o-que-e-s serendipidade-a- magia-da-inovacao-acontece-aqui/)

Maria José Matos

Prof. Voluntária de *Desafios Matemáticos,USCAL*



A Herberto Helder

no dia em que viajou para outra dimensão

Herberto, Homem, Poeta!
Homem ainda maior
com Alma
a transbordar Verdade...
mesmo aos que, como eu,
pouco te entendem,
deixaste ao longe
um trilho de saudade...

Poeta transcendente,
inatingível, quente,
poeta-estrela, que na Luz desliza,
tão leve e transparente como brisa,
poeta-azul, da vastidão do mar,
e verde, da força das marés,
poeta-branco - puro glaciar.
Poeta-Ser, Herberto Helder, És!

Maria João Matos
USCAL, Prof. Voluntária de Desafios Matemáticos

Na Quarta Dimensão

Em pensamento
desdobro o Hipercubo.
E ao vê-lo,
finalmente, desdobrado
fico-me
a contemplar-lhe a geometria
e o rigor do quadrado.

Oito cubos,
unidos e iguais,
ali se mostram
arranjados em cruz… como um trono
que Dali fez divino,
quando lá pôs Jesus.

Oito cubos
saídos por magia
de um mundo imaginado
de quimera
- onde o meu pensamento,
clandestino,
desdobra a Hiperesfera

Maria João Matos
USCAL, Prof. Voluntária de Desafios Matemáticos

As Marcas da Insularidade

Nasci e cresci na ilha de S. Miguel-Açores, rodeada pelo mar e por vulcões.

Afligia-me o mar mas, ao mesmo tempo, fascinava-me a sua força e mistério. Recordo que uma das minhas brincadeiras preferidas de criança era fixar o horizonte e tentar adivinhar o que estaria para além daquela linha que delimitava o espaço da ilha e desafiava a minha imaginação. Fantasiava que, para além do horizonte, existiriam outros mundos que um dia teria de descobrir.

Mas o mar também me atormentava. Sentia-me encurralada na ilha pela sua gigantesca figura. O Mar não me deixava escolhas. Era ele quem ditava as regras. Assim, para sobreviver à exiguidade do espaço, projectava na minha mente atalhos de lava onde deixava correr a imaginação.

Por vezes, quando a noite caía, observava da janela do meu quarto o céu e o movimento das estrelas. Que seres seriam aqueles dos quais só discernia uma luz que tornava as noites tão claras e de uma beleza tão rara? Eram tantas e tão diferentes e eu não as compreendia. Diziam-me os meus pais que eram anjos que vinham embalar os nossos sonhos. Porém, os fantasmas das brumas e o medo dos vulcões, quando a terra tremia, impediam-me de acreditar nos sonhos e na explicação dos "anjos". Assim, preferia aguardar pelo amanhecer e ir esclarecer as minhas dúvidas com o mar.

Amiúde encontrava, no debate com as ondas, as respostas para muitas das minhas perguntas. As ondas confundiam-se com as minhas próprias ideias. Admirava o autoritarismo do mar nas marés altas, mas também a sua mestria irrepreensível nas marés baixas. Só mais tarde, quando deixei a ilha, percebi que ser açoriano é isso mesmo. É interpelar continuamente a vida como quem se debate com o Mar. É conquistar as madrugadas e aferrolhar o anoitecer com medo da escuridão. É habitar sobre cinzas que, por vezes, se transformam em lava e confluem no mar. É adormecer embalado nas marés e acordar enlaçado em tempestades ciclónicas.

A identidade açoriana nasce, pois, do confronto entre o sentir da "quietude inquieta" da beleza estonteante da ilha e do

apelo persistente do mar. É o mar que nos prende e que nos liberta. Que nos retira da ilha e nos impele insistentemente para ela.

E podemos correr o mundo, que esta marca indelével do mar e da ilha estará sempre presente nas nossas vidas como se estivesse agarrada à nossa pele. Qualquer açoriano, no mais recôndito lugar do Cosmos, reconhecerá sempre o cheiro do enxofre e da maresia. Por isso, onde existir mar, haverá sempre um açoriano que, ao contemplá-lo, sonha a saudade da Ilha.

(*Inspirado nas minhas vivências pessoais e num texto de Eduarda Borba*)

Conceição Marques
USCAL, Professora de Direitos e Deveres dos Cidadãos

Poema Inédito

Nasci ilha e de verde me vesti
Cresci gaivota esvoaçando nos rochedos
Entre nuvens de bruma me perdi
E com hortências enfeitei os meus segredos

Fui silêncios de tardes sem ter tempo
Bando de pirolos esvoaçando
Maré de sonhos trazida pelo vento
Vendedora de ilusões em contrabando

Meu corpo foi ardume das caldeiras
Espirais de fumo e de paixão
Céu estrelado, noites de lua cheia
Ternura amansada de vulcão

Sou restos de lagoas e de basalto
Perdida no mar e encontrada
Sempre ilha, mulher em sobressalto
Porto de partida e de chegada

Ser açoriano é isto mesmo! É romancear a ilha e encher de poemas o mar…

Conceição Marques
USCAL, Professora de Direitos e Deveres dos Cidadãos

Ele foi sempre o meu grande Vício

Vivemos juntos dezoito anos e uma separação em dobro. A distância que nos separou durante todo este tempo, podia ser contabilizada (um termo que ele amava e referia vezes sem conta) em horas de condução. Depois da separação, nos anos setenta e oitenta, eram necessárias cinco horas para os nossos reencontros tomarem vida, isto sem considerar alturas de festas ou fins-de-semana prolongados que obrigavam a quase meio dia de viagem. Mais tarde, Portugal deu novas estradas ao país e o percurso passou para pouco menos de três horas, o que facilitou a nossa aproximação e as longas conversas por noites e noites adentro.

Recordo, nitidamente, a sua fisionomia de traços arredondados e olhos expressivos de um castanho leal. O corpo, de média estatura, embora um tanto roliço, transparecia sempre alguma elegância. As mãos eram finas e delicadas, quase femininas, e as unhas bem tratadas sobressaíam daqueles dedos compridos que tão bem tocavam os números para os fazerem representar a boa ou má prestação das empresas. A sua letra encantava-me por ser de rara beleza, parecia desenhada por talentoso artista. De facto, ele era um verdadeiro artista na sua arte, no seu trabalho.

Quando estava prestes a viajar para o tempo do infinito, aquele tempo onde não há tempo nem contagem, como ainda havia tempo antes de este ser perdido, pedi-lhe para me dar a sua caligrafia na forma de um dos meus poemas. Ele iniciou a escrita do *"Jardim de tudo, de todos"*, mas teve grande dificuldade em terminá-lo. Os últimos versos foram escritos com as palavras arrastadas, como se quisesse agarrar-se à vida através delas, mas a mão e o cérebro estavam zangados e já se preparavam para ficarem de costas voltadas. Ainda guardo aquela folha de papel rosa velho como uma relíquia inestimável.

Ele era um homem encantador, inteligente, afável e grande amigo dos seus amigos, aos quais, por vezes, dava mais atenção do que à própria família, embora esta fosse o seu verdadeiro centro de

equilíbrio e à qual, eu jamais tive quaisquer dúvidas, foi sempre fiel. Estranho entender como age a mente humana e os conflitos que produz.

Voltando ao cerne da questão, ele cultivava um núcleo de amigos, dedicando-lhes muito do seu tempo de lazer, como se fossem um alimento necessário à sobrevivência. Eles gravitavam à sua volta tal como formigas alvoroçadas a retirar dum prato de doce tudo aquilo que podiam arrecadar para os dias frios e chuvosos dum longo Inverno.

Aquele homem, não era apegado aos bens materiais, não era disso que estavam à espera todos os que se aproximavam dele, não pela via directa, eles queriam sugar-lhe informação, conhecimento, ajuda na resolução dos seus problemas laborais relacionados com a gestão das contas das empresas onde trabalhavam. Ele passava tudo o que sabia, distribuía horas e noites de trabalho e nada pedia em troca. O seu maior prazer era ensinar e sentir que sabia mais das matérias do que a maioria daqueles que trabalhavam no mesmo ofício. Era um Técnico de Contas exemplar, um grande contabilista e fiscalista que esticava cada dia e cada noite para fazer dançar os números nos balanços e balancetes que lhe davam colorido à vida. Sempre acreditei que deixou de aproveitar tantas outras coisas que a vida lhe poderia oferecer por estar sempre embriagado dos seus papéis.

Este homem, este grande ser humano que tinha a admiração e respeito de todos, foi o meu terrível vício de tantos anos. Ainda hoje me surpreendo ao verificar que algumas das marcas desse vício estão coladas na minha carne e sinto o seu peso nos momentos mais desafiantes da minha vida.

Durante tantos anos, bebi-lhe todas as palavras, gestos, emoções. Sonhei-lhe a atenção. Ansiava por uma migalha do tempo que ele parecia esgotar, até à mais ínfima milésima, naquele escritório inundado de livros, pastas e papéis. Esperava por frases elogiosas que me fizessem acreditar no sabor da compreensão, no poder do amor e na magia de ter um lugar especial no seu coração.

Tantas vezes me aproximei para lhe contar as histórias profissionais vividas tão intensamente, como ele vivia as dele, os sucessos e subidas na carreira que lutava por alcançar,

independentemente das renúncias, na esperança de ouvir uma daquelas frases que fazem arrepiar de satisfação: “és brilhante”, “és boa profissional”, “tenho orgulho em ti”… mas a moeda de troca recebia-a traduzida no sentido de que tudo estava consonante com a responsabilidade que é apanágio dum bom profissional que quer ter uma posição de vida confortável e reconhecimento social. Que me interessava a posição, a sociedade, quando o coração dele não acoitava o meu com o formato daquele desejo?

Agora, que remexo no velho baú de tantas memórias, também vejo os lugares, as casas onde o meu vício cresceu e se alimentou.

Vejo a fachada da casa onde nasci, pouco sei dela, o interior já não está guardado, apagou-se da memória. Vejo o Bairro Azul onde a alma reclama os momentos mais felizes do tempo da minha infância. Lá, saltei muros, corri de bicicleta, joguei à macaca e brinquei despreocupada na rua aberta e livre. Recordo ainda a mudança para aquele apartamento um tanto maior e melhor onde havia lugar de garagem, um luxo ter carro e garagem nesse tempo. Por fim, vejo a vivenda junto à escola, essa era nossa, construída com o sentido de que seria necessário abdicar de muitas outras coisas para a suportar, mas era a nossa casa. Pela primeira vez, tínhamos um espaço de jardim e outro de quintal onde não faltava entretenimento, ora nas flores, ora
nos frutos e legumes. Também havia espaço para a companhia de animais. Tínhamos cães, gatos, galinhas, pombos, coelhos e até patos por lá passaram. Nesta casa vivi o melhor e o pior da minha adolescência. Ela foi testemunha da nossa separação e daquele vício que me fez prisioneira.

Pensando na nossa casa, vem-me à lembrança a frondosa tangerineira que ainda existe, bem viva e viçosa naquele quintal, dando frutos saborosos e suculentos todos os anos.

Tantas vezes, aquela árvore de bolinhas cor laranja, serviu de boa aliada ao unir-me, em momentos únicos, a esse homem que eu tanto admirava e de quem tanto necessitava. Na época certa, à noitinha, ele adorava colher requintadamente cada fruto para o descascar meticulosamente, arrancando-lhe a casca com 3 puxões e

partindo-o em duas metades, uma que saboreava delicadamente por ser de criação biológica seguida debaixo dos seus olhos, a outra dava-ma para que eu a saboreasse e concordasse com a sua apreciação. Este ritual, que me colocava todos os poros a transbordar da doce satisfação da partilha, como se transpirassem numa noite tórrida de Verão, era de tal forma gratificante que ninguém, para além de mim, o poderia compreender. Ali estava ele, inteiramente dedicado a dar-me prazer naquele simples gesto de divisão. Dava-me do seu tempo, do seu precioso tempo roubado aos números, às contas, ao trabalho. Dava-me atenção, olhava-me, via-me, eu passava a ser o foco, a coisa importante e isso era o supremo prazer, enchia
todos os espaços que eu pudesse ter vazios. Era a felicidade e ela faz-nos sentir como crianças inocentes, alegres e protegidas, deixa-nos com a emoção à flor da pele, eleva-nos num flutuar orgástico como se todos os nossos sentidos se unissem para vibrar em simultâneo numa onda de prazer.

Ele era um homem distante no relacionamento familiar, queria esconder as fragilidades e os medos que o atormentavam, hoje estou certa disso, vi ruir o castelo no seu leito de despedida.

A distância que nos separou também contribuiu para esbater emoções e para tornar mais ténues os sentimentos acerbados que fixei na minha biologia. A distância e o tempo trouxeram mais clareza ao pensamento para questionar o porquê daquela profunda fixação e, quando a consciência entra em acção, abre-se o caminho para ultrapassar barreiras que, por vezes, impedem uma vivência saudável.

Foi na viragem da fase em que estivemos juntos para a da separação que dei por mim metida numa depressão que custou um ano de atraso no alcance do objectivo que tinha traçado para a minha vida. Poderia atribuir este facto penalizante ao excesso de responsabilidade que ele me incutiu e se reflectiu num grande medo de falhar fosse no que fosse, poderia atribuí-lo ao isolamento a que me submeti para não ouvir qualquer tipo de crítica ou comparação com outras raparigas que ele dizia serem levianas, podia aqui

inventar mil justificações para ter estado em hibernação dentro de mim durante tanto tempo mas, certamente, foi o medo da separação, o medo de não o ter ao meu lado em cada dia, o medo de deixar aquele tão mendigado amor ao abandono da minha presença que me abanou tão de forma tão definitiva.

Algum elo invisível e muito forte me prendia àquele homem. Tinha-lhe um respeito cego, idólatra, inconsciente. Queria ser moldada à sua imagem, tinha de ser a melhor e precisava de lho mostrar, não somente com intenções mas com provas irrefutáveis para que acreditasse, confiasse e me amasse no feminino.

O seu grande amor era o trabalho, esse onde lhe segui os passos e também amei com todas as minhas forças, esse que tornei num grande aliado para que fosse a ribalta directa e segura em cenas de sedução. De facto, o trabalho foi o meu grande companheiro de muitos e muitos anos, em dose excessiva e obcecante, até ao momento em que vi desabar o castelo dos meus sonhos.

No quarto ano depois da viragem do século, ele colocou uma distância infinita entre nós mas não se apagou nem nunca se apagará da minha memória, tudo o que vivemos juntos. A ligação umbilical quebrou-se mas ficaram retidos princípios, conceitos e crenças nas células do meu corpo ao ponto de deixarem marcas profundas que só o tempo e a vontade inabalável de as entender as foram apagando sem deixar rasto. Matar um vício é uma luta diária, não basta compreender-lhe as causas, é necessário ter concentração e persistência.

A obsessão imperiosa do afeto de um homem, que sempre jogou no masculino e lhe saiu gorada a hipótese quando criou descendência, foi o meu vício.

Sei que me amou como aprendeu e soube amar, sei que me deu o que me pôde dar, agora sei que tinha um lugar dentro do seu coração, mas foi necessária uma vida inteira para entender os motivos que me levaram a criar e a alimentar esse meu grande vício.

Rosário Pinto
USCAL, Professora de "Desenvolvimento Pessoal" e "Dicas Diversas"

Por Terras Marroquinas

Já há algum tempo que as paisagens e as gentes marroquinas me deixavam com vontade de travar conhecimento com aquele povo. No entanto, não me apetecia entrar num daqueles passeios planeados pelos agentes turísticos. Não é que não goste de algumas viagens planeadas por terceiros, mas neste caso apetecia-me passar por sítios que normalmente não estão disponíveis nos roteiros comuns.

Claro que também não podemos partir sem termos qualquer conhecimento do "terreno"…

Então, aproveitando o facto de a minha filha e o meu genro já terem efetuado várias viagem a Marrocos integrados em grupos de Jeeps, optámos por nos juntarmos os quatro e, com base no seu prévio conhecimento, lá foi planeada por eles a tal viagem… apenas um Jeep e nós os quatro.

Uma vez que não íamos em grupo, foi decidido que as estadias fossem efetuadas em hotéis com pré-marcação.

Numa aventura destas não podemos simplesmente "*dar à chave*" e partir. Assim, tivemos que levar uma série de bagagem que contemplava Água, Sumos, Enlatados, Fogão, Farmácia, diversos tipos de Roupa devido às diferentes amplitudes térmicas que ocorrem durante o percurso e até no mesmo dia, Medicamentos para as eventualidades, etc…

Na bagagem também levámos alguns brinquedos, roupas e material escolar para darmos às crianças que vivem nos locais mais afastados e não têm acesso a estes bens.

Tudo isto "*enfiado*" (mas arrumado), num Jeep de sete lugares, de onde retirámos os bancos do sexto e sétimos passageiros para termos mais espaço.

Primeiro Dia

Saímos de casa pela A2 em direção ao Algarve, com entrada em Espanha pela ponte que atravessa o Rio Guadiana junto a Vila Real de Santo António.

Primeira paragem para almoço e mais meio depósito de gasóleo para chegarmos a Algeciras.

Vamos embora que se faz tarde e ainda temos muitos quilómetros a fazer.

Algumas fotos e filmagens para documentar o primeiro dia.

Já pelo fim da tarde, chegámos a Algeciras onde não faltam ofertas simpáticas de ajuda para facultar alojamento, dormida, e comida.

Não foi necessário usufruir desta oferta, uma vez que já tínhamos reserva no Hotel Almar que fica mesmo defronte do cais de embarque.

Feito o chek-in, foi a vez de jantarmos umas tapas num dos bares da avenida marginal, porque é preciso descansar para a próxima etapa.

O nosso meio de transporte também teve honras de parque fechado "por causa das coisas".

Segundo Dia

Acordar ainda de madrugada porque o posto de controlo fronteiriço abre cedo e é uma grande confusão com todo o tipo de veículos a entrar no ferry.

Depois de muita confusão e atraso lá embarcámos.

Pequeno-almoço a bordo porque à hora a que chegámos ao posto de controlo ainda não havia estabelecimentos abertos.

Ainda a bordo, e para não se perder muito tempo na fronteira marroquina, o controlo é feito por guardas de fronteira que registam informaticamente os passageiros.

Chegados a Marrocos, ainda é necessário novo controlo de passageiros, bagagem e viatura… Como não é muito claro o que

temos que fazer para ultrapassar esta situação, existem sempre uns simpáticos funcionários que nos dão indicações e ajudam a preencher mais alguns impressos a troco de qualquer coisita para um "café".

Finalmente livres de todos estes controlos, lá demos início à nossa viagem em terras Marroquinas.

Rodas na estrada e vamos diretos ao primeiro posto de abastecimento que encontrarmos, atestar o depósito do Jeep, porque por onde vamos os postos de abastecimento podem rarear.

Feito isto apontámos a Rabat, onde visitámos as ruínas da mesquita inacabada de Hassan e do seu minarete e onde visitámos o túmulo de Maomé V de Marrocos, também conhecido como Muḥammad ibn Yūsuf.

Também considerada uma das cidades imperiais e classificada entre outras como Património da Humanidade pela UNESCO.

Esta, como a maioria das cidades que visitámos, deixam vontade de voltar, tanto pelo seu património como pela simpatia dos seus habitantes.

Vamos agora para Meknès, também uma das "cidades imperiais". O centro histórico desta cidade está classificado como Património da Humanidade pela UNESCO desde 1996.

Aqui não tivemos oportunidade de muitas visitas devido à hora tardia de chegada e porque no dia seguinte partiríamos muito cedo.

Ficámos num típico Hotel Íbis, igual aos Íbis portugueses. Mesmo ao lado o Mc Donalds… onde o jantar "soube a pato" após tantas horas de enlatados…

Apesar de ser já noite cerrada, a movimentação e a atividade nas ruas de Meknès foram contagiantes e rapidamente demos connosco a caminho da Medina. Quase 30 minutos de caminhada para encontrarmos apenas muralhas (imponentes à iluminação do luar marroquino) e alguns vestígios das barracas ambulantes já desmontadas àquela hora.

Já de regresso ao hotel com a obrigação de descansarmos em mente, não conseguimos deixar de fazer mais um desvio para visitarmos algumas lojinhas que ainda estavam abertas. Ainda mal tinha começado a viagem e já trazíamos na mala umas camisas marroquinas negociadas ao "preço da uva…" que pareciam ter sido importadas de Itália.

Terceiro dia.

O entusiasmo apaziguou o amargo do despertar antes do sol.

Vamos agora diretos às montanhas do Atlas que, no seu ponto mais alto, ultrapassa os quatro mil metros de altitude. Para quem viaje em transporte próprio, é obrigatória a passagem por estas montanhas. Ainda muito longe, mas já com as montanhas do Atlas à vista, aparecem umas manchas brancas que não acreditamos serem neve, pois onde nos encontramos a temperatura ultrapassa os 20 graus centígrados.

Mas lá continuamos com a temperatura a descer (é necessário ligar o aquecimento do carro) e a estrada a subir….

Com a proximidade, concluímos que o que vimos ao longe é na realidade neve que se estende pela montanha e se amontoa nas bermas da estrada. Mais à frente, começa a nevar e todo o cuidado é pouco mesmo com tração às quatro rodas.

Lá prosseguimos até à Floresta dos Cedros tão peculiar pelos seus macacos da neve que vêm comer à nossa mão.

Não é aconselhável tocar nos macacos, pois, mesmo sendo simpáticos, sempre podemos ser mal interpretados. Também não devemos ter peças de vestuário ou acessórios (cachecol, lenço, óculos) porque são facilmente furtados pelos macacos.

Quando estava a dar bolachas aos macacos, um deles apanhou-me o pacote inteiro e nunca mais o vi…

Quem quiser comprar algumas lembranças também o pode fazer neste local, pois existem aqui algumas lojas.

Finalizado o convívio, continuamos a travessia do Atlas, com uma paisagem alternada por planícies e montanhas, algumas casas de longe em longe. Em algumas das poucas aldeias que atravessamos existem barreiras que, em caso de queda de neve, são encerradas. Aqui corremos o risco de passarmos alguns dias presos no Atlas até que as estradas sejam limpas.

Temos de continuar caminho até abandonarmos as Montanhas do Atlas.

Na saída do Atlas, passamos pelo Túnel do Legionário. Este foi aberto em rocha calcária com Pá e Picareta e tem aproximadamente 50 metros de comprimento por 10 de altura e largura. O túnel foi aberto pela Legião Estrangeira durante o Protetorado Francês em Marrocos, para permitir o avanço das tropas para as regiões mais a sul e a sudeste. A passagem deste túnel é uma porta para as Gargantas do Ziz, onde de repente a paisagem se modifica e podemos contemplar palmeirais, Kasbah's e vales profundos.

A estrada segue lado a lado com o rio Ziz onde, no Verão, é possível fazer o percurso pelo leito seco. Fizemos uma breve paragem junto à ponte que atravessa o rio para tirarmos algumas fotos e, num local que parecia deserto, fomos simpaticamente abordados pelas gentes locais com a intenção de nos venderem algumas lembranças de artesanato. Lá negociámos os preços e, após algumas aquisições, continuámos o nosso caminho.

Com a hora de refeição já atrasada e o estômago a protestar, após mais algumas curvas descobrimos um lago de barragem espetacular para fazer um piquenique.

Estendemos a toalha, tirámos o fogão do Jeep, fizemos sopa (instantânea, porque naquele lugar não temos luxos), grelhámos salsichas, fizemos café, mais umas fotos… arrumámos a trouxa e continuámos viagem até Arfoud.

Arfoud ou Erfoud é uma cidade, município e oásis do sudeste de Marrocos, que faz parte da província de Errachidia e da região de Meknès-Tafilalet.

Aqui pernoitámos no Hotel Xaluca.

É um hotel tipicamente marroquino, tanto a nível de construção como em decoração. Fomos magnificamente recebidos com cantares e danças tradicionais e serviram-nos o típico chá de boas vindas.

Já com "cheiro" a deserto, demos alguns passeios pela zona.

Após um bom banho, ainda pudemos desfrutar da piscina interior do hotel que, tal como os quartos, estava magnificamente decorada com coloridos ornamentos marroquinos.

Ao jantar deliciámo-nos com comida típica… cuscus, kebab's.

Quarto dia

Ainda hospedados no Xaluca por mais um dia, percorremos a zona, que se encontra muito perto do Erg Chebbi, pelas pistas de terra, pedras e areia.

O Erg Chebbi também conhecido como Dunas de Merzouga, é um dos dois grandes ergs (conjunto de dunas) do deserto do Saara de Marrocos. Situa-se a sudeste do centro de Marrocos, a nordeste e oeste de Merzouga e a sudeste de Rissani e de Erfoud, na região de Tafilalet e região administrativa de Meknès-Tafilalet, perto da fronteira com a Argélia.

Fizemos também uma passagem por uma zona que costuma ter uma grande extensão de água, mas na qual, devido à falta de chuva nos últimos anos, só restam alguns charcos, conforme a foto testemunha.

Quinto dia

Dizemos adeus ao Xaluca e rumamos ao Hotel Tombouctou, que, tal como o anterior, também é tipicamente um hotel do deserto e fica situado em Merzouga.

Também com um serviço ótimo e encostado às areias do Erg Chebbi.

Aqui fizemos mais umas incursões pelas areias. Nas areias em pleno dia, se estivermos em silêncio, é possível "*ouvirmos o silêncio do deserto*". *É um silêncio diferente de tudo*.

Sexto dia

Com muita pena, nossa deixámos as areias do Erg Chebbi e dirigimo-nos a Ouarzazate.

Ouarzazate situa-se nos contrafortes sul do Alto Atlas, na confluência dos vales dos uádis (uedes, rios) Ouarzazate e Dadés. É o centro nevrálgico de uma vasta região do sul marroquino, de transição entre as montanhas do Atlas e o deserto do Saara.

Ouarzazate e a região em volta é um dos locais de Marrocos mais usados como cenário por realizadores de cinema de todo o mundo. Além das paisagens, outro dos grandes atrativos da área é a qualidade da luz, com um sol brilhante pelo menos durante 300 dias por ano. Nos anos 1960, Ouarzazate começou a ser um lugar de rodagem de filmes históricos, entre os quais o célebre Lawrence da Arábia, filmado em Aït-Ben-Haddou, uma pequena aldeia classificada como Património Mundial em 1987. A cidade é sede dos estúdios Atlas Corporation e tem um museu do cinema onde estão expostas peças dos cenários e vestuário usados em alguns filmes rodados em Ourzazate, como Kingdom of Heaven (pt: Reino dos Céus).

Sétimo Dia

Partida para Marrakech onde dormimos duas noites no Hotel Riu Tikida Garden.

Antes da chegada a Marrakech fizemos uma visita à chamada cidade perdida Aït-Ben-Haddou, na região de Souss-Massa-Drâa, na antiga rota de caravanas entre o Saara e Marraquexe. Situa-se numa colina do sopé do Alto Atlas, à beira do rio Ounila. A cidade é constituída por um grupo de várias pequenas fortalezas, ou kasbahs, chegando a ter dez metros de altura cada uma. A maioria dos habitantes da cidade vive agora numa aldeia mais moderna, no outro lado do rio; no entanto, dez famílias ainda vivem no ksar.

Ali foram filmados vários filmes famosos, incluindo Lawrence da Arábia, A Múmia, Gladiador, Alexandre e Príncipe da Pérsia, entre muitos outros.

O sítio foi declarado Património Mundial da UNESCO em 1987.

Oitavo Dia

Dia livre para passearmos pela Medina principal de Marrakech. Aqui optámos pela companhia de um guia contratado pelo hotel, uma vez que, devido à área que esta tem e à quantidade de pontos de maior interesse, é o melhor a fazer.

Obrigatório visitar o **Madraçal de Ben Youssef** (escola islâmica) anexo à Mesquita de Ben Youssef, em Marraquech. Abriga alguns dos mais belos exemplos de arte e de arquitetura de Marraquech.O madraçal, onde os estudantes memorizavam o Alcorão, foi fundado pelo sultão Abu el Hassan no século XIV.

Visita à Medina.

Nono e Décimo Dias

Saímos de Marrakech já com viagem de barco marcada de Ceuta para Algeciras, com intenção de pernoitarmos em Espanha.

Mas nem tudo pode correr pelo melhor. Nos dias anteriores, tinha havido mau tempo na Península Ibérica e apanhou uma parte de Marrocos. Devido à intempérie, o porto de Ceuta estava muito danificado e, durante os dois dias anteriores à nossa chegada a Ceuta, não havia movimento no Estreito de Gibraltar.

Por tudo isto, fomos obrigados a adquirir novos bilhetes e a passar umas quantas horas à espera de Ferry.

Ainda dormimos um pouco dentro do Jeep, e pelas 02:00 conseguimos embarcar.

Já não valia a pena dormir em Espanha e foi uma direta até Queluz.

Resumindo:

Viagem a repetir mesmo com o contratempo do último dia, pois tudo faz parte da aventura.

Gentes Marroquinas simpáticas e sempre dispostas a ajudar.

Vítor Antunes
USCAL, Professor Voluntário de Informática

Reformei-me e agora…

Reformar-se implica a transição de uma vida profissional para um outro momento da existência. Passam-se anos em que muitos desejam a chegada deste sonhado momento, mas na altura que o mesmo acontece, nem sempre a alegria é um sentimento partilhado por todos que entram nesta nova etapa.

Como em todos os processos de transição, existe sempre uma adaptação à nova vida, algo que pode ocorrer de forma favorável ou desfavorável conforme os intervenientes no processo.

Somos confrontados com o "Tempo livre". De repente, o esperado tempo para nos dedicarmos às ocupações que a vida profissional do passado não proporcionava, chega. Como geri-lo?

Optámos por verificar o que os temas: USCAL, Tempo Livre e Reforma, poderiam trazer enquanto objetos de estudo. Fizemo-lo de forma sucinta como apresentámos a seguir.

Investigação

A amostra (conveniência) é constituída por 20 alunos da USCAL. Quanto ao instrumento de recolha de dados, os inquiridos escreveram de 3 a 5 frases curtas sobre três temas. Os temas foram apresentados individualmente para que não existisse interferência entre os mesmos. A recolha ocorreu no dia 22/04/2015.

Optámos pela aplicação do método da Análise da Asserção Avaliativa (Osgood, 1959) e pela Análise Categorial Temática (Bardin, 1974).

A Psicologia ensina-nos que as atitudes são predisposições para a ação (comportamento) guiando essa mesma ação no seu sentido. As atitudes são mensuráveis porque tem direção (a favor/contra) e intensidade (fortes, médias e fracas). A Análise da Asserção Avaliativa é um método que procura medir as atitudes de um indivíduo face a um ponto de
apoio a partir de juízo de valor manifestado nas suas opiniões. As atitudes segundo este método variam entre -3 e +3 consoante sejam desfavoráveis ou favoráveis ao ponto de apoio. Assim, 3 (atitude forte); 2 (atitude média) e 1 (atitude fraca), de sinal positivo ou negativo. O zero indica uma atitude neutra. Na nossa pesquisa, encontrámos para o ponto de apoio USCAL, uma média de atitudes de +1.9, isto é, uma atitude positiva de intensidade média, mas muito próxima de uma intensidade forte.

No tocante à Reforma, o resultado mostra-nos uma atitude de intensidade média (+1.27), mas já muito próxima da intensidade fraca.

Finalmente, o terceiro ponto de apoio "Tempo Livre" mostra-nos uma média de atitudes de intensidade positiva de +1.67. De notar que neste tema, 40% dos inquiridos não formularam juízos de valor enquanto nos outros temas, USCAL (90%) e Reforma (95%), estamos perante valores muito próximos da totalidade das respostas.

Esta análise foi complementada pela Análise Categorial Temática em que se agrupam, segundo itens de sentido os juízos de valor formulados. Assim para a USCAL as categorias mais referenciadas foram: Amigos (27,4%), Aprendizagem (21,5%) e

Conhecimento (19,6%). Para a Reforma surge o "Medo" (23,6%) e o "Fazer o que não tive tempo" (23,6%).

Para o "Tempo Livre", as "Atividades Físicas (andar, correr etc.) surgem com 87,5% e as "Atividades Intelectuais (ler, cinema etc.) com 87,5%. No caso da Reforma, torna-se preocupante verificar que é um tema que demonstra um "medo do desconhecido". A USCAL aparece como um contrabalanço positivo, permitindo que as pessoas façam determinadas atividades que não tiveram tempo para o fazer.

No caso do Tempo livre, pela quantidade de pessoas que não emitiram qualquer juízo de valor, 'uns não tem tempo livre' e outros 'o tempo não chega para o que pretendem fazer', sendo um conceito pouco formulado pelos indivíduos. Acabam por serem descritivos e não opinam sobre o tema em si.

Em resumo, dos três pontos de apoio que afetam a vida de muito dos alunos da USCAL, é esta entidade a que obtém resultados mais interessantes, o que representa a sua importância em termos humanos e sociais.

Fonte bibliográfica

Bardin, L. (1979) Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70.

Rosangela Generali
USCAL, Professora Voluntária das disciplinas de
Comunicação Humana e de Escritores e Escritas em Língua Portuguesa

- Ei tu! Sim, tu! Estou a chamar-te. Não ouves? Não queres ouvir? Não levantes os ombros! Não fujas!

- Eu sei! É um problema de saúde pública.

- Desse tipo de saúde? Infecciosos? Não, não estamos infectados, nem somos leprosos! É preciso coragem? É, e muita! O que achas irmã? Não poderíamos ter usado esta coragem para nos levantarmos?

- Levantar-me, irmão? Mas eu levanto-me todos os dias, só não levanto a minha dignidade que se mantém em baixo, dobrada ao peso dos dias. Ficámos sem casa; ficámos sem mãe; morreu o nosso anjo!

- E agora o que fazemos? Nunca trabalhámos, pelo menos desse trabalho, do assalariado, do que vende o tempo a troco de quase nada, quantas vezes a alma, que não retribui com um sorriso, uma palavra agradável, um afago, um carinho, o esforço, quantas vezes a lealdade, a amizade, a entrega, pelo menos eu, que tu eras um publicitário, um garboso publicitário, irmão lindo, cruzavas as palavras umas com a outras, rimava-las, adocicava-las, vendias ilusões, arrastavas donas de casa e consumidores, até que um dia, um homem petulante, sem coração, um dito tecnocrata, te tirou do caminho, bem sei, com mil desculpas, eu não tenho culpa, peço perdão, mas a culpa é de quem nos exige mais cada dia, uma taxa, uma sobretaxa, um imposto, um sobreposto, um custo, um sobrecusto, uma portagem, uma comissão, em nome da dívida, em nome do défice, em nome do *utilizador pagador*, em nome do *pagador poluidor*, em nome da democracia, em nome da sustentabilidade, em nome da política, em nome de um povo, e uma mulher de crista levantada te tirou, nos tirou depois do teu, nosso, que tu sempre foste desprendido, solidário, generoso, o exíguo ganha-pão, o tecto, nosso pobre abrigo, levado por um senhorio ganancioso, ou talvez não, porque também pobre, ou abusado, em nome do contribuinte utilizador, pelo que lhe exigiram de imposto, reavaliado que foi o peso do seu bolso, à procura de qualquer tinido, forte com os fracos, João sem Terra, fraco com os fortes, João com Terra, com a polícia, com as forças armadas, com outros

políticos, que temem, que revezam, donos das nossa vidas, até as esvaziarem, até nos conspurcarem com o mísero assistencialismo, com a derrota do estado social, seja isso o que for, aquele que não vive de esmolas, de coitadinhos, de gestos grandíloquos e *incorrentes*, de festas de recolha de fundos, de socialites, que se julgam o máximo, tiazinhas de trazer por casa, cheias de batom, de rímel, de pó de arroz, quais palhaços ricos que conduzem os pobres até à ravina em que se despenham.

- E têm estes abusadores nome?

- Têm! Eles aí andam, em diferentes geografias, aos magotes, com um brilho escondido nos olhos, com contas na Suíça, imunes à crise, comentadores profissionais de trazer por casa, senhores de redes recorrentes, de interesses, de redes de negócios, de redes de maçonaria, fazedores de notícias sem novas, disfarçados de novas vítimas, algozes sem castigo, inconscientes q.b. quantas vezes das consequências das suas medidas.

- Olha agora aqui! Aqui estamos, prestes ao sacrifício, problema de saúde pública, vírus que ateastes à nossa cidade, cada vez mais, irmãos que descartaste, sombras que não vês, entorpecida pelos vidros foscos da tua viatura, pelo lusco-fusco dos teus óculos escurecidos, ou pelo espelhado que refracte, ou reflecte e reencaminha, com que te passeias, com que te destacas, te diferencias, escuridão que ateaste, coração que se tornou metálico, endurecido, rugoso, gorduroso, cavernoso.

- Olha agora aqui, estamos aqui, nesta plataforma, forrada a azulejos, azulejos antigos, com desenhos da nossa história trágico-marítima, agora trágico-terrena, de mão dada, irmãos para a vida, irmãos para a morte, junto à estação onde sempre morámos, antes de sermos despejados, despojados do mínimo de dignidade, pela tua ideologia liberal, a vida a quem a trabalha, a vida a quem a merece, pelo esforço, pelo sucesso, pelas vitórias, pelas conquistas de todos os dias, contra a preguiça, contra as armadilhas da vida, a favor do elevador social, não oleado, travado no seu funcionamento, no seu funcionalismo, no seu mecanismo, por uma cunha, que não é um factor, apenas uma realidade da vida, a sorte e o azar, a sorte a quem a merece, a quem a procura, a morte ao fraco, ao excluído da condição, ao excluído da sorte.

- Mas eu nasci pobre, nós nascemos pobres, não vivemos uma infância de maravilha, tivemos apenas uma mãe, que nos mimou, que nos adorou, que nos glorificou, mas nunca fomos cristãos, isso deixamos para os outros, para aqueles que dizem ter coração, para os poderosos, para os influentes, para os que vivem na teia, alguns na corrupção, mesmo que seja só dos sentidos, dos interesses, das oportunidades, dos oportunismos, nem todos são como tu, nascido em berço de ouro, inteligente, bem provido, confiante, delirante, narciso, mentiroso, da raça dos que nunca têm dúvidas, raramente se enganam, daqueles que rejeitam a sua infância, as suas raízes, a sua condição de seres frágeis humanos.

- E agora, nós, de nosso nome Pedro e Cristina, moradores de uma outra rua de Angola, que não a Angola da nossa infância, nos cinquenta, que já não nos dá esperança no futuro, nem esperança em ti, desesperados, sós, com falta de dinheiro, em pobreza extrema, falta do outro solidário, sem abrigo nas ruas desta Lisboa, deste mundo, vizinhos dos que vivem em alçapões, em caixas de cartão, debaixo de tampas de esgoto, uns alienados, outros dormentes, outros deficientes, outros anestesiados, outros doentes, outros enlouquecidos, outros sem memória, madrasta para muitos, amiga para muito poucos, esperamos o trem que nos levará ou arrastará para sempre, para fora desta estação, desta camisa-de-forças da nossa condição, da pobreza malvada, que nos tornará para sempre viajantes sem bilhete, vitalícios fantasmas da nossa cidade, a quem chamaram outrora polis, e do teu, do seu, carácter.

«Fico muito triste. Eles não tinham ninguém», contou Maria Otília, 77 anos, prima afastada e única familiar notificada a M., através daquelas páginas enegrecidas do jornal da manhã, correio, no ano anterior à sua morte, ano posterior aos cem anos de comemoração da implantação da república, ano em que repousavam nos cemitérios dezenas ou centenas de milhões de vítimas da história como ensinamento, ou esquecimento, irmãos colaterais, em nome do desespero, muros de mahjong, que somos incapazes de derrubar.

(O desespero pela falta de dinheiro e a solidão de Cristina e Pedro, dois irmãos de 53 e 57 anos, que viveram o último ano

como sem-abrigo, nas ruas de Lisboa, acabaram anteontem à noite em tragédia.

Os dois decidiram pôr termo à vida, lançando-se para a frente de um comboio, às 21h30, na estação de Paço de Arcos.

Cristina teve morte imediata, mas o irmão Pedro foi ainda transportado com vida para o Hospital de S. Francisco Xavier, Lisboa, vindo a falecer de madrugada devido aos múltiplos traumatismos.

As razões para a tragédia estão explicadas numa carta de despedida, encontrada no bolso das calças de Pedro – desempregado há anos, depois de ter trabalhado numa empresa de publicidade. A irmã nunca trabalhou.

"Estava escrito que se sentiam abandonados e viviam em pobreza extrema devido à crise económica", diz ao CM (Correio da Manhã), fonte policial.

"Fico muito triste. Eles não tinham ninguém", conta Maria Otília, 77 anos, prima afastada e única familiar notificada.

Cristina e Pedro viveram sempre com a mãe na casa arrendada na rua de Angola, Lisboa, até à sua morte no ano passado, aos 88 anos. Foi aí que os dois se viram despejados e tiveram de viver na rua, até terem acabado com as próprias vidas. Por: sara g. carrilho; Correio da Manhã; 21/09/2011.)

NOTA:

***…pedro e cristina* é um conto retirado do meu livro de contos/recontos *O Futuro É Passado No Presente* (pg. 149-155), terminado em 2012 mas apenas editado neste ano de 2015.**

Pedro A. Sande
USCAL, Professor Voluntário da disciplina de
Temas Actuais de Economia/Política/Gestão

As casas novas e as formigas

Cada vez que a petiz passava com a mãe, ou com a avó, junto daquela casa tão grande, velha e medonha e lhe ouvia chamar "casas novas", ficava intrigada!

Mas por que seria que a mãe e avó lhe chamavam assim?

A casa metia medo! Era uma casa enorme, quadrada, austera e imponente, feita com grandes pedras graníticas, escurecidas pelo tempo e cobertas de musgo verde. Uma escadaria também de granito que terminava numa varanda gigante que olhava para uma vinha, igualmente enorme. Um telhado com telhas muito velhas que deixavam a descoberto enormes vigas de madeira que teimavam em manter-se em pé!

Uma casa velha, cheia de "feiticeiras" que levavam para dentro tudo quanto os miúdos nas suas brincadeiras enfiavam pelo buraco da porta - o buraco dos gatos! Apenas durante o dia, porque durante a noite nenhum deles se atrevia a aproximar-se dela!

O buraco dos gatos era meio redondo e igualmente medonho. Eles passavam por ali, nem sei como! Era tão estreito! Mas eles queriam apanhar os ratos e esgueiravam-se com uma perícia danada!

Um dia, a petiz pediu à avó para lhe contar a história das casas novas, que afinal eram as mais velhas da aldeia.

- Sabes que, há muitos, muitos anos, a nossa aldeia não era aqui. Era do outro lado da ribeira, além para o lado dos "lamegais velhos".

- Aquele caminho horrível cheio de pedras, onde eu tantas vezes esfolo os joelhos, avó? Não gosto de ir para lá!

- Sim, esse mesmo! Então tu não vês que há por ali pedaços de paredes que lembram casas?

- Sim, sim avó! Conte, conte lá avó!

E a avó continuou, com aquela paciência e amor, transbordando dos seus olhos azuis.

- Conta-se que começaram a aparecer por ali formigas gigantes que comiam tudo quanto apanhavam na sua frente e ainda atacavam as pessoas. Mordiam-nas e causavam feridas tão grandes

que os aldeões começaram a ficar cheios de medo de que alguém morresse.

Um dia, os homens da aldeia reuniram-se em assembleia e decidiram que tinham que mudar todas as casas da aldeia para a outra margem da ribeira, o mais longe possível das formigas.

Assim, logo a família mais rica mandou que fosse construída a primeira casa do outro lado da ribeira e chamaram-lhe orgulhosamente "casas novas". Porque a casa era nova e porque foi o início da nova aldeia. Depois foram construindo as outras casas, muito mais pequenas, e aos poucos foi nascendo outra aldeia. Esta onde agora nós vivemos! E é por isso que sempre ficaram com o nome de "casas novas"

- E as formigas não vieram atrás deles, avó?

- Não, minha querida, não vieram! Foi há muitos anos, sabes. Tantos que já não existe ninguém que nos possa contar como aconteceu realmente.

- Por que não escreveram avó?

- Ora, porque naqueles tempos quase ninguém sabia escrever.

- Avó, eu acho que eles devem ter esperado pelo Inverno, que é quando a ribeira leva muita água, para mudarem para cá. Assim, as formigas morreram todas afogadas. Eu gosto da nossa ribeira avó, é muito bonita e valente!

A partir daquele dia, a petiz passou a olhar para "as casas novas" com outros olhos.

Afinal, a casa não podia ser assim tão medonha! Era o símbolo, o início de uma nova aldeia. A sua aldeia!

Maria Pereira
USCAL, Professora Voluntária da disciplina de Inglês

A Vida é Movimento

A vida é movimento. A morte é repouso. A matéria, embora dotada interiormente de interacção nas suas partículas elementares, afigura-se aos nossos olhos como inerte, - representando simbolicamente a morte -, por não evidenciar sinais de movimentação exterior. A morte é vencida pela vida ou energia cósmica que penetra tudo o que existe. Desta forma se operou um salto evolutivo, já que da morte que a matéria representa pela sua inércia, passou-se à vida pela acção da energia. A morte e a vida são, assim, as duas faces de uma mesma moeda, porque toda a manifestação terrena envolve o cruzamento da matéria com a energia.

Na nossa vida pessoal as coisas obedecem à mesma lei.

Porque os corpos que habitamos, emanam do mundo da forma, há uma tendência instintiva e natural, porque biológica, para a imobilidade, para a ausência de esforço e inacção. Mas, porque também nos habita o espírito da vida, queremos a mudança, a evolução e sentimo-nos impelidos a trabalhar nesse sentido. Quanto maior é o nível de consciência alcançado, mais capazes estamos de assumir a responsabilidade de operarmos sobre a nossa história e esforçarmo-nos para que a evolução se processe, isto é, maior a tendência para o movimento ou mudança.

Parece, pois, que nos distanciamos do propósito da vida, quando nos recusamos ao trabalho que nos é pedido, de combater a morte e a transformar em vida, sabendo que aquela é apenas uma fase do processo de mudança que esta implica.

É, por isso, compreensível, que as pessoas ainda não despertas para a vida espiritual, e por isso inconscientes do propósito superior da humanidade – o de trazer o céu à terra, ou seja a vida à morte, o espírito à densidade –, se remetam para uma passividade, uma inércia interior, em resultado do enfoque na sua dimensão material, que tende, como vimos, para a inactividade e resistência à mudança, que sugere a morte.

Nesta fase, deixam-se os seres arrastar ao sabor das circunstâncias exteriores, esperando que elas lhes tragam a

resolução dos problemas, porque não é ainda o princípio dinâmico do espírito que está em acção, que impele a uma intervenção activa sobre aquilo que acontece, na linha de uma assunção responsável pelo processo de mudança em que tudo se encontra envolvido. Com aquela atitude, as transformações são paulatinas e se o ser humano procura alterar o sentido da sua vida, fá-lo não tanto na base de uma auscultação interior para que as acções cumpram o plano evolutivo, mas alterando os factores externos e ambientais, que porventura obstruam a realização dos seus os desejos pessoais.

Podemos, assim, concluir que, nas primeiras fases de crescimento da consciência humana, e como sinal da tendência terrena para a inércia ou morte, é esta que prevalece, como factor de normalidade, sendo necessário o impulso de uma consciência acrescida onde a vontade impera, para que o homem ou a mulher se sintam motivados a realizar uma intervenção activa sobre a sua própria vida, fazendo conjugar os factores internos provenientes da consciência íntima e os que emanam do ambiente que os rodeia. Só, então, se poderá falar de verdadeiro trabalho humano, já que toda a agitação corporal ou preguiça activa que antes prevalecia incidia na zona periférica do ser, ficando assim o homem e a mulher incapazes de corresponder cabalmente à tarefa que lhes foi cosmicamente atribuída, de converter a matéria em vida, espírito e luz.

Margarida Branco
USCAL, Professora Voluntária da disciplina de
Reflexões sobre Vida/Universo/ Ser Humano

As Pessoas

As pessoas são uma palavra bonita!
Passeiam-se pelo universo, fazem travessias de luz e cheiros e são enormes.
Enormes, as pessoas como o pensamento e como a alma e como as vozes cheias e como os dias e as noites e como o céu estrelado e como o aconchego que elas carregam aos ombros.
As pessoas dividem escuridões e sóis e sustentam-se com os olhos do outro, conchas abertas em oceanos por achar.
As pessoas vão de pensamento em pensamento, baloiçando sonhos de letras num murmúrio velado.
As pessoas voam em bandos à procura de estrelas que desenhem o seu caminho e do arco-íris de cada uma.
As pessoas atravessam pontes para chegar a outros lugares desconhecidos , aventuram-se por rios e mares.
As pessoas abrem-se como as flores e enfeitam os jardins de todos nós.
As pessoas sabem acariciar os dias, devagarinho, e com sorrisos quentes.
As pessoas entram pelos nossos olhos sem precisarem de palavras e de explicações, só a luz fala por elas.
As pessoas acendem a vela na escuridão para verem melhor a noite dependuradas na lua.
As pessoas têm tempo e inventam mais tempo para estarem felizes de mãos dadas com os anos.

Emília Gomes da Costa
USCAL, Professora Voluntária da disciplina Poesia

NOTA:
Este livro não segue as regras do Acordo Ortográfico

Ficha Técnica

Edição: Junta de Freguesia da
União de Freguesias de Carnaxide e Queijas
Coordenação: Professora Voluntária Helena Marques
Capa, ilustrações e coordenação gráfica: Rita Alves
Impressão: Sogapal, Comércio e Indústria de Artes Gráficas, S.A.
Data: Maio de 2015
Depósito Legal: 393817/15